

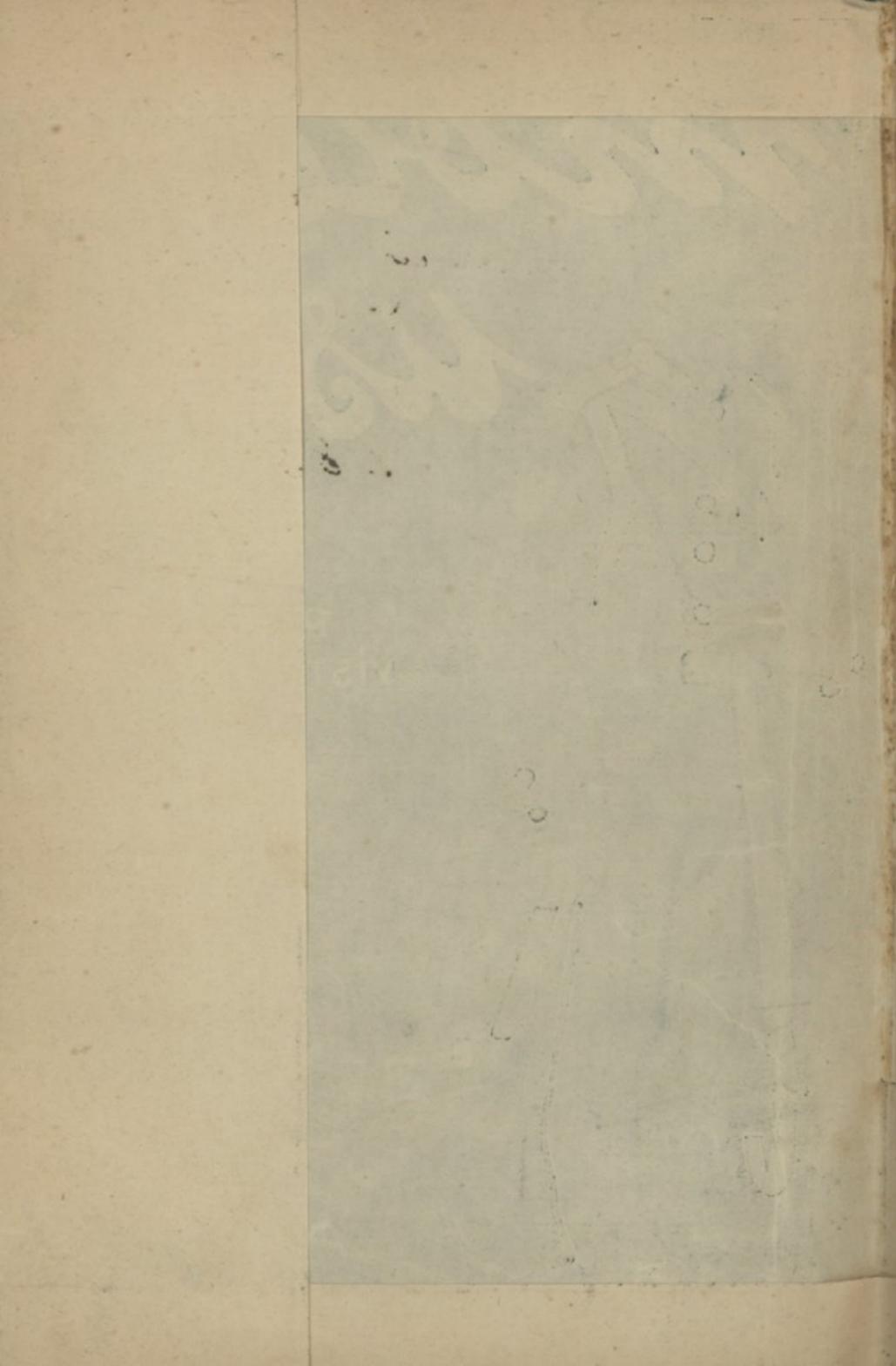
LEAL DA CAMARA

mirem ustedes

PORTUGAL
VISTO DE ESPANHA

L.
77

CHARDRON - Lello & Irmão, editores - PORTO



~~24. 2. 1917~~

Deu entrada em 3
de abril de 1917
Sul

Registrado a fl.° do livro n.°
n.° 1283

Miren ustedes

A.F. 26438

LEAL DA CAMARA



Miren ustedes

Portugal visto de Espanha



PORTO

Livraria Chardron, de Léo & Irmão.
editores — Rua das Carmelitas, 144

1917

A propriedade literária e artística está garantida em todos os países que aderiram à Convenção de Berne — (Em Portugal, pela lei de 18 de março de 1911. No Brasil pela lei n.º 2577 de 17 de janeiro de 1912).

A CAMINHO DA ESPANHA

Uma viagem à Espanha, em tempo normal, é sempre uma viagem de prazer: mas agora, neste momento crítico em que o vizinho Portugal entrou na guerra, em que as fronteiras estão fechadas e em que foi necessária tôda a influência de vários ministros e a interferência do próprio Presidente da República para conseguir uma autorização especial que me permitisse sair do território portugês, agora, repito, não é uma simples viagem de recreio, mas *algo sério* que con-viria meditar se eu não conhecesse o carácter desta raça espanhola, com as grandes qualidades inerentes aos verdadeiros fidalgos e incapaz da mais pequena impertinência — mesmo àquele que, como eu, vai saber qual o sentido exacto que

tem esta nação a respeito da guerra em geral e da atitude portuguesa em particular.

E, foi pensando no programa de acção que ia desenvolver para esclarecimento dos leitores do jornal do Rio de Janeiro — «A NOITE» — que fui rodando na minha carruagem, seguindo o curso pitoresco do rio Douro cujas encostas, trabalhadas de baixo a cima pelo esforço quasi titânico dos habitantes dessa região, atestavam claramente o drama rural que se chamou o filoxera e a energia espantosa, digna do mais absoluto respeito, dessa raça portuguesa que soube em mil ocasiões combater os males da natureza, como soube, através a história, lutar contra os males da sociedade.

Esta região do Douro é a prova da energia indomável de uma raça inteligente que tem um tão alto sentido do carinho por aquilo que é a sua terra, isto é, o sentido do patriotismo e o sentido, mais augusto ainda, da liberdade.

E, foi no gôzo dêsse espectáculo que se desenrola por montes e vales, a distância de léguas e léguas, que cheguei à fronteira — único e solitário português — olhado com surpresa e desconfiança pelas autoridades locais da policia de emigração.

— «O passaporte?» pediu-me um funcionário.

Estendi-lhe o papel cheio de carimbos e depois de o examinar detidamente, devolveu-mo com certo espanto por ver um português possuir um tal documento.

*
* *

Alguns minutos depois, levava-me o combóio ao interior das terras espanholas, de uma paisagem completamente diferente daquela que eu atravessara em Portugal.

O primeiro aspecto é rude e grandioso. Pouca vegetação e penedias sôbre penedias azuladas destacando num céu cinzento onde rebolam nuvens gigantescas.

Mais adiante, já começa à verdadeira paisagem espanhola, plana e interminável. Paisagens baixas como as que pintam Zuloaga e Anglada e como as que pintaram Velazquez e Goya por entre as pernas dos seus retratos.

Não tem o garrido pitoresco das regiões andaluzas, mas tem a seriedade, a dignidade e a tristeza que as faz sedutoras pelo seu intenso carácter pictural.

À beira dos caminhos, à porta das estalagens e às estações do caminho de ferro surgiam, como

que numa evocação do passado, os rudes tipos romanos da gente das aldeias, de uma rudeza estranha, de uma solidez absoluta e de um carácter perfeito.

Tipos de escultura, já feitos, já sintetizados, já estilizados...

Dá vontade de perguntar, como António Nobre o fez para os pintores das coisas de Leça:

— Onde estais, ó escultores espanhóis, que não vindes esculpir?!...

*

* *

Recostado no canto da minha carruagem eu via passar as casas, as árvores e as escuras manchas das terras lavradas.

De vez em quando, um casal branco aparecia e desaparecia. Ouviam-se, ao longe, os guisos das mulas puchando velhas e anacrónicas diligências, como nos tempos de *Gil Blas de Santillana*, a caminho de Salamanca.

Pairava na natureza e nas coisas uma grande serenidade.

Eu espreitava curiosamente pela portinhola na ansiedade de ver as famosas tropas que, di-

zia-se em voz baixa em Portugal, a Espanha mobilizara na nossa fronteira.

Não se via nem um regimento em manobras, nem uma simples fôrça de dois soldados e um cabo!... Só uma que outra *pareja* da *guardia* civil, com o seu fardamento cinzento e amarelo, aparecia na linha branca das estradas, com as suas chapeletas de oleado negro.

A famosa mobilização espanhola era perfeitamente invisível e a Espanha surgia aos meus olhos, sob o aspecto de Esfinge misteriosa que, à maneira do soneto de Arvers, «*avait son secret et son mystère...*»

*

*

*

Não basta, pus-me eu a pensar, ir perguntar ao acaso ao primeiro político ou a qualquer literato o que êles opinam pessoalmente da atitude portuguesa e das suas consequências. Isso não representaria a opinião pública. É necessário inquirir das várias correntes opostas. É preciso fazer como o médico que intenta um diagnóstico: — inclinar-se sôbre o paciente e tomar-lhe o pulso. Sentir latejar o sangue nas veias e nas arté-

rias, escutar o bater do coração e o ruído curioso do ar entrando e saindo dos pulmões.

Depois, é indispensável reconhecer esse outro mundo diferente que existe em cada indivíduo e que é o mundo da alma. Reconhecer a psicologia, descortinar as suas características, os seus desequilíbrios, o grau da sensibilidade e qual a força da sua vontade. Concluir das tendências, as futuras manifestações da sua energia.

Uma nação é como um indivíduo e por isso mesmo preciso é também conhecer o seu passado que, no caso da Espanha, é magnífico; lembrar-se do esforço que ela fez — sobretudo no século xvii para o bem da civilização. A sua literatura, a sua arte e as suas armas passaram todas as fronteiras e foram por esse mundo fora atestar do esforço espanhol. As Flandres na Europa e as Américas lá ao longe, para além do Atlântico, foram testemunhas dessa energia que tomou como base e pretêxto — a religião; mas é preciso ter a lialdade de reconhecer que foi talvez a Espanha a única que lutou, se cansou e quási se esgotou sinceramente por essa modalidade do ideal que se chama a Fé, e esta sinceridade, dá-lhe direito ao respeito universal, tanto mais que, nessas épocas, a palavra religião era sinónima de civilização.

É necessário também considerar a sonolência desta nação cansada de tanto labor.

Os outros povos lutaram por sua vez e foram transformando o mundo das idéas. A revolução francesa que perturbou a consciência universal, foi o resultado lógico da degenerescência política de que sofria tôda a Europa e das novas actividades que se demonstravam na filosofia com as teorias de Jean-Jacques Rousseau e mais ainda com as de Diderot.

O problema das democracias aristocratizadas pela instrução, tomou vulto e intensidade prática nos países europeus.

Esta cultura, que foi puramente intelectual durante mais de um século, tornou-se a pouco e pouco, pelas necessidades modernas do progresso e da civilização, em cultura técnica que é a expressão mais actual da instrução.

A própria arte abandonou os seus antigos caminhos de empirismo e de ideal intangível para se tornar social e decorativa.

A Espanha ficou nos antigos moldes; parada, reagindo passivamente contra a grande corrente que transformou as antigas sociedades nas democracias modernas.

A instrução continuou em Espanha a ser considerada como um elemento de perturbação e o

analfabetismo deixa, ainda hoje, onze milhões de habitantes dêste país, no mais absoluto isolamento do mundo civilizado, conforme declarou ultimamente num discurso aos professores primários reunidos num banquete, o actual ministro do fomento, Snr. Rafael Gasset.

Há poucos anos, contudo, a actividade e o patriotismo de D. Francisco Ginner de los Rios, organizando a instrução universitária e preparando a campanha de propaganda seguida depois pelos seus eminentes discípulos *Rubio* que se dedicou à instrução, *Cossio* que desenvolveu o museu pedagógico e *Castillejos* que é o prático divulgador do que é hoje a *Libre Ensañanza*, transformaram a pouco e pouco a sociedade espanhola, criando êsse núcleo novo que se chama *Classe média inteligente* e que é a base da burguesia moderna.

Essa influênciã tem sido tal, que no momento presente a Espanha é dirigida politicamente pelos representantes dessa minoria liberal.

É preciso, pois, descortinar se num dado momento em que a política estrangeira agita os fundamentos desta sociedade, ainda imperfeitamente amalgamada pelo ilógico da sua evolução para a cultura moderna e pela falta evidente da homogeneidade de certas regiões peninsulares, se

o preponderante será a minoria culta que governa e representa a classe média ou se será a reacionária maioria constituída pelo povo ainda inculto e inconsciente, pelo clero voluntária e tendenciosamente oposto a tudo quanto não seja regresso ao passado e pelo exército que razões várias predispõem à simpatia pela organização militar alemã.

É isto que deve ser o campo da curiosidade durante a minha permanência em Espanha.

*

* *

Em Medina, quando o combóio ia partir, levantou-se um rumor na estação.

Os passageiros olhavam pelas portinholas, os empregados deixavam de trabalhar e os *guardias civiles* abandonavam a rigidez militar.

Ouvia-se um nome a correr de bôca em bôca: — *Joselito!*

Éra o grande *Gallito*, o toureiro moderno que com Belmonte divide a opinião espanhola em duas partes: *Joselistas* e *Belmontistas*.

Acabara de tourear na região e voltava a Madrid no mesmo combóio em que eu viajava.

Seguido pela sua *quadrilla* de toureiros, passou pelos corredores, alto e esbelto, sob o olhar enamorado das mulheres e a admiração dos homens.

Joselito instalou-se sozinho numa carruagem. A *Quadrilla* distribuiu-se pelas carruagens vizinhas. Ao meu lado sentou-se o bandarilheiro do ilustre *diestro*.

Ora aqui está um espanhol, pensei eu, que é indispensável entrevistar.

O toureio em Espanha é quasi uma religião. É, pelo menos, uma função social.



O povo subvenciona, segundo reza uma estatística, trezentos milhões de pesetas anuais para o exercício do toureio e levantou quatrocentas e quinze praças de touros dentro do território espanhol.

O toureiro representa uma força e é uma opinião.

Se os beligeran-

tes, interessados na opinião política espanhola, tivessem outros métodos de influência diferentes da diplomacia oficial, teriam tentado conquistar os grandes toureiros.

Êles levam, diz o periódico *La Semana*, alguns milhões de pessoas atrás dêles e talvez essa multidão fosse de utilidade na balança das simpatias e das antipatias.

Pareceu-me, por isso, necessário entrevistar o grande *Joselito*. De resto, é tão essencial saber em Espanha a opinião de um toureiro, como em Portugal conhecer a maneira de ver de um cônego de Braga.

Os dois tipos são similares na psicologia. Sómente, o cônego não toureia e o toureiro não diz missa, mas ambos teem a mesma noção da vida e são admirados por um semelhante prestígio.

Dirigi-me ao bandarilheiro e expliquei a minha missão:

— «Venho a Espanha saber o que se opina da guerra. *Joselito* é um grande toureiro e uma entidade de destaque nesta terra espanhola. Faça-me o favor de pedir ao ilustre *Gallito* que me receba para que falemas sôbre êstes assuntos».

O bandarilheiro olhou-me com aquela serie-

dade tão característica nos toureiros e foi ver o *diestro*.

Passaram-se minutos e minutos. Horas foram decorrendo a pouco e pouco e o combóio seguia já, de manhã, pelas regiões históricas de Oropeza e de Toledo.

Joselito não respondera ainda e o bandarilheiro não voltara.

Mandei um bilhete de visita por um picador da *Cuadrilla* dizendo o meu interesse em falar com o grande toureiro.

Passado um instante, apareceu o bandarilheiro. Avançou protocolarmente, com o *sombrero de ala ancha* inclinado sôbre os olhos e, depois de uma ligeira saudação, perguntou-me:

— «*Pero, que desea usted al maestro?*»

E, como eu lhe respondesse que desejava saber o que *Joselito* opinava da guerra mundial e da participação portuguesa, o bandarilheiro, tomando uma atitude cheia de dignidade, deu esta resposta curta, simples e definitiva:

— «*Él maestro, çs por la neutralidad!*»

*

*

*

Esta frase deveria eu ouvir, cem vezes repetida, na bôca de grande número de personagens que eu ia entrevistar e infelizmente, num sentido tão inconcreto como o que lhe dera pitorescamente o famoso *Joselito*...

DON JOSÉ CASTILLEJÓS

O povo espanhol pode perdoar que o ofendam, mas não suporta que se riam d'ê!...

O ilustre homem de sciência, político e divulgador da instrução que é Don José Castillejos, levou a sua amabilidade até vir ao hotel de Roma conversar com o representante da *Noite*.

Don José Castillejos era uma das pessoas que o Snr. Dr. Bernardino Machado me recomendara instantemente de vêr pela alta significação da sua personalidade em Espanha sob o ponto de vista cultural.

O meu entrevistado procede da *Institucion Libre de Enseñanza* fundada por Don Francisco Ginner de los Rios e que tanta influênciã tem tido na Espanha.

Don José Castillejos, que se dedicou à exten-

são prática e eficaz do espírito da *Instituição*, busca por todas as formas evitar os mil enredos



Don José Castillejos

administrativos que complicam e matam por vezes as melhores iniciativas.

Castillejos teve entre outras idéas, a de rea-

lizar a famosa *Residência de Estudiantes* e a *Junta de Pensiones en el extranjero*.

A cultura do illustre espanhol é alemã, mas Don José Castillejos está longe de aceitar cegamente, sem discutir, o *Credo* germânico, apesar de ser o divulgador de certos livros alemães, como o de *Kohler*, a respeito de *Filosofia do Estado* que êle traduziu para espanhol.

O professor Castillejos está acostumado a falar e a expressar as suas idéas.

De maneira que é quási êle quem conduz a entrevista, falando com precaução, devagar, para que eu possa seguir exactamente a sua exposição e tomar as sucessivas notas.

O Snr. Castillejos começou:

— «Espanha tem vivido isolada durante muito tempo mas, desde 1907, ela está unida às outras nações, graças ao seu movimento cultural.

«Hoje, existe um movimento de intercâmbio intelectual com o estrangeiro, sobretudo com a França, com a Alemanha e com a Bélgica.

«Quanto a Portugal, a Espanha ignora, por assim dizer, a existência dêsse país.

«As classes cultas, certamente conhecem alguma coisa, mas olham com indiferença e voltam as costas ao país vizinho.

«Portugal tem uma vida *atlântica* e Espanha

tem quási tôda a sua vida marítima localizada no Mediterrâneo.

«Este facto influe em que os dois países se voltam as costas».

O Snr. Castillejos parou um instante para pôr as suas idéas em ordem segundo um plano que êle certamente já pensara e depois continuou:

— «Quando veio a República, o clericalismo espanhol recebeu a notícia com desgado.

«Em outras regiões causou também surpresa desagradável a implantação da República, e tanto assim é que as várias tentativas de restauração monárquica foram patrocinadas por elementos palatinos.

«O ministro Canalejas, que estava no poder, foi ao palácio rial, mostrou ao Rei o problema de Portugal e pediu a neutralidade da Espanha.

«Exigiu também a distituição dos governadores das províncias onde se preparavam essas incursões.

«Desta *démarche* e, bastante também em virtude da atitude inglesa com respeito a Portugal, resultou um certo respeito pela República.

«O Rei compreendeu o perigo que corria a pretendida restauração desejada por vários elementos e, entre outros, pelos militares espanhóis.

«Um grupo de homens inteligentes, pertencen-

centes a todos os partidos, resolveram fazer uma aproximação entre Portugal e Espanha.

«Até o próprio Snr. Sanches de Toca aceitava uma *entente* com o país vizinho, e êste projecto foi comunicado aos políticos mas tropeçou em certas dificuldades existentes entre os dois países como, por exemplo, interesses comerciais e pescarias.

«O Rei não via esta *entente* com desagrado e chegou-se a preparar uma excursão de intellectuais a Portugal, da qual eu era organizador. Entre os professores que iam, encontrava-se o sábio Ramon e Cajal; mas o projecto gorou porque o ministro de Portugal, Snr. Vasconcelos, o achou um pouco inoportuno por causa da guerra europeia. Mas esta idéa não se perderá. Logo que seja possível irá uma missão a Portugal. Talvez sejam os delegados do partido *reformista* com Melchiades Alvarez à frente de outros políticos. Eles irão dizer a Portugal que êsse partido incluirá no seu programa uma *entente* com o país lusitano».

— E que lhe parece a participação de Portugal na guerra?

— «A guerra de Portugal não affectou a Espanha. O nosso país quiere ser neutral. A grande maioria deseja a paz.

«Uma minoria, com tôdas as esquerdas e parte das direitas querem uma aliança com Portugal e só há hostilidade por parte do carlismo e da gente fanática do clero.»

— E o exército?

— «O exército está absolutamente reduzido ao silêncio.

«Nas côrtes o chefe do govêrno ponderou a deficiência do exército para exercer a sua função. Falta material de guerra e falta instrução militar.

«O presidente Dato também era desta opinião e disse-o públicamente.

«Este discurso produziu grande reboliço e, desde então, começou uma certa preparação militar, mas esta preparação não tem outro objectivo senão a costa de África».

— Não haverá outros projectos militares?

— «Não há, pode estar certo. *Marrocos basta para satisfazer as aspirações militares de fácil acesso aos póstos elevados e assegurar as condecorações que desejam os officiais.*

«Por agora, portanto, não existe a mínima razão de estar inquieto.

«O militarismo, que é um perigo mais grave ainda que o clericalismo, está por agora conjurado. Tanto mais que a unanimidade espanhola

é pela neutralidade e por isso o partido militar não pode continuar o seu caminho.»

— Mas, disse eu, uma nação importante como a Espanha deve ter consciência de algumas responsabilidades internacionais que lhe incumbem.

— «Olhe, ao principiar a guerra, a grande massa espanhola ignorava o que significa Inglaterra, Alemanha, e França, mas o facto é que se operou o fenómeno de uma simpatia romântica pela Alemanha.»

— E as causas dessa simpatia?

— «Pois uma das causas foi a influéncia clerical. Os padres disseram que os alemães eram representantes destas duas cousas fundamentais: A ORDEM e O ADIANTAMENTO TÉCNICO.

«A França foi mostrada como herege, como a pátria do anarquismo, do vício e do luxo.

«Explorou-se a ignorância espanhola dizendo que o que é mais necessário à Espanha é a ordem e o adiantamento técnico e que só a Alemanha podia convir como mentora.

«Fez-se crer que a Inglaterra era a inimiga particular da Espanha e a opressora do mundo inteiro.

«A Inglaterra era o país que nos arrebatara Gibraltar.

«Veio fortificar esta série de informações o facto de que os francezes não cuidavam das boas relações com a Espanha.

«Os francezes tiveram, como sabe, certas dificuldades com a Espanha, mas a esta chegou a notícia de que os francezes troçavam com os espanhóis.

«Em apoio desta notícia vinha a literatura franceza que sempre se occupou dos nossos costumes e do nosso carácter nacional de uma forma brincalhona e anedótica.

«Espanha tem o prestígio da sua dignidade e ofendeu-se mais com a troça do que se resentiria com uma perda material.

«O povo espanhol pode perdoar que o ofendam, mas não suporta que se riam dêle!

«Quanto aos ingleses, olharam sempre para Espanha como quem olha para uma cathedral em ruínas, para um objecto curioso.

«O inglês nada fez para as boas relações culturais. Nunca fundou uma grande escola em Espanha nem enviou até nós uma intelligência notável do seu país.

«A Inglaterra limitou-se a comprar frutas à Espanha e a vender-lhe os seus productos sem se preocupar com os gostos espanhóis.

«Pelo contrário, a Alemanha procurou estudar os costumes e os gostos de Espanha.

«Os alemães tiveram o cuidado de reconstituir os velhos tecidos espanhóis e observaram o carácter das nossas regiões para fazerem indústria que pudesse convir à Espanha e, estas atenções, causaram uma grande simpatia pelos alemães».

— Mas, julga nesse caso que o povo espanhol é unânimemente germanófilo?

— «Não. Todos os que tem uma responsabilidade directiva estão com os aliados».

— Porquê?

— «Antes de mais nada por dever patriótico, por precaução».

«A Espanha tem interesses ligados aos seus vizinhos e daí, a orientação que deve seguir na sua política estrangeira.»

— É, pois, de opinião que se deve quebrar a neutralidade a favor dos aliados?

— «Não quero dizer isso!... Espanha deve continuar neutral, pois a quasi unanimidade assim o opina».

«Uma possibilidade de intervenção ou maior inclinação para um ou outro beligerante depende da propaganda dos aliados que tem sido até aqui muito inferior à da Alemanha».

«Brevemente virão a Madrid: Rostand, Bergson, Imbert de la Tour, Richepin e talvez Paul Bourget para fazerem conferências. A *Comédia*

Francesa também virá dar umas representações, mas isto é ainda insuficiente.»

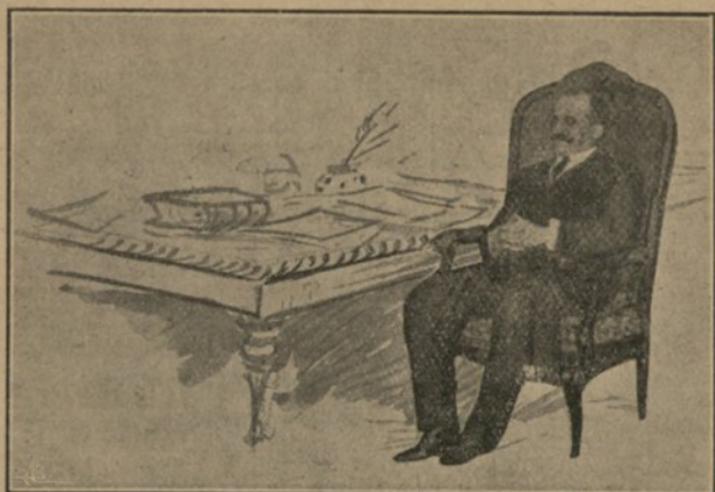
— Então qual seria o processo, a seu ver, de os aliados ganharem as simpatias espanholas?

— «Muito simplesmente: A *Inglaterra devolveria Gibraltar à Espanha* e êsse gesto seria popular e de grandes consequências políticas».

— Mas parece-lhe isso possível e compatível com os interesses ingleses?

— «Claro que sim. A *Inglaterra* nada perderia, pois fortificaria a parte fronteira a *Gibraltar* e dominaria o estreito com a mesma eficacia de agora.

«Êste acto e a inclusão de *Tanger* na zona espanhola seriam duas medidas políticas que entusiasmassem a opinião pública espanhola sem tirar nenhum proveito aos ingleses e aos franceses.»



O Conde de Romanones (presidente do conselho)

O ENVIADO DA «NOITE»
ENTREVISTA O CONDE DE
ROMANONES

(Presidente do conselho espanhol)

O presidente do conselho espanhol coincide com o personagem mais importante e mais útil, neste momento, em Espanha.

Este aparente disparate é contudo uma verdade.

O Conde de Romanones é o chefe do governo de uma nação que, pelas circunstâncias da guerra, é a mais requestada sôb o ponto de vista da sua opinião.

Aliados e germanófilos actuam diplomáticamente em Madrid.

Os negócios de Espanha com o estrangeiro aumentaram de tal forma que o Banco de Espanha acusa uma entrada de oiro nas suas caixas desconhecida na história bancária d'êste país.

O Conde Romanones, que é um homem de finanças, pois é milionário e, por isso mesmo, um dos maiores contribuintes, é também Grande de Espanha.

Esta segunda qualidade dá-lhe uma situação especial no Palácio do Rei, onde muitos outros presidentes de conselho só vão utilmente no dia em que são chamados para resolverem uma crise inesperada ou no dia infaustoso em que... são despedidos...

O Conde conhece particularmente os enrêdos das *camarilas* do palácio e, como Grande de Espanha, igual aos maiores, tem direito de entrar no segrêdo d'êsses conluios dos quais depende, por vezes, a política do país e destruí-los graças à sua autoridade de político com o Rei e à sua situação entre a nobreza palatina.

A fisionomia do Conde de Romanones é popular.

O seu nariz expressivo, que se desenvolveu

em movimentos vários, guardou todos os estigmas da raça semítica.

Os olhos espertos, fechados para melhor verem, parecem dois traços feitos com um tiralinhas.

O sarcasmo da sua expressão é marcado pelos dois zigomáticos que lhe sulcam a face em dois vincos de água-forte.

As orelhas grandes, deslocadas do crânio, indicam uma tendência marcada para a raça judaica, mas a forma da cabeça, os cabelos curtos e tesos, sem curvas nem caracóis, e a côr clara dos olhos indicam que nas veias do illustre Presidente, gira algum sangue dessas rudes raças do norte, dos Eudós, que, invadindo a pouco e pouco as Flandres, a Normândia e as Gálias, contribuíram depois para a formação da raça inglesa e desceram, em magotes, à península Ibérica, a retemperar a sensualidade exagerada dos árabes que a povoavam.

O Conde não desgosta que os seus íntimos lhe chamem *Mouro* para o felicitarem de qualquer esperteza política e, realmente, como os mouros, êle possui as qualidades meditativas e a inteligência subtil que transtorna os planos bem urdidos dos seus adversários.

O Conde de Romanones é, por isto mesmo, o

mais subtil financeiro da Espanha e o seu melhor político na situação presente.

A entrevista que tive a honra de ter com o chefe do govêrno espanhol foi preparada por um dos meus mais queridos amigos de Madrid, íntimo do *Palacio de la Governacion*.

Foi com êste amigo que fui ao elegante *Hotel de la Castellana*, mas tive de ver primeiramente o sub-secretário, Argente, talvez mais ministro do que certos ministros, pois é o homem de confiança do Conde de Romanones.

Romanones, com a sua máscara sarcástica, viva e ladina, estava sentado num amplo cadeirão a uma secretária cheia de papéis.

O salão era amplo e sem estilo determinado.

A decoração era de várias épocas e espantava um pouco o visitante pelo disparate de seis relógios diferentes.

Todos deram ao mesmo tempo as oito horas, musicalmente, com uma tal concordância que me fez admirar o relojoeiro que dêles cuida mas que deixa sonhador aquele que os ouve tilintar em côro.

*

*

*

O Conde de Romanones levantou-se ligeiramente, sorriu com um gesto de máscara estilizada, um pouco inclinado por causa da deformidade da sua perna curta, cumprimentou-me amavelmente pelas provas carinhosas que acabava de receber dos meus companheiros de Arte em Madrid. E, com um ar de certa impertinência, perguntou:

— «O que o traz por aqui?»

— Pois, *mire Usted.*, respondi com tãda a franqueza:— a declaração de guerra da Alemanha a Portugal repercutiu-se na alma dos nossos irmãos do Brasil, e o jornal *A Noite*, que é um dos órgãos de grande informação do Rio de Janeiro, telegrafou-me dizendo para vir à Espanha saber quais poderiam ser as consequências.

— «Não compreendo, respondeu o Conde, em que posso elucidá-lo.»

— Eu me explico: a declaração de guerra a Portugal fez supôr, simplistamente de-certo, que os Zepelins viriam sôbre o novo beligerante e que a Espanha poderia, talvez, pensar em aproveitar o momento para resolver o problema ibé-

rico, enviando algumas tropas para os lados da fronteira...

O Conde de Romanones deixou de sorrir.

Levantou os ombros pausadamente, deixou que a cabeça se encaixasse nas espáduas, encostou-se ao espaldar da cadeira, estendeu as pernas, levantou os olhos ao céu num gesto de aborrecimento e começou a falar.

Aí vão as suas exactas palavras cuja importante significação será certamente apreciada no Brasil e em Portugal:

— «O problema de Portugal com respeito à Espanha, é muito simples.

«As fronteiras não são naturais, são convencionais.

«Por esta razão, o povo é o mesmo, aqui e em Portugal.

«Mas o que é curioso é que nem Espanha conhece Portugal, nem Portugal conhece a Espanha!... Disto resulta um relativo mal entendido que, da parte de Portugal, se aumenta de uma certa apreensão e mesmo de desconfiança a respeito de Espanha.

«Falemos claro!... disse o presidente do concelho: — Portugal pensa que pode existir o perigo espanhol. Devo dizer mais ainda: — *Portugal talvez pense que pode um dia sofrer uma in-*

vasão por parte da Espanha, mas pode estar certo de que não há um só político espanhol que pense numa coisa semelhante.»

E, depois de dizer estas últimas palavras nervosamente e com energia, o Conde de Romanones continuou:

— «Para atenuar êste desconhecimento é preciso muito labor. Nisto estou trabalhando, apesar de que o momento não é propício por causa da guerra.

«O nosso ministro, o Marquês de Villasinda que hoje está ministro em São Petersburgo, tinha começado em Lisboa êste trabalho com bons resultados e, neste momento, o representante de Espanha em Portugal, Snr. Lopez Muñoz, que foi recebido de uma maneira excelente, está encarregado *expressamente* de continuar uma política de franca aproximação que será coroada por um tratado de comércio que, como já disse, não é oportuno nesta ocasião por causa da guerra.»

.....

«Mas a guerra não deve durar eternamente. Ela acabará e é de supôr que em 3 ou 4 anos se fará o necessário.

«O senhor Lopez Muñoz, que é um intelectual e um professor distinto, é o *embaixador especial do nosso desejo de chegarmos a umas relações*

mais íntimas. E, *mire Usted*, disse o presidente, os senhores, que são jornalistas, desenhadores e todos aqueles que teem contacto com a opinião pública, deveriam ajudar o nosso trabalho para que os dois países se conheçam e percam as razões de mal entendidos.»

Alguém que assistia à conversa julgou oportuno dizer:— «A prova de que Portugal está preocupado neste momento, é a vinda de Leal da Câmara a Madrid sôb um *pretexto* jornalístico...»

O presidente do conselho olhou-me com vivacidade e esperou a minha resposta.

Tive de responder mostrando o telegrama comprovativo da minha missão jornalística e aproveitei a ocasião para afirmar, como cidadão português, o sentimento que todos temos de constatar um mal entendido deplorável, infelizmente criado no momento em que Portugal, depois da proclamação da república, sentiu pesar uma espécie de ameaça sôb forma de uma protecção exagerada aos inimigos do novo regímen.

— «Já o sei, interrompeu vivamente o Conde de Romanones; foi no momento em que os conspiradores monárquicos tentaram invadir Portugal reunindo-se na fronteira espanhola.»

— Exactamente.

— «Bem; mas isso já passou, felizmente!»

O presidente levantou-se com energia e terminou por dizer:

— «*Pode crer que todo e qualquer homem político espanhol que tenha uma cabeça sôbre os ombros não pode pensar numa tal aventura!*»



Portrait charge do Conde de Romanones.

PEREZ
GALDÓS



Don Benito Perez Galdós

Um coche de
punto levou-me,
através Madrid, até
ao bairro distante
de Arguelles, ao pé da Carcel Modêlo, onde mora
o grande historiador espanhol Don Benito Pérez
Galdós.

O autor dos *Episodios Nacionales* vive num
palacete cuja arquitectura tem reminiscências
mouriscas, ao fundo de um jardim feito à ma-
neira dos pátios da Andaluzia, decorado com azu-
lejos espano-árabes, tendo ao centro um tanque
hexagonal de onde esguicha um fio de água que
o vento leva a pulverizar os vizinhos canteiros.

Uma amendoeira escandalosamente florida impregna o ar de aromas primaveris.

A porta da casa de Galdós é chapeada de cobre rutilante como a entrada de um palácio moiro.

O salão e as escadas, estão cheias de recordações de arte; de pinturas, de desenhos, de velhos pergaminhos, de esculturas, de estôfos, de retratos de Perez Galdós e de frescas aguarelas.

Um retrato de toureiro, vestido com o seu *traje de luces*, chama a atenção no meio de tôdas as recordações puramente artísticas.

Este toureiro é o famoso *Machaquito*.

*

* *

Porque tem Galdós o retrato de um toureiro no mais íntimo das suas recordações?

É a estranha aventura sentimental do grande escritor-artista que, apesar de velho e cego, soube há pouco ainda escrever *Sor Simona*, retrato soberbo de mulher que se destaca na série já longa de tipos galdosianos e de uma frescura de concepção e de uma intensidade literária que a juventude moderna, com a sua estética decorativa, não conseguirá ultrapassar e talvez mesmo igualar.

Galdós chegou a gozar, há anos, da integridade do seu trabalho.

Os seus livros tiveram a justa nomeada que êles merecem e a Espanha consagrou como um génio nacional, aquele que descrevera tão altamente os episódios históricos da nação espanhola.

Os livros vendiam-se e Galdós dirigia, com farto proveito, a sua própria casa editorial. Mas, se o escritor era genial sôb o ponto de vista da concepção e da maneira de encarar os acontecimentos passados, não conseguia chegar à modesta altura de um simples mercieiro no que se refere a contas e a economia.

Desta lacuna, resultaram dívidas complicadas com a praga dos usurários que envenenaram a vida do pobre Galdós.

Os desgostos e uma situação difícil isolaram a pouco e pouco o querido mestre, e a habitual tranqüilidade e a expressão admirativa a que estava acostumado, desapareceram como que por encanto.

Galdós arruinado, sofreu, envelheceu e, por fim, a vista foi-se-lhe apagando insensivelmente.

Eram raros os fiéis à sua beira e talvez nenhum lhe trouxesse senão a saúde amargurada de um passado que êle preferiria esquecer...

Foi neste momento que surgiu *Machaquito*.

Toureiro, nada o predispunha à admiração literária, mas o nome genial de Galdós e esse factor tão importante na vida — *o acaso* — fizeram cair um livro do mestre nas mãos de Machaquito.

Gostou e leu os outros.

A partir de então, Machaquito admirou Galdós e, simplesmente, sem mais rodeios, foi um dia dizer-lho, em linguagem pobre mas sincera.

Galdós sentiu como que um banho de esperança a dulcificar-lhe a alma...

A estima entre os dois homens progrediu e, apesar da ignorância de Perez Galdós a respeito de toiros, pois o escritor nunca foi a uma toirada, era com fervor que êle ouvia contar as fases da corrida.

Quando Machaquito toureava, Galdós estava inquieto e só descansava quando a criada lhe trazia as edições dos jornais dizendo o triunfo do toureiro.

À volta da dedicação de Machaquito, reüniram-se outras vontades e um palacete foi construído e oferecido a Perez Galdós para sua venda.

Mais tarde a ingratidão nacional, envergonhada, arrependeu-se do abandôno em que deixara o seu glorioso escritor e uma subscrição pú-

blica foi aberta para dar rendimentos a Perez Galdós.

Quem preside à administração desses bens, que é necessário defender da voracidade usurária, é o próprio ministro da instrução pública, snr. Júlio Burell.

«É preciso, disse-me um íntimo do ministro, que o Mestre tenha não só com que viver mas o suficiente para gastar como lhe apeteça». A nação quer que o seu historiador viva como um homem rico que elle tem o direito de ser.»

Mas, a história sentimental não termina ainda. Machaquito tinha uma filhinha cuja educação era difficil por causa da vida nómada do toureiro.

Esta filha foi confiada a Perez Galdós que vive, há anos, na adoração dessa criança, — hoje quasi uma mulher — e que dulcifica a vida íntima do pobre velho.

*

*

*

Galdós recebeu-me familiarmente, sentado num *fauteuil*, no seu quarto de cama.

A sua memória prodigiosa lembrava-se do meu nome, de vários desenhos e de legendas que eu publicara em Madrid há dezoito anos.

Reconheceu-me pela voz e, como os cegos de Maëterlink, que estendem as mãos à noite para *sentirem* se há luar, êle segurou-me no braço e procurou, com a aquidade estranha e quási trágica dos cegos, tomar conhecimento, pelo tacto, da diferença que eu fazia do tempo em que estivera em Madrid.

Perez Galdós é um aliadófilo decidido. Desde o comêço da guerra se lançou na defesa das suas idéas e o seu nome assinou grande número de artigos em jornais e em revistas.

O Mestre prepara um trabalho sôbre a guerra intitulado *Pesadêlo sem fim* e composto de vários artigos a que êle chama *Memórias de um desmemoriado*.

Quando lhe expliquei o que vinha saber à Espanha, por conta do jornal brasileiro *A Noite*, êle gritou juvenilmente:

— «A atitude de Portugal é admirável! Tudo quanto se faça para ajudar de qualquer forma o triunfo dos aliados, está bem. *Usted pode fazer-me dizer, no seu jornal, tudo quanto quiser, com a condição de que sejam declarações francófilas, aliadófilas e lusitanófilas!... Tudo, menos ser germanófilo!*»

— Como é que há tantos germanófilos em Espanha? perguntei eu ao ilustre escritor.

— «É a fascinação que exerce a sciência alemã. Mas elles não vêem que as sciências floresceram antes em França, na Inglaterra, na Itália e mesmo na nossa pobre Espanha e que as prodigiosas invenções que dulcificaram a nossa existência são a glória, na sua maior parte, das terras latinas ou anglo-saxónias.

«O merecimento da Alemanha consistiu, não em criar a sciência mãe, mas sim a sciência filha ou seja a industrialização da sciência.»

.....
«Infelizmente Espanha leva no seio a doença da opinião dividida que obriga a não poder oferecer a nenhuma das nações beligerantes o seu apoio militar.

«Mesmo aqueles que, como eu, teem ardentes simpatias pelos aliados, são forçados a conformar-se na observação da mais esquisita neutralidade.

«Falta, em Espanha, a unidade de sentimento que move os homens a tóda a empresa heróica.

«Olhe, diz o grande escritor, leia alguns artigos que eu escrevi a respeito da guerra. Verá que num dêles perguntava:— Haverá no sólo europeu superficie bastante para sepultar tão grande número de mortos? Será isto mais do que uma guerra, um suicídio da humanidade, can-

sada de viver e farta de civilizações mentirosas com que a envenenaram velhos charlatães — a falsa História e a falsa Política?

«E o que virá depois?... Será o descanso dos algozes e a trégua dos *matões*, ou trará um mundo inteiramente novo no qual os mortos serão a única fôrça bruta e a ortodoxia militar, a sciência destrutora e a diplomacia verbosa deixarão ver entre os seus despojos, os gérmenes de um novo *Direito Público*, de uma nova *Justiça* e de uma nova *Razão*?

«O caso é que sôbre estas monstruosidades que temos dentro de nós, foram passando as diferentes épocas, as constituições, como passam os produtos farmacêuticos por um organismo doente, revolvendo os humores sem lograr a cura completa.

«O facto de que nos julgamos modernizados, é uma estulta pretensão. Estamos modernizados na maneira de vestir e na maneira de falar mas, *cá dentro*, ainda falta um pouco para chegarmos a civilizados.

«E olhe, continuou Galdós, êste *morbo* interno atávico manifesta-se na vida exterior com caracteres gravíssimos de epilepsia guerreira ou *Delírio Germânico*.

«Mas na contextura desta opinião espanhola,

de germanófila não há nem lógica nem sentido comum.

«Nem mesmo entra na sua estrutura um pouco de afinidade religiosa.

«Santo Inácio de Loyola e Martin Luther ficariam aterrados se voltassem a êste mundo e tivessem de presidir a esta neo-religião germanófila.

«Se há uma afinidade, só a podemos encontrar na razão política. O império da fôrça bruta com as consciências adormecidas e as inteligências apagadas.»

.....

«O mais desagradável é que os germanófilos não se limitam à multidão sem responsabilidade, ao clericalismo retrógrado ou ao absolutismo, mas figuram nêles pessoas de alta mentalidade.

«É que temos opiniões tão várias como ardentes sôbre o que diz respeito ao exercício das armas, mas não temos armas, nem indústrias militares que as produzam com a abundância de que resulta a eficácia estratégica.

«Tudo isto poderíamos ter se os nossos orçamentos de guerra não fossem exclusivamente burocráticos, criados para satisfação de proveitos pessoais e para dar fôrça às repartições públicas.

«Os nossos governos só se lembraram há meio

século do que é secundário e esqueceram o primordial.

«Temos por isso de sofrer imensas contrariedades e alguns desenganos e revéses antes de possuir um exército à moderna.

«Por esta razão, as nossas opiniões a favor dos aliados podem ser ardentes, mas tem de ser puramente platónicas.»

*

*

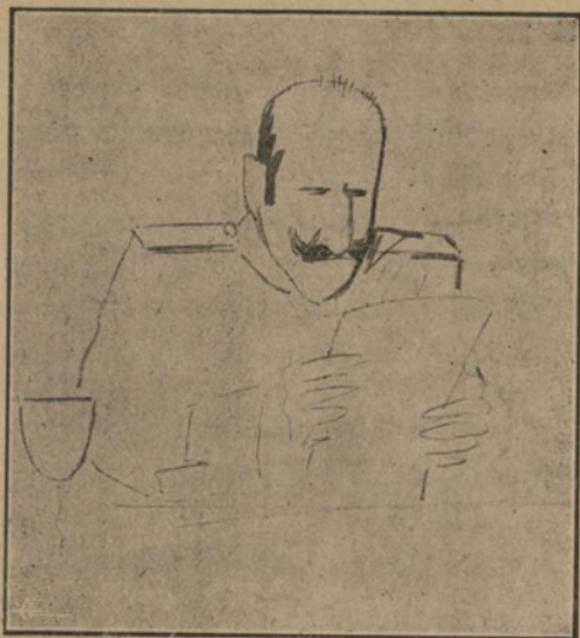
*

O som musical de um piano começou a ouvir-se numa sala vizinha.

Dedos hábeis tocavam uma fuga de Bach. Perez Galdós parou de conversar. Voltou a cabeça para o lado de onde vinha o som e ficou embevecido.

— «Que bem toca, não é verdade? Não pode imaginar os progressos que ela está fazendo...»

Beijei a mão do Mestre e parti no meu *coche de punto*, ao trote cansado de um esquelético cavalo.



O general Burguete

ENTREVISTA COM O GENERAL BURGUETE

(Governador militar da praça forte de Zamora)

O general Burguete é o escritor militar mais conhecido em Espanha e considerado pela nação como um daqueles a quem se poderia confiar, em um momento grave, o destino militar da pátria espanhola.

Homem de estudo e homem de acção, o general Burguete conseguiu ascender ao seu alto pòsto de general de divisão em um espaço de tempo relativamente pequeno.

Os seus quarenta e seis anos foram empregados nas campanhas de África onde ganhou os sucessivos galões, as comendas, as condecorações e o seu grande prestígio entre o povo e entre militares.

A guerra e a situação actual da Espanha forçaram o general Burguete a sair do seu mutismo de comandante militar da praça forte de Zamora, na fronteira portuguesa, e a vir até ao eclético *Ateneu* de Madrid realizar uma conferência sobre assuntos militares que êle intitulou — *à margem da guerra*.

O general reclama da Espanha a *organização imediata de um exército de dois milhões de homens* que serão a garantia da segurança e prosperidade nacionais.

*

* *

Impunha-se uma entrevista com o ilustre general, e, ao acabar a sua curiosa conferência, apresentei-me e pedi-lhe meia hora de palestra.

O general, que é um homem de grande distinção e amigo de vários amigos meus, prometeu-me uma entrevista no Hotel Inglês onde está hospedado, e foi num quarto simples mas confortável, numa intimidade encantadora que revelava o homem distinto e o artista, que o ilustre oficial espanhol respondeu às perguntas, por vezes indiscretas, que eu tomei a liberdade de fazer-lhe.

— «A minha condição de militar e o posto de governador militar de Zamora, começou por dizer o general, impedem-me de emitir opiniões sobre contingências que possam ser conseqüentes do actual conflito.»

— Mas que lhe parece a entrada de Portugal na guerra?

— «Não creio que isso possa alterar as relações de cordialidade que existem entre os dois povos irmãos. Faltam os interêsses antagónicos e, ao contrário, teem ligações íntimas como seja o *carácter*, o *sangue*, a *geografia* e a *história*.»

— ?.....

— «A História, sobretudo. Eu tive ocasião de ver palpavelmente, prosseguindo os meus estudos históricos sobre o II século da Reconquista.»

— Mas, interrompi eu, disseram-me que o ge-

neral tinha estudado e era autor de um plano estratégico que poderia desenvolver-se contra Portugal.

O general Burguete olhou-me fixamente e, depois de uns segundos, respondeu:

— «Isso é equívoco. Os estudos históricos de que ia falar-lhe e que eu comecei há tempos, levaram-me a pedir ao govêrno espanhol o cargo de governador militar de Zamora, na fronteira, para melhor estudar os problemas históricos que se desenvolveram por essas regiões do Douro e do Mondego e correspondem hoje à fronteira espano-portuguesa.

«Já escrevi um primeiro tômo, que lhe oferecerei com prazer, e que trata da invasão árabe e do primeiro século da Reconquista.

«A academia da História acolheu favoravelmente o meu livro e nomeou-me académico.

«Estou encarregado de prosseguir a obra de que tenho já ultimados os trabalhos referentes à zona espanhola e falta-me continuar os meus estudos na zona portuguesa para o que eu pensava pedir a devida autorização.

«Queria investigar nos arquivos portugueses e examinar o terreno dessa região de Portugal.»

— O terreno?!...

— «Sim, o terreno é para mim, que sou mi-

litar, a verdadeira fonte de investigações. O terreno tem um *sentido histórico* e, quem conhece as suas leis, pode decifrar os seus enigmas que são impossíveis de desvendar com os documentos relativamente modernos da história — a arqueologia, a filologia, a numismática, etc., etc.

«Êstes documentos de investigação analítica são úteis, mas o terreno é a contra-prova sintética da verdade histórica.»

— ?.....

— «Aó ver um terreno, eu posso dizer se realmente uma batalha se desenrolou segundo as descrições da época ou se a estratégia foi diferente.

«A história da guerra da Reconquista até ao Douro, na fase que nos é comum, a espanhóis e a portugueses, está por fazer.

«As crónicas cristãs e as crónicas árabes dizem pouquíssimo nos primeiros séculos, mas convêm tomá-las como fontes únicas de informação e prescindir de tôdas as fantasias dos historiadores que vieram posteriormente e que estão em contração com as leis do terreno.

«Graças a estas leis, que são invariáveis, consegui determinar recentemente a confusão histórica de umas e outras crónicas sôbre a batalha de Simancas «Al Jandak» de Zamora e de Alhandeda. São três batalhas distintas, perfeitamente

claras e determinativas da campanha de Abderaman III.)»

— Vejo com prazer e admiração que o general é um erudito nestas questões históricas. Conhece os escritores portugueses que se preocuparam destes assuntos?

— «Claro que conheço, respondeu o general. Alexandre Herculano é o historiador português que eu compulso com mais frequência. Deixou um monumento admirável. Êle e Oliveira Martins, entre os modernos, tem tōda a minha devoção. A meu ver, Oliveira Martins é muito superior a Macaulay.

.....

«Estou bastante familiarizado com o português, com a sua literatura e com a sua história, não só porque sinto um grande carinho pelo nobre Portugal, mas minha mulher é portuguesa e natural do Pôrto.

«Tenho tido em Portugal muitos amigos, mas particularmente me lembro de Guerra Junqueiro, de Magalhães Lima e do malogrado Pinheiro Chagas.

«Em Paris, conheci Eça de Queiroz, essa intensa glória digna de figurar entre o mais preclaro do nosso século de oiro e único sucessor do génio ibérico daquela idade.»

O general parou um momento, como que abstraído na recordação do magnífico autor da *Relíquia* e do *Mandarim* e depois, continuou:

— «Militares, conheço poucos porque nunca pude fazer uma viagem por Portugal, mas o primeiro que conheci e do qual me lembro com prazer foi Paiva Couceiro. Há bastantes anos que isto foi. Estava eu em Melilla em 1893. Paiva Couceiro veio como agregado militar português naquela campanha e eu servi-lhe de intérprete e de introdutor entre os oficiais do exército espanhol. Recordo-me perfeitamente que todos nós lhe fizemos um recebimento digno da sua inteligência e da nação que êle representava.»

— E abandonou o seu projecto de ir a Portugal? perguntei eu ao illustre governador de Zamora.

— «Tencionava pedir autorização para ir agora prosseguir os meus estudos até à linha do Douro e na interessante concha do Mondego mas, francamente, não me atrevo a pedi-la neste momento por causa da situação suspeita que existe e que *alguê*m despertou malévolaente entre dois países irmãos.»

— Quem é esse *alguê*m?

— «É impossível que eu lhe responda, disse o general com gravidade.

«A minha situação oficial impede que eu tenha opiniões políticas, mas, ao amigo, se êle me promete não repetir, direi o que penso.»

E, com efeito, o general Burguete expôs francamente a sua idéa culpando dois países, um sobretudo que eu não posso indicar pela promessa que fiz, de colaborar, apesar de inimigos, na mesma obra de separação dos dois povos da península que deveriam estar fraternalmente unidos mas que os interesses dêsse *alguêm* obrigam a ficar separados, desconfiados e talvez hostis.

— «Faz pena, terminou por dizer o general, que não haja um perfeito acôrdo e um grande intercâmbio da intelectualidade dos dois exércitos.

«O nosso soldado é idêntico.

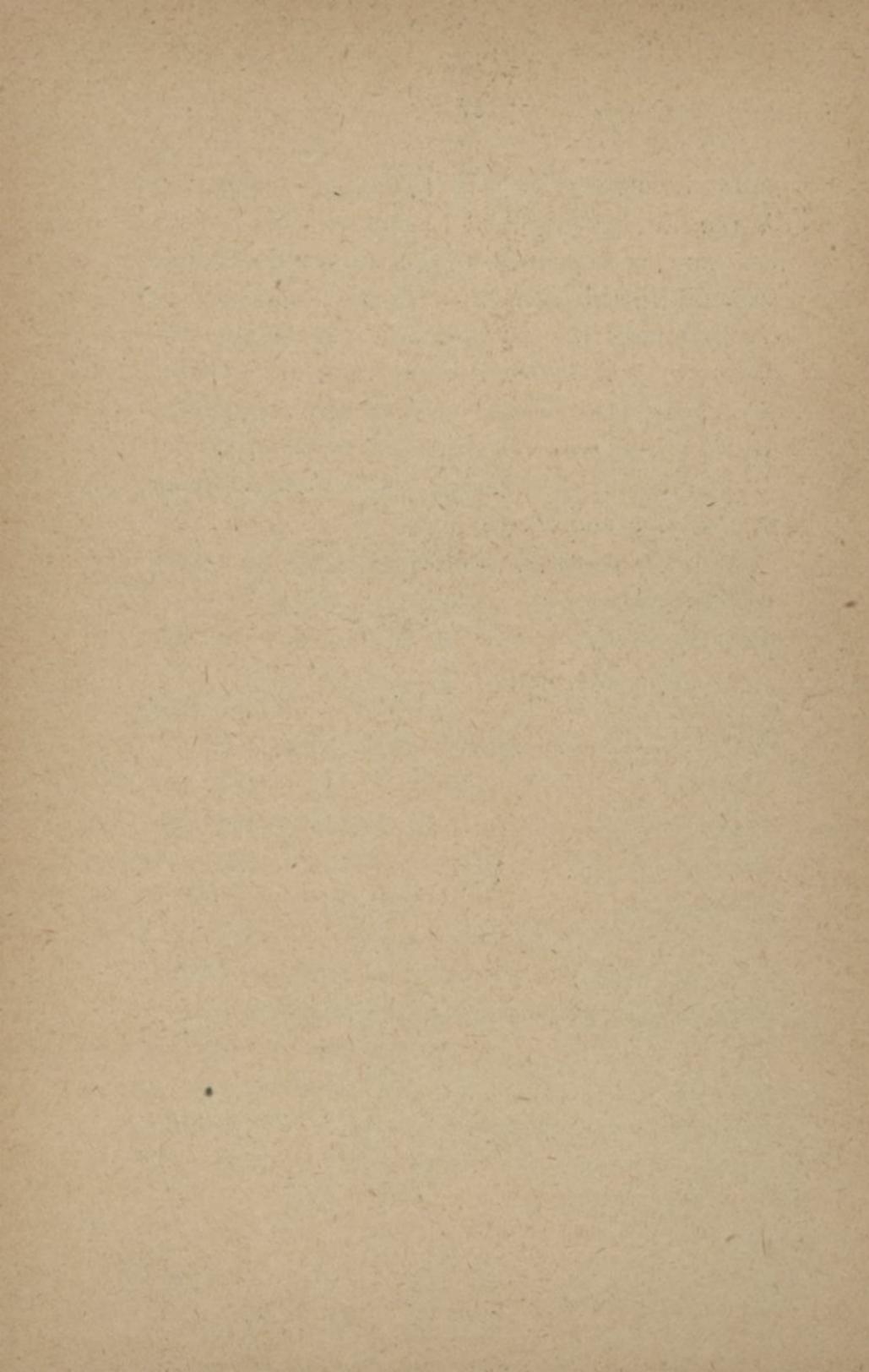
«As nossas organizações militares e os nossos métodos de combate deveriam guardar tôda aquella relação de semilhança que guarda a nossa geografia e a nossa história.»

O general Burguete deu por terminada a entrevista tão erudita e tão carinhosa para Portugal e levou a sua amabilidade a acompanhar-me até ao começo da escadaria.

Fui descendo pausadamente, revolvendo na minha cabeça tôdas as afirmações de carinho de um homem enamorado de erudição mas que é,

antes de mais nada, um soldado. Lembrei-me de repente da parte final da conferência no Ate-neu em que o general Burguete, vestido com o seu uniforme de general de divisão, com as suas condecorações e a sua banda carmezim à volta da cintura, se levantou enérgicamente e disse, pontuando as palavras com o seu bastão generá-lício:

— «Se o rifão popular afirma que Zamora não se toma numa hora, eu não posso dizer neste logar como poderiam realizar-se tôdas as nossas esperanças!»



A ORGANIZAÇÃO ALEMÃ EM ESPANHA

Os aliados lutaram e lutam ainda, em Espanha, contra o estado de espírito criado por causas puramente acidentais mas, na maior parte, conseqüentes de uma propaganda perfeitamente organizada pela Alemanha e que tem actuado eficazmente sôbre a opinião pública.

Essa organização já existia no momento em que se declarou a guerra.

A Alemanha, conhecendo o que ia succeder, tinha já preparado a sua acção em Espanha e quando os alemães residentes neste país e em idade de combaterem, se apresentaram no consulado julgando que seriam enviados para a Alemanha, existia — já nêsse momento — um serviço organizado que distribuía *licenças temporárias*

àqueles que a espionagem de Berlim considerava como úteis à propaganda em Espanha.

Cada alemão tinha a sua missão determinada. A embaixada dispunha de fundos necessários para exercer com método a pressão financeira sobre certas entidades e sobre determinadas empresas jornalísticas. Os alemães ligaram sempre uma enorme importância à espionagem.

Já Frederico-o-Grande dizia chocarreiramente: — «*O Marechal de Soubisse, quando vai para a guerra, faz-se preceder, pomposamente, de cem cozinheiros. Eu prefiro fazer-me preceder de cem espiões!...*»

O *kayser* actual, para em tudo imitar o grande Frederico, também instituiu em Berlim um organismo burocrático de espionagem, sem rival no mundo inteiro.

Esse organismo está dividido em três ramificações fundamentais:

A primeira ocupa-se do Exército e da Marinha e está sob a férula de uma espécie de ministério que se chama: *Grosser General Stab*.

A parte política está sob a dominação da *Wilhelmstrasse*, e toda a secção do *peçoal* passa pelas mãos do próprio imperador.

Este complicado organismo, preparou de antemão a sua acção em Espanha.

O chefe desta organização, de primeira hora, é um tal *Weiss Berger*, agente de companhias de seguros.

Weiss começou por fundar uma agência de informações para jornais de província que, por seu intermédio, publicava um boletim diário e fazia imprimir na maioria dos jornais da província, em Espanha, as notícias convenientes à Alemanha.

Certos jornais começaram a receber subvenções. Outros, passavam completamente para as mãos do govêrno alemão como sucedeu a certo quotidiano madrilenho da tarde que se transformou numa directa emanação da embaixada alemã.

Foi esta quem forneceu os fundos para a compra do jornal em condições que eu conheço perfeitamente, mas que é inútil explicar por causa dos intermediários que se meteram no negócio para darem uma aparênciã espanhola à empresa.

Êste jornal tornou-se o órgão de informação da noite. Tem duas grandes máquinas, uma das quais foi ensaiada há dias diante de mim e que pode deitar, para a rua, quarenta mil exemplares de 24 páginas à hora, o que permite a êste jornal dar as últimas notícias.

Outros jornais tiveram entendimentos directos

com a embaixada alemã, apesar das afirmações repetidas de absoluta neutralidade.



O cãozinho francês: — *Cochino teuton!*...

(Caricatura germanófila).

Um destes jornais que, pelo seu nome, parece ter sido criado para meninos da aula infantil, é dos que afirmam amar a Alemanha igualmente

aos outros países. Só a sua perfeita independência o faz inclinar, nos seus artigos e nas suas informações, para o lado da Alemanha.

Várias anedotas poderiam ser contadas, mas basta a seguinte para provar os entendimentos dêste grande quotidiano ilustrado com a embaixada alemã:

Um jornalista espanhol chamado T., relacionado com o pessoal da embaixada alemã, levou há tempos um artigo ao jornal em questão.

Êste artigo foi recusado.

T., queixou-se a um dos seus amigos alemães que lhe pediu o artigo e no dia seguinte aparecia publicado no mesmo jornal, que o recusara, com a assinatura de *Schneider*.

A partir dêste momento o jornalista T., levava os seus artigos à embaixada alemã que lhos pagava directamenté e os fazia publicar no dito jornal com o mesmo pseudónimo.

Devo dizer que hoje já o entendimento entre o jornalista T... e o quotidiano é directo, mas começou a ser como acima descrevo.

Há negócios que constituem uma maneira disfarçada de captação jornalística.

Há produtos que foram lançados com enormes gastos de publicidade para monopolizarem certos jornais que não podiam ser comprados e

não queriam vender-se, mas sôbre os quais contavam os alemães fazer uma pressão suficiente graças a contratos importantes de publicidade.

Certo alemão muito conhecido em Madrid, chamado *Léon Hornstein*, poderia dizer, se quizesse, coisas interessantes sôbre o assunto e, quando mais tarde, Berlim o acusar de ter falhado na sua missão apesar das somas colossais dispendidas para a causa, êle poderá dizer irónicamente, à laia de respostas: «*lavo-me as mãos com sabonete Heno de Pravia!...*»

Os jornais reacionários e os carlistas ajudam esta propaganda. Há jornais de caricaturas enfeudados à causa germânica como o *Mentidero*, o *Indiscreto*, o *Fusil*, etc.

Existem várias agências de informações tendenciosas, mas as principais são a agência *Hofcr* de Barcelona e a *Bruns* de Madrid.

A própria empresa de telegrafia sem fios, apesar de inglesa, é subvencionada, oh ironia!... pela embaixada alemã. A empresa recebe um tanto por palavra publicada na sua fôlha diária e emanando dos *sem fios* alemães. Resulta desta subvenção que a parte alemã publicada nesse boletim é três ou quatro vezes maior em extensão do que a parte telegráfica proveniente dos aliados e ela constitue a propaganda directa de *Gros-*

ser *General Stab* e da própria *Wilhelmstrass*.

Há uma série de revistas de propaganda alemã. Uma das mais curiosas chama-se *Germania* e tem como sub-título: *Revista de confraternidad Hispano-Alemana*.

O número 26 de *Germania* que podia, entre parêntesis, ter-se chamado *Hispania* se não fôra o colossal *egoísmo* alemão, trazia um artigo de fundo contando as maravilhas dos casinos militares mas, a-pesar da revista ser publicada em espanhol, a palavra casino vinha escrita com *k*...

No sumário do número, entre outros artigos, vêem-se os seguintes: *Abaixo o jugo inglês!* — *As universidades germânicas* — *A Guilherme segundo, versos* — *Os sofrimentos dos Alemães em Londres*.

Tudo isto para influir no ânimo espanhol, explorando o eterno mal-entendido com a Inglaterra.

*

* *

Organizam-se exposições germanófilas. A mais recente é a do caricaturista espanhol *K. Ito* que expõe uns trinta quadros de sátira aos ingleses e aos outros aliados.

O caricaturista já vendeu uma grande parte dos seus trabalhos que, sôb o ponto de vista artístico, são excelentes.

Aproveito mesmo a ocasião para agradecer ao distinto artista o ter-me mostrado os seus trabalhos antes da abertura da exposição e ter deixado de expor um certo número que lhe demonstrei não corresponder àquela crítica imparcial e generosa que costuma ser o apanágio da verdadeira caricatura.

O alemão *Knappe*, em Madrid, é o prolongamento do seu consulado.

É êle que recebe as boas vontades isoladas que vão oferecer os seus serviços germanófilos, examina a vantagem das informações e estipula o valor da remuneração.

Há outros chefes de propaganda, mas um dos mais activos é o relojoeiro *Coppel*. Êste agente actua sobretudo nas províncias e procura entender-se com os curas das aldeias.

São êles que fazem a propaganda dos relógios e ao mesmo tempo a da *Kultur* mediante uns tantos por cento sôbre as vendas.

O chefe supremo de tôda esta organização é o príncipe *Von Ratibor*, mas o verdadeiro chefe é ainda *Weiss Berger*.

Êste personagem frequênta o aristocrático hotel *Ritz* de Madrid.

O seu *modus faciendi* é simples.

Boa figura, bem falante e gastador, êle entra em relações com a *jeunesse dorée* madrilena.

A pouco e pouco faz-se apresentar a pessoas da sociedade elegante que vão às festas do *Ritz*.

Weiss Berger convida a jantar, põe um automóvel à disposição dos seus convidados, oferece um camarote, etc.

Êstes amigos fazem-no entrar em relações com outras pessoas interessantes e assim sucessivamente.

Se nos lembrarmos que em Madrid se joga forte em vários casinos e que o dinheiro é de certa utilidade, sobretudo quando se perde, compreender-se há a alta estima em que se tem a personalidade do galante Weiss Berger, generoso até ao ponto de salvar um amigo com o empréstimo oportuno de umas notas de banco.

A espionagem portuguesa não é esquecida. Há um official alemão que dirige êsse serviço. Disseram-me chamar-se *Müller*, mas não afirmo que assim se chame.

Os grandes hotéis estão cheios de alemães. Os *concierges* são quási todos oriundos de além

Réno. Os empregados que recebem as cartas, inútil será dizer, também nasceram para êsses lados.

Todos, sem excepção, afirmam não serem alemães. Até os detestam!...

São *alsacianos* ou então... *suíços!*... de Zurich ou de *Basileia*...

Nos hotéis elegantes como no *Ritz*, no *Palace Hotel* e no *Roma*, há damas alemãs que levam a curiosidade feminina até lerem bocados de mata-borrão deixados ao acaso!

Eu contarei um dia a aventura cómica de uma loira e bela *Margrette* que julgou ter conquistado os mais secretos documentos e só conseguiu levar, num enorme sobrescrito lacrado, uma galante declaração de amor já de antemão preparada...

*

* *

Os portos de mar estão cheios de agentes da Alemanha que se ocupam da resolução do problema importante do abastecimento dos submarinos.

Os submarinos representam um papel complexo para a Alemanha.

A maioria da gente supõe que os submarinos são só destinados a torpedearem os barcos inimigos, mas a verdade é que os submarinos representam, para a Alemanha, o tríplice papel de *arma guerreira*, de *arma diplomática* e de *transporte comercial*.

Os alemães compreenderam as dificuldades que os aliados lhes criavam com o *blocus* e decidiram lutar contra os deploráveis resultados que seriam a inevitável consequência.

Se no ponto de vista militar, os submarinos representam um importante papel ofensivo e defensivo, êles podem representar também um papel diplomático.

Isto mesmo mo afirmava certo cidadão *holandês*... nascido, não tenho dúvida alguma, em Francfort ou em Hamburgo.

«A Alemanha, dizia-me êle no dia seguinte ao da batalha naval da Jutlândia, pensou sempre libertar-se da tutela comercial inglesa e visto que o Atlântico estava nas mãos da Inglaterra, convinha-lhe o livre trânsito pelo Mediterrâneo, que é o caminho para o Oriente.

«Os ingleses começaram primeiro por querer dominar exclusivamente nêsse mar e daí, a famosa história de *Fachoda* com os franceses; mas, mais tarde, compreendendo a ineficácia do isola-

mento, facilitaram a acção franceza em Marrocos a trôco da liberdade no Egipto.

«Esta acção militar franceza em Marrocos provocou o conflito mediterrâneo, ao qual se chama em França «*Coup d'Agadir*» e que esteve para determinar a guerra entre a França e a Alemanha.

«O Imperador Guilherme veio a Marrocos inopinadamente, à maneira de Ruy Blas, e declamou teatralmente: *Bon apétit, oh ministres intégrés!*...

«Os ingleses responderam a êste gesto alemão com o famoso *pacto de Cartagena*.

«O rei Eduardo VII de Inglaterra veio a Cartagena pouco depois de Agadir e, com o concurso da esquadra franceza, fez-se um pacto secreto com a Espanha ligando-a aos interesses anglo-franceses no Mediterrâneo.

«Pretendia-se mostrar, com a vinda de Eduardo VII a Cartagena, que a manifestação do imperador Guilherme em Agadir era uma acção falida.

«A tática alemã foi, a partir dêsse momento, preparar a guerra e *fomentar a simpatia espanhola* para o dia em que pudesse chegar aos seus desejados fins e, dizia-me o meu interlocutor, estou certo de que a Alemanha não deixará de man-

dar, mais dia menos dia, a um pôrto de mar do Mediterrâneo — talvez ao mesmo de Cartagena ¹ — um emissário submarino para dizer à Espanha que o pacto espano-franco-inglês não tem tôda a significação que se julga.

«È os submarinos servirão também, dizia-me o mesmo cidadão *holandês*, para continuar, tão pouco seja, as relações comerciais da Alemanha com o resto do mundo e para lutar, desde já, contra a guerra alfandegária que os aliados pensam fazer no caso de vitória.

«Haverá submarinos de comércio que virão secretamente trazer e levar mercadorias.»

*

* *

Para todos êstes fins, os alemães necessitam de bases de abastecimento para os seus submarinos.

Os principais centros são: *Palma, Astúrias,*

¹ Êste artigo foi escrito cinco meses antes da visita do submarino alemão a Cartagena, trazendo medicamentos para os alemães residentes em Espanha e, segundo os jornaes, uma carta do Imperador para o Rei Afonso.

Galiza, Ilhas Columbretes e paragens de Malaga.

Há grandes depósitos de petróleo e de gasolina ao longo das costas.

Não se julgue que é um trabalho fácil a formação de um desses depósitos.

Os lotes de caixas de gasolina passam pelas mãos de vários intermediários para fazer perder a pista e, por vezes, viajam meses inteiros antes de chegarem ao seu verdadeiro destinatário.

Os aliados, antigamente, ignoravam e desprezavam estas manobras. O resultado foi o torpedeamento de vários barcos no Mediterrâneo e a facilidade com que chegaram aos Dardanelos os primeiros submarinos alemães que se abasteceram em Espanha.

Hoje, começa a haver um serviço aliado equivalente ao serviço alemão, mas bastante inferior, pois não dispõe de suficientes recursos financeiros.

Os aliados partem do princípio de que é imoral comprar simpatias e, êste critério, perfeitamente digno de admiração, dá péssimos resultados em comparação com os métodos alemães.

Os aliados não compreenderam ainda a lição dos *Balkans* onde o problema se resolvia *por mais ou menos dinheiro* e onde êles quiseram lutar contra o dinheiro da Alemanha — com palavras e só palavras...

Contudo, apesar das deficiências, o serviço de contra-espionagem dos aliados já deu certos resultados.

O mais recente foi a descoberta de um depósito de vinte mil caixas de gasolina que hoje é guardado pela *Guardia Civil* como satisfação ao que reclamaram as embaixadas inglesa e francesa.

*

* *

Isto não impede que nas ilhas *Columbretes*, ao largo de Valência, ande um submarino austríaco há mais de um mês aterrorizando os habitantes que são forçados a fornecer víveres e o que é necessário à equipagem.

É este submarino que torpedeou o barco inglês *Argnus* e pouco depois canhoneou a corveta russa *Imperator*, que foi rebocada até Valência por um vapor inglês.

Bastantes dias depois, no mesmo sítio, o submarino meteu a pique o barco italiano *Cornigliano*, de três mil toneladas.

Foi a barca *Teresa* que trouxe a novidade ao porto de Castellon, pois os pescadores das ilhas *Columbretes* e o próprio guarda do farol nada diziam, por terem medo,

Para que se compreenda a impressão produzida pelo submarino sobre a pobre gente dessas ilhas, basta contar que um pescador que viu o submarino e que levou a bordo víveres e, por certo, em companhia de dois outros pescadores, fabricou uma apetitosa caldeirada que os austríacos consideraram excelente, respondeu a alguém que lhe perguntava porque não denunciava às autoridades o que sabia:

— «É que as autoridades vão-se embora e êle (*o submarino*) fica!...»

*

*

*

Os alemães começam hoje a povoar a Espanha. A estatística diz que há uns oitenta mil.

Os hotéis, as *fondas* e as casas de *viajeros* estão cheias de súbditos do *Kaiser*.

Os que vieram de Portugal buscam conquistar as simpatias dizendo que a nação vizinha tenciona invadir a Espanha com a protecção da Inglaterra que ameaçaria as costas.

Felizmente que a evidência dos factos e o bom senso espanhol dão um desmentido a estas insinuações.

Há terras de província absolutamente transformadas em colónias alemãs.

Em *Alcalá d'Hénares*, a umas léguas de Madrid, há alguns milhares. *Aranjuez* está cheio e *Zaragoza* está, por assim dizer, ocupada militarmente.

No Hotel Universal está o estado maior do *Cameroum* e, pela cidade, estão distribuidas as fôrças alemãs que vieram das colónias.

Vem a propósito contar um detalhe todo em honra da mentalidade espanhola e que mostra um sentido simpático da palavra *neutralidad*.

Quando as fôrças do *Cameroum* atravessavam a Espanha, onde vinham permanecer depois da expulsão do território africano que ocupavam, passavam pelas estações do caminho de ferro, dando vivas à Alemanha e à Espanha.

Quando o combóio passou em *Guadalajara*, o povo acorreu à estação para vêr os imigrados e, como os soldados alemães soltassem vivas vários, o povo, sem ordem nem combinação, conservou-se silencioso e dignamente se limitou a descobrir a cabeça diante dos hóspedes, que eram, nesse momento, simples exilados.

*

*

*

Notícias derivadas de informações bastante seguras afirmam que a bordo de certos navios alemães ancorados nos portos espanhóis existem reservas de essência e mesmo de armas.

A Alemanha contava que esta organização e a propaganda feita anteriormente, bastariam para fazer inclinar a Espanha para o seu lado.

Errou completamente os seus cálculos, pois ignora o fundamento do carácter espanhol.

A Espanha não se moverá a favor da Alemanha porque não quiere, de forma nenhuma, sair da sua neutralidade.

Não o fez no momento em que Portugal começou a mobilizar e agora muito menos, pois nenhum pretexto existiria.

Não só a exagerada propaganda alemã saturou a paciência espanhola e determinou uma certa reacção que aproveita aos aliados, mas começa-se, em Espanha, a ver a situação mais claramente do que se via no começo da guerra.

Um íntimo de alguns ministros actuais diz-me há pouco esta frase característica:

«Ao final de quási dois anos de guerra, foi necessário a entrada de Portugal no conflito para

fazer compreender aos espanhóis que Espanha está no Mediterrâneo e que tem interesses no Atlântico.»

Desta compreensão e apesar do antagonismo espanhol com a Inglaterra, provêm a inclinação da política internacional tendendo um pouco para os aliados.

Espanha percebeu, por ocasião da conferência financeira dos aliados, que não lhe convinha ficar completamente fora dêsse convênio.

De resto, como poderia um partido político qualquer, fazer sair Espanha da sua neutralidade a favor da Alemanha sem que esta consiga primeiramente vir, em fôrça, por mar, até às costas espanholas e, por terra, até aos Pirineus?

Emquanto as costas estiverem policiadas pela Inglaterra, os Pirineus forem franceses e Portugal estiver onde está, a Alemanha deve considerar a sua colossal propaganda em Espanha como tempo e dinheiro perdidos.

ESCRITORES GERMANÓFILOS

(Porque se é germanófilo em Espanha)

Entre os escritores célebres da última geração literária que se impuseram à admiração do público espanhol, há uma grande parte que é germanófila.

Falar de todos, é-me impossível nos limites de um simples artigo mas, o que muitos me disseram nas várias palestras em que



Portrait charge de Jacinto Benavente

busquei a razão da germanofilia que os faz pro-

pagadores dessa causa no público que os consagrou e os segue admirativamente, pode reduzir-se à opinião dos dois principais representantes da geração, os meus antigos amigos e companheiros de lutas literárias nos meus tempos de exílio que coincidiram com o início desta pléiade literária e artística que tem dado fama à moderna Espanha.

Don Jacinto Benavente, ilustre autor de *Comida de las fieras*, considerado hoje como o maior dramaturgo espanhol e *Pio Baroja*, o romancista filósofo da *Árvore da Sciência*, do *Paradoxo Rei*, da *Busca* e de tantas outras obras em que o seu espírito — de tendências ideais mas um pouco anárquicas, crítico, dissociador e negativo — realizou um amálgama literário de um gosto particularista que lhe dá uma feição original e forte.

D. Jacinto Benavente responde ao meu inquérito com a sua última produção teatral — *La ciudad alegre y confiada* — que revolveu de tal maneira a sociedade madrilena que a Câmara Municipal entendeu propor a mudança dos nomes da *Callè de Atoches* e da *Plaza do Oriente* onde está o palácio Rial, em *Calle de Benavente* e em *Plaza de Benavente*.

Uma subscrição está aberta e já tem alguns milhares de pesetas para erigir uma estátua ao autor de *Ciudad alegre y confiada*, que é a se-

gunda parte de uma peça intitulada *Intereses Criados*.

Ciudad Alegre y Confiada é o símbolo da Espanha no actual momento.

Jacinto Benavente mostra a *Cidade alegre* vivendo despreocupadamente sem se importar com a guerra entre venezianos e genoveses que, na intenção do autor, representam respectivamente os ingleses e os alemães.

Benavente, entendendo fazer sínteses teatrais, não liga importância aos outros beligerantes que êle considera como acessórios.

A luta é entre venezianos e genoveses.

A cidade alegre e confiada não se preocupa com a guerra, mas passa o tempo a divertir-se, a tomar tudo pelo lado folgazão e a troçar das idéas de pátria e mesmo da idéa de dignidade.

Mas a Espanha, — perdão! — a *cidade alegre e confiada*, é explorada por dois sócios! — *Polichinelo* que representa a usura e *Pantalon* que é a imagem da vil astúcia.

Um tal *Públio* que representa a má imprensa e as suas idéas dissolventes, busca enganar o povo com rêtóricos lugares comuns.

Pantalon e *Polichinelo* são os donos da *Cidade alegre e confiada* e, como dispõem da administração do tesouro público, aproveitam-se disso

para ganhar muito dinheiro, impingindo à cidade um lote de velhos barcos de guerra e grande quantidade de munições avariadas.

Ao mesmo tempo traficam com os dois beligerantes e vendem-lhe tôdas as laranjas, todo o gado e todos os víveres da *Cidade alegre e confiada*.

A *Cidade* fica sem ter que comer e é neste momento crítico que aparece em scena um personagem chamado o *Desterrado*.

Êste sujeito é a representação de tudo quanto está exilado da *Cidade*, isto é, o sentido comum, o sentido da Pátria e o da dignidade.

O *Desterrado* grita que estão enganando a *Cidade* e que ela está sôbre um verdadeiro vulcão.

A gente ri-se das maluquices do *Desterrado*, mas não passa muito tempo sem que os venezianos (ingleses), declarem a guerra à *Cidade alegre e confiada*.

E, como a cidade não tem armas nem víveres e nem sequer dignidade, os venezianos entram na *Cidade alegre e confiada* sem sofrerem a mais fraca resistência.

O povo revolta-se, diz que o enganaram e lincha *Pantalon* e *Polichinelo*, pegando fogo a uma parte da *Cidade alegre e confiada*.

A moral da obra, diz Benavente, é que as ci-

dades como esta, devem sofrer o castigo que sofreu Sodoma pelos seus vícios, a não ser que se oiça enfim! e se tome a sério a voz do *Desterrado* que está gritando: — Pátria! Pátria! Pátria!...

*

*

*

Quanto a Pio Baroja que não está ainda em vésperas de ter ruas com o seu nome e estátuas que o representem, encontrei-o na redacção da revista *España*, de que êle é um dos principais redactores.

Pio Baroja não respondeu com símbolos quando lhe perguntei: «Que impressão lhe produziu a entrada de Portugal na guerra?»

— «É uma acção romântica, respondeu-me o escritor, mas sem nenhuma eficácia. Talvez que dentro dos interesses nacionais portugueses tivesse sido uma medida de prudência.»

— Em que sentido?

— «Pela comunidade de interesses com a Inglaterra.»

— Não haverá complicação com a Espanha?

— «Não creio. Espanha está inerte há muito

tempo. Há a diferença entre Portugal e Espanha, que em Portugal existe no horizonte uma ilusão de futuro. Em Espanha falta o ideal e isso produz a inércia espanhola.»

— E como explica então a actual renascença espanhola?, perguntei eu.

— «Não há nenhuma renascença. Espanha é um país que tem uma faísca que brilha de vez em quando. Um fogo-fátuo que aparece e que desaparece.

«Para haver uma renascença positiva era necessário que existisse uma influênciã qualquer saída de uma escola com tendências definidas, e é o que não existe.

«Na literatura, há tendências regionais na Catalunha e na Galiza. Há-as também um pouco nas províncias Vascongadas mas, essas tendências, não produziram ainda obras bastante grandes para constituírem uma literatura própria.

«Quanto aos pintores, êles não podem ser a base de uma renascença pela falta de continuidade na sua evolução e pela falta de escola.

«Os pintores são sómente manifestações individuais de habilidade ou de talento, mas, a evolução dessa habilidade ou dêsse talento nunca passa dos 25 anos.

«Ao chegar a essa idade, como lhes falta a

cultura, como não lêem, como não teem emoções complexas e não desenvolvem a sua sensibilidade, param e... ficam a pintar eternamente a mesma coisa.

«Olhe Sorolla, por exemplo, que foi uma grande promessa. Continuou pintando absolutamente igual ao que pintava aos 25 anos.»

— Mas, meu caro Baroja, sente-se, na arte espanhola contemporânea, um grande sentido decorativo.

— «Essas tendências decorativas são exóticas e foram implantadas por emigração. A arte espanhola nunca foi, em nenhuma época, dessa índole. Pode estar certo de que o que se vê agora não é uma renascença, mas a manifestação de algumas individualidades ocasionais.»

— E o que lhe parece o aspecto político? Não lhe parece que as circunstâncias que rodeiam a Espanha podem obrigá-la a sair da sua enérgia?

— «A Espanha suportará tudo, porque o que ela não quer é perder a sua tranquilidade.»

— E o carvão? Dizem que se houvesse qualquer conflito e o carvão estrangeiro não pudesse chegar aos portos espanhóis, seria um desastre.

— «Não é tanto assim. Forçando um pouco, poderíamos extrair das nossas minas mais vinte por cento da produção ordinária e isto bastaria

para as nossas necessidades internas. De resto, isso do carvão não pode constituir uma arma contra a Espanha, pois o apoio espanhol é demasiado pequeno e a Inglaterra, que domina os negócios internacionais dos aliados, não o necessitará.»

— Contudo, há propagandas e busca-se a opinião espanhola.

— «Certamente, mas é um pouco pela ignorância do que ela pode valer. Tudo quanto poderíamos dar é um apoio moral e quixotêsco. Contudo, talvez que se procure inclinar Espanha para o lado dos aliados por medida de conveniência económica, mas nem por isso perderá a sua neutralidade. A Espanha será uma espécie de campo comum.»

— Mas *usted*, meu caro Pio Baroja, é germanófilo e um dos chefes da legião intelectual germanófila. O que o leva a admirar a Alemanha?

— «É que a Alemanha é um povo acostumado às condições da vida moderna. Por mais que os adversários queiram ridicularizar o seu génio, o certo é que ela representa a técnica na ciência. A orientação anti-nústica de *Kant* tirou a êsse povo o sentido do milagre.

«Nós, em Espanha, necessitamos de uma

grande colonização alemã para sofrer o benéfico contágio das suas virtudes.

«De resto, é a única raça que é capaz de se misturar connosco dando bons resultados e de realizar qualquer coisa em Espanha.

«A raça alemã é, em Espanha, uma raça mãe. Está representada pelos Visigodos, pelos Vândalos e pelos Suévos na Galiza.»

— Mas qual é a razão porque há uma certa hostilidade com a França?

— «A Espanha está saturada do que se chama Civilização francesa. Está farta do espirito da revolução francesa, do positivismo francês, dêsse positivismo sêco que deu uma sciência chôcha. Está farta do radicalismo francês como está farta da transcendente causa literária francesa e do naturalismo francês.

«A Espanha quer libertar-se da tutela intelectual francesa e tomar a civilização nas próprias fontes onde ela nasce.

«A germanofilia espanhola é, sobretudo, a reacção e o protesto contra a pretenciosa dominação civilizadora do *Boulevard*.»

— Contudo, interrompi eu, os métodos de ensino da França e da Inglaterra teem dado bons resultados.

— «Engana-se redondamente. Os métodos de

ensino franceses e ingleses não nos conveem.

«A França tem a monomania de ensinar a ser *cidadão* e a Inglaterra a pretensão de produzir *gentlemen*. Os métodos alemães preocupam-se simplesmente com ensinar a técnica das coisas, deixando ao indivíduo a liberdade de ser o que melhor lhe convêm. Por isso a Alemanha é a professora ideal para a Espanha.»

— É o que lhe parece a idéa da *União Ibérica*?

— «Impossível, pelo menos por agora. Não há nenhuma razão que nos obrigue a fazê-la. As fronteiras espano-portuguesas são quási desertas. As raras povoações dessa fronteira não teem actividade.

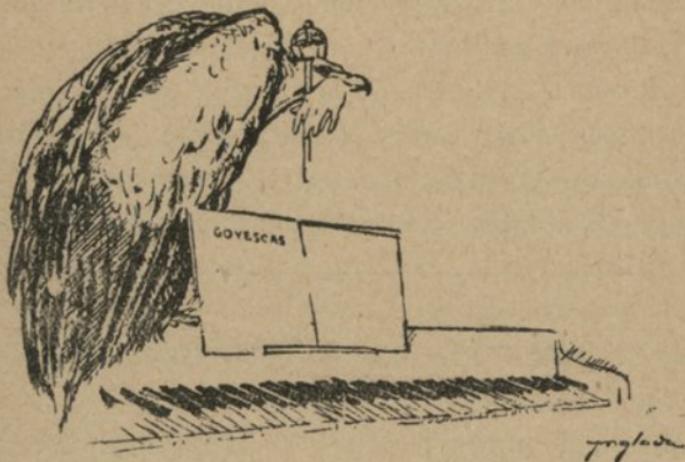
«Para fazer a união ibérica seria necessário que a Espanha tivesse mais trinta milhões de habitantes do que tem e que Portugal aumentasse de dez ou de quinze milhões a sua população.

«Até lá, não entrevejo a necessidade de união e não compreendo as razões fundamentais de uma divergência.»

— Nem mesmo políticas?

— «Políticas, talvez!... mas os nossos povos já teem idade de ter juízo!...»

OS FRANCÓFILOS ESPANHÓIS



Ainda mais mãos cortadas!... ¹

É justo que eu não deixe de olhar, neste livro, para aqueles que são sinceramente pelos aliados.

São quâsi todos os que teem um espírito livre e a inteligência desenvolvida pela verdadeira cultura ou pelas viagens por essa Europa e conhecem de perto o que vale o moral de cada um dos povos em beligerância.

¹ Desenho de *Anglada* a propósito da morte do compositor Granados.

Apesar da propaganda extraordinária que fizeram e fazem os alemães em Espanha, existe ali uma opinião importante e, pode dizer-se, preponderante, porque ela constitue um bloco de sentimentos e de interêsses com a minoria liberal que governa a Espanha.

¿Como não havia de ser assim, se a opinião em Espanha se forma quási sempre por intermédio da imprensa e essa, à parte os jornais reacionários ou os que, como é sabido, se venderam à embaixada alemã, são francófilos *enragés*?

Esta francofilia é tanto mais para admirar quanto todos sabem que os aliados não dão dez réis para a propaganda da sua causa.

Os que são pelos aliados é sómente por solidariedade moral e sinceramente, pois nada tem a ganhar.

Na política, Melchiades Alvarez dirige a grande propaganda a favor dos aliados, com o seu partido Reformista.

Na imprensa periódica, Araquistain, com um grande talento, conduz o popular semanário *Espanña* pelo caminho dos aliados e constitue um elemento de propaganda importante, pôsto que os artigos são assinados por homens de alto valor e de reconhecida autoridade.

Miguel Unamuno, o ilustre catedrático, ins-

pira superiormente a alma da revista, e *Bagaria*, o inteligente desenhador, tem feito uma campanha francófila de altíssimo valor e que só é comparável à propaganda ardente de *Apa* em Barcelona e à de *Marin* no *Liberal* de Madrid.

Na imprensa diária existe todo um grupo importante de jornais e de jornalistas fiéis à causa da França e compreendendo o dever de solidariedade da Espanha com o nobre país que sempre lutou e luta ainda pela grande causa da liberdade.

Os principais jornais, como a *Correspondencia*, *El País*, *El Radical* e o grande jornal da manhã *El Liberal* são francófilos. *El Liberal* é hoje dirigido superiormente pelo notável cronista e meu antigo amigo de Paris, Enrique Gomes Carrillo, que se tem salientado na imprensa europeia pela sua ardente campanha a favor da extraordinária França.

Luís Bello, o actual deputado pela Galiza e que é um dos que trabalham íntimamente na factura do grande quotidiano de Rafael Gasset — *El Imparcial*, é, certamente, um dos espanhóis mais sinceramente adeptos à grande causa dos aliados.

Eu tive ocasião de viver íntimamente com Don Luís durante a minha permanência em Madrid, como já vivera companheiramente com o

ilustre escritor, quando êle estivera por Paris e por Bruxelas.

Posso, portanto, avaliar quanta sinceridade existe não só no meu ilustre e querido amigo — o que era inútil comprovar, dada a sua grande cultura e a sua alma generosa — mas a sinceridade de todos aqueles que formam em Madrid um grande núcleo de adeptos à causa da justiça.

Horas tristes, por exemplo, vivemos nós todos, os amigos de Luís Bello, na noite em que veio o sêco *marconigrama* dizendo que a esquadra alemã aniquilara a esquadra inglesa nas paragens da Jutlândia.

Foi nêsse momento que eu pude ver o que valia a sinceridade das opiniões germanófilas e as favoráveis aos aliados.

Emquanto o público se precipitava sôbre as edições da *Tribuna* e do *Correo Español* que estampavam nas primeiras páginas o definitivo desastre da armada inglesa e a vitória indiscutível da marinha de guerra alemã, eu via nos rostos da maioria da gente o espanto e o temor das consequências, porque era evidente que uma tal vitória, se tivesse sido verdadeira, chamaria a guerra para o sul e a Espanha seria fatalmente envolvida.

Foi um momento trágico para os *francófi-*

los!... Não havia notícias positivas, pois em Paris ignorava-se às 6 horas da tarde o que sucedera, como me afirmou o meu dedicado Léon Rollin que já tinha telefonado para *qui de droit* em França.

Até os ingleses se conservavam num mutismo incompreensível, ao passo que os *sem-fios* alemães continuavam, com uma exuberância de detalhes, a confirmar implacavelmente a primitiva notícia, dizendo as horas do combate e os nomes dos barcos afundados.

Foi então que eu pude ver a sinceridade dos francófilos, verificando, a um e um, os elementos de apreciação: confrontando as notícias que davam como destroçados certos barcos, quando os mesmos barcos já estavam fora de combate havia meses.

Fixavam-se conseqüências e concluía-se invariavelmente — desconfiar da veracidade da notícia — *apesar de formal*.

A Alemanha não merecia crédito, mesmo quando, como naquele momento, afirmava terminantemente ter tido uma vitória.

Dizia os barcos destroçados dos inimigos mas esquecia-se de indicar os navios alemães que os ingleses tinham posto fora de combate, e certamente que devia haver falhas na esquadra alemã.

Os aliadófilos lembravam que a Inglaterra costuma não dar notícias sem estar certa delas. Olhava-se para o mapa e via-se a distância que vai do Skager-Rack, onde a batalha se deu, até às costas inglesas e via-se claramente que só uma esquadra volante inglesa poderia ter tomado contacto com a esquadra de combate alemã.

Certamente essa esquadra, inferior em tonelagem e em velocidade, sofrera o choque mas a esquadra inglesa de combate seria prevenida pela telegrafia sem fios e viria pôr os alemães no seu lugar.

Era impossível que os alemães tivessem conseguido vencer a marinha inglesa e, chegados a esta conclusão, descansava-se e esperava-se.

«Sómente, porque é que os ingleses não diziam nada?!...»

E os raciocínios recommçavam...

*

* — *

Nos cafés e nos *colmados* os alemães exultavam.

Numa mesa de *los Gabrieles* oito alemães acompanhados de seis *doncellas*, levantavam os copos em honra da vitória alemã.

Na mesa do lado, um inglês conhecido em Madrid, comia tranqüilamente *langostinos*.

Descascava pacatamente o róseo langostim, metia-o na bôca, largamente aberta, dizendo irónicamente em voz alta: «*um submarino alemão!*» E continuava tirando a casca a outro *langostino* e comia-o dizendo novamente: «*outro submarino alemão!...*»

*

* *

É, o certo é que os alemães, apesar de serem oito, levantaram-se e saíram do estabelecimento porque sentiram claramente que todo o numeroso público que assistia à humorística ironia do inglês a comer *langostinos* como quem come submarinos alemães, não deixaria impunemente que suas excelências os *boches* fizessem das suas.

Eu vi nêsse pequeno detalhe, comprovado por mil outros, que o povo não está tão conquistado à opinião germanófila como muitos o supõem e como os alemães o desejavam. O assassinato do grande compositor *Granados*, deu o primeiro abalo na opinião espanhola, mas a defesa heróica de *Verdun* pelas tropas francesas, determinou a simpatia espanhola pela causa dos aliados.

Não é impunemente que se diz o *teatro da guerra*. Os neutros são os espectadores que se deixam influir pelo espectáculo a que assistem.

A opinião espanhola transformou-se profundamente depois de conhecer a defesa admirável da gloriosa praça forte francesa.

Hoje já se não é germanófilo em Espanha. Também se é francófilo!...



O QUE PENSA O REI DE ESPANHA

Num dêsses *bars* cosmopolitas, como só se encontram nas grandes cidades, e em que, à noite, se reúne a gente mais diversa para pagar caro as bebidas reles que se chupam por palhinhas, com um ar de definitiva elegância, ao som de valsas lânguidas tocadas por um quarteto farda-

do com uniformes de opereta, encontrei-me com um íntimo do Palácio e amigo particular do Rei de Espanha.

Como se chama? — não o posso dizer. As circunstâncias dêste encontro e a intimidade da conversa não devem ter um autor responsável, e assim o prometi.

Basta lembrar os detalhes desta entrevista feita num estabelecimento nocturno, no meio do *brouhaha* das conversas, do estalar das rôlhas de *champagne*, enquanto os pares dançavam o tango ao ritmo dolente de alguns instrumentos de corda.

Nesta confusão de gente bem vestida podia ver-se um cônsul de um país beligerante que aí vem ver e... beber.

Mais além, está um espião conhecido a dizer asneiras amáveis a uma moreníssima italiana de olhos verdes e perversos.

Num cantinho está a neurasténica *Paulette*, saudável como uma *blanchisseuse* mas preocupada de literatices e hesitante no que respeita às causas subtis e misteriosas que engendraram aquele *frisson* que ela distribue por um janota do Palacê, por *Bagaria*, por um dançarino do *Rhin*, por *Penagos* e por mais uns quantos.

Entrevê-se, ao fundo da sala, no comêço das

escadas, um grande aficionado de toiros, G..., oficial da administração militar e braço direito do *fenomenal* Belmonte e, mais além, numa mesa pequena e rodeada de quatro beldades, reconhece-se o simpático dr. B... que foi conselheiro íntimo de *Moulay-Hafid* nos tempos de divergência franco-espanhola no marroquino palácio de *Rabat*.

Há franceses e há alemães. Alguns ingleses e italianos, turcos, australianos e poucos espanhóis.

Há mesmo um preto de *smoking* dançando lúbricas valsas com a serenidade elegante de um *gentleman* de Fernando Pó!...

*

* *

Madrid é o sítio curioso onde converge a curiosidade mundial.

João Chagas que tem, entre outros talentos, o de fazer definições pitorescas, disse um dia que — «se Paris é uma janela aberta sobre o Universo, Lisboa é uma janela que dá para um sa-guão!...»

Se o actual ministro de Portugal em Paris

aqui estivesse, como outrora, nos tempos idos em que estivemos imigrados na mesma casa da *Calle Jardines*, poderia completar a sua *boutade* dizendo que Madrid é, neste momento, «*uma janela aberta sôbre a política internacional.*»

Em Madrid observa-se, espia-se e conspira-se.

Há ordens que são dadas mais facilmente de Madrid que de Berlim, e certas acções diplomáticas teem mais significação exercidas de Madrid que de Londres ou de Paris.

No meio dêste indiferentismo mórbido, tão madrilenho, que se baloiça compassadamente ao som lânguido das violas e das bandurras, há uma vida que ferve e uma luta intensa que é curioso examinar, como é interessante, para um artista plástico, descobrir entre o emaranhado das linhas de uma fisionomia humana, quais aquelas que são essenciais para definirem o tipo e que correspondem à natureza íntima do indivíduo.

*

*

*

Aqui ao lado, na mesa vizinha, um elegante toma uma simples chávena de chá.

Daquela palidez peculiar aos empoados retra-

tos de *Mengs* e a certas pinturas de *Goya*, o meu vizinho irradiava uma grande distinção que contrasta com o *rastaquoërismo* ambiente.

Minutos depois, o escritor Felipe Trigo apresentou-nos o aristocrático Marquês, pois marquês é o meu vizinho, que falou durante mais de uma hora sobre a arte, sobre a literatura, sobre a dança, sobre a beleza das mulheres, sobre o calor que é espantoso neste Madrid, plano como o fundo de um prato, dos jardins de *Araujuez* que são a imitação espanhola dos jardins de *Versailles*. Falou de Paris e de diversas intimidades dos seus *quartiers* e falou, por fim, daquilo que eu desejava que falasse, do que lhe era mais familiar, do Palácio Rial e do seu majestático inquilino — o Rei.

Que astúcias foram precisas para trazer a conversa para este assunto, o leitor calculará.

O certo é que chegado a este ponto, e dada a delicadeza do meu interlocutor que muito amavelmente aceitou o facto com um gesto de cortesia equivalente ao que se faz nas salas de armas quando se diz — *touché!* — eu só poderei contar o resumo desta interessante conversa:

«O Rei de Espanha não é conhecido como merecia ser. Se em vez de o olharem sómente como um rei fechado no seu palácio, escravo do



protocolo, os adversários vissem o que êle trabalha e como êle se interessa pelos destinos do seu país, D. Afonso XIII teria a simpatia até dos seus inimigos.

«O Rei busca, sempre que pode, fugir ao aparato da rialeza e mostrar-se o homem simples que é.

«Sôb a sua natureza um pouco enfermicha que tanto preocupa os seus familiares, está uma vitalidade enorme.

«Quem o conhece íntimamente, sabe tôdas as dificuldades que há para o conter no gôzo da vida.

«A única terapêutica com que está de acôrdo é a caça.

«Os médicos recomendam-lhe as caçadas por causa do sadio do exercício e pelo ar que se respira nos bosques onde o Rei corre as lebres, mas D. Afonso gosta das partidas de caça porque é aí precisamente que êle pode fugir à tirania dos médicos que o privam de tudo, mesmo do que é mais agradável para um espanhol: — o vinho, o amor e o tabaco.

«As caçadas na *Casa de Campo* e, sobretudo, nos bosques do *Pardo*, são a relativa liberdade para um homem de trinta anos que sente o fogo da juventude, apesar de ter séculos de história.

sôbre os ombros e o pêsso quotidiano de tôdas as dificuldades de um momento grave.»

— Mas o Rei interessa-se realmente pelas coisas de Espanha?

— «O Rei interessa-se até pelos pequenos detalhes. Basta ver o que está acontecendo neste momento com os *bailes rusos* que não podiam vir a Madrid por serem muito caros.

«O Rei, compreendendo a beleza dêsse grupo admirável de artistas que juntam à música, a dança, a mímica e o scenário tão estranhamente moderno, e vendo a impossibilidade de qualquer empresa se aventurar no negôcio, decidiu pagar do seu bôlso o *déficit* que houvesse no final das representações.

«É, aqui muito em segrêdo, posso dizer-lhe que Sua Majestade já pensou em tornar-se o empresário do *Teatro Rial* para conseguir dar à Ópera de Madrid todo o esplendor conveniente a uma grande capital.

«Sôb o ponto de vista da pintura, o meu amigo sabe que o Rei se interessa particularmente, pois ainda há dias teve occasião de o ver na exposição *Beltran* no *Palace Hotel*.

«O Rei interessa-se por tudo quanto possa dar vida e grandeza a Espanha. Sua Majestade occupa-se activamente do problema industrial, como

também já se interessou à questão da agricultura.

«Foi o Rei quem teve a idéa de fazer um inquérito das necessidades agrícolas em Espanha para que seja possível atacar os vários males de que enferma a agricultura.

«Há anos, o Rei interessou-se particularmente à indústria automobilista, e conseguiu levar essa indústria a lutar ao centro onde reinavam com esplendor as melhores marcas do mundo.

«*Usted* deve lembrar-se que a indústria espanhola de automóveis obteve um grande triunfo na própria capital da França.

«Êstes motores, aos quais se interessa o soberano, são os mais procurados para os aeroplanos e constituem, neste momento, uma intensa indústria espanhola.

«*Figure-se usted* que o motor de 200 cavalos só pesa 187 kilos; isto é, menos de um kilo por cavalo!

«Esta leveza dá-lhe uma grande vantagem sobre os outros motores e, por isso, estão-se fabricando, a tôda a pressa, *vinte mil motores para os aliados*.

«Os ingleses encomendaram dôze mil e os franceses oito mil motores de aeroplano.

«E, se isto continua assim, não será para estranhar que a iniciativa rial consiga juntar vá-

rios concursos e criar um grande centro industrial em Espanha, rivalizando com a casa *Krupp*.»

— Mas o Rei pensa na guerra?

— «Pensa que ela deve durar bastante tempo e que é preciso tratar de salvaguardar os interesses da Espanha durante êste período de conflito e preparar a acção para depois da Paz.»

— D. Afonso é germanófilo ou é aliadófilo? perguntei eu de repente.

— «O Rei é espanhol, antes de mais nada. Por educação e por carinho de família, pois Sua Majestade a Rainha é inglesa, inclina-se para os aliados, mas o Rei é rei de Espanha e, como tal, deseja que o seu país seja forte, industrialmente desenvolvido e que a sua grandeza irradie, graças ao esforço metódico dos seus súbditos.

«Por esta razão, não pode deixar de admirar a Alemanha.»

— Nêsse caso a simpatia vai para a Alemanha?

— «Engana-se. Sua Majestade é perfeitamente neutral. O que Êle queria sinceramente era que esta maldita guerra acabasse de vez.»

— E Portugal?

— «Disso não posso dizer tudo quanto sei, mas pode estar certo de que o Rei, apesar de tôdas as influências da sua *entourage*, tem a no-

ção do que deve fazer e livra-se, quando é preciso, dos seus mais íntimos conselheiros. A prova do que digo está em que, quando a *camarilla* rial julgava em certa ocasião que o projecto da conquista de Portugal era indiscutível, o Rei abdicou de tôdas as idéas de imperialismo ibérico e acedeu ao que lhe pedia o chefe do govêrno, isto é, — a neutralidade espanhola com o país vizinho.»

— Que lhe pareceria se eu pedisse uma audiência ao Rei?

— «Não creio que seja o momento propício para entrevistas. Certo é que D. Afonso gosta de falar com pessoas estranhas ao Palácio, mas o momento é mau. Uma simples palavra pode ser mal interpretada e o Rei tem de inclinar-se a esta razão. Mas deixe-me dizer-lhe que estou certo de que êle gostaria de lhe falar, apesar de que *usted* publicou em Paris vários números do *Assiette au Beurre* sôbre o casamento rial, sôbre Ferrer e creio também que um outro chamado *La Mano Negra*.

«Mas isto não seria razão para que Sua Majestade o não recebesse, se o momento fosse outro.

«Recebê-lo-ia com ainda maior prazer se soubesse que é representante de um jornal da América. Sua Majestade interessa-se bastante pelo

movimento Sul-Americano e, se não fosse a guerra, teria já ido até ao novo continente fazer uma visita. Mas agora, como êle disse há tempos a um americano, terá de se trabalhar muito em Espanha depois da guerra.

«Vai ser necessário, disse Sua Majestade, reformar os velhos moldes, destruir uma grande parte e construir outros para que a renascença espanhola deixe de seguir com a velocidade de uma tartaruga e comece a marchar a passos de gigante».

— Como parece, o Rei tem idéas um pouco revolucionárias.

— «O Rei é de opinião que a humanidade progrediria se houvesse o desarmamento geral.»

— Mas êle crê nêsse desarmamento?

— «Infelizmente, não. O Rei diz que depois da guerra, os povos se armarão ainda mais do que hoje. O facto de a Bélgica, disse ainda Sua Majestade, ter sido neutralizada com o consentimento das outras nações e se encontrar finalmente sem outra defesa a não ser a fôrça armada, faz compreender aos outros países, grandes e pequenos, que para existirem é indispensável rodearem-se das seguranças mais positivas.»

— Como entende D. Afonso XIII o progresso

social dentro das dificuldades de uma paz armada?

— «O Rei diz que o socialismo se tornará dia a dia mais governamental e que os socialistas conseguirão as suas mais justas aspirações pelas vias legais, sem necessidade de recorrerem a violências.

«Mas não crê que o socialismo fique na sua forma de agora. O socialismo também evoluciona e os socialistas compreenderão que foram enganados por alguns políticos que fizeram do pacifismo internacional uma bandeira à sombra da qual teem vivido. Êles mesmo, depois desta guerra, disse o Rei há pouco diante de alguns particulares, reconhecerão que «emquanto a humanidade não modificar os seus instintos, não haverá outra salvaguarda dos direitos internacionais nem melhor defesa que a providência e a fôrça!»

— Mas, se o Rei é dessa opinião, parece que deveria conduzir a Espanha a tomar logar no conflito europeu para garantir os seus interesses...

— «Não é tanto assim, disse o meu amável e espirituoso vizinho. O Rei pensa que:— *l'on n'achète pas, en rentrant, le droit de siffler!*... e, como prudente espanhol, parece-lhe que o melhor é ver a corrida por dentro da barreira...»

CONSPIRAÇÕES CONTRA A REPÚBLICA PORTUGUESA

Para se compreender a razão das conspirações contra Portugal, é necessário saber em que consiste o espírito republicano em Espanha, pois é a República que perturba os políticos palacianos em Madrid.

Apesar da aparente depressão da idéa republicana em Espanha, há um partido republicano e, o que é mais importante, é que existe uma opinião pública republicana composta de todos aqueles que tem consciência do que é a República, dos proletários socialistas que a ela aderem como *étape* e dos que protestam contra a marcha dos acontecimentos, contra o arbitrário das leis, contra a autoridade por vezes insuficiente e outras

vezes absurda ou exagerada, contra a imperícia governamental e, numa palavra, de todos os descontentes.

A idéa republicana em Espanha sofreu várias crises, mas a principal foi, apesar do paradoxo, a proclamação da breve República espanhola, em cuja vida, efémera como a de uma rosa, — pois não foi além do pequeno espaço de tempo de onze meses — resolveu uma série de problemas que a sociedade dessa época não necessitava pelo atraso em que a sua evolução se encontrava.

Os republicanos espanhóis e, sobretudo, os seus presidentes Castelar, Estevanez e Salmeron, applicaram na sua forma integral, que elles *estilizaram* sôb o ponto de vista da liberdade, tôdas as leis provenientes da revolução francesa.

Daí, o fracasso da República — prematuramente proclamada — e a vinda do esperto Sagasta, duas vezes condenado à morte e emigrado em França e o espectáculo da patusca contra-dança do Poder que durou vinte e cinco anos, consistindo em passar o govêrno das mãos de Sagasta para as de Canovas del Castillo e das de Canovas para as de Sagasta, sem que a instrução se desenvolvesse e o fomento nacional desse um simples passo para diante.

À sombra dêste *dolce far niente* directivo me-

drou fortemente o caciquismo regional como uma planta parasita medra num velho tronco carcomido.

Esta obra de marcar passo foi coroada por fim pela perda do império colonial espanhol — Cuba e Filipinas.

Os dois *compadres* que se outorgaram o poder em Espanha durante tantos anos, tiveram a esperteza de aceitar tóda a constituição liberal republicana, apesar da largueza de idéas e, por vezes, através da história dêstes últimos trinta anos, o mundo pôde assistir, sem compreender exactamente o significado do fenómeno, às constantes *suspensões de garantias* que faziam prever acontecimentos graves que, afinal, se não realizavam.

A Europa chegou a dar um nome a êsses absurdos. Chamou-lhes: — COISAS DE ESPANHA.

Essas *Coisas de Espanha* foram o desequilíbrio entre a constituição espanhola — ultra-liberal — que não consente ao Estado e à autoridade que se meta nas manifestações políticas do povo espanhol sem que exista um estado de guerra e a prática governamental à qual não convêm essa liberdade popular.

Resultava disto que, para que o govêrno pudesse governar e, por vezes, reprimir um pequeno

conflito local sem sair das leis fundamentais da constituição herdada da República, era necessário pôr-se em estado de guerra.

Suspendiam-se as garantias numa província, numa cidade, numa aldeia ou num simples bairro, e então a autoridade podia fazer o que entendesse sem infringir as leis do país.

Era sôb a lei marcial que isto se praticava, mas êste *truc* de legalidade era ainda uma indirecta homenagem à República de cujo poder se desconfiava.

A história dos últimos anos da monarquia em Espanha, do desenvolvimento intelectual do povo e da sua progressão no caminho da consciência, deram a esta nação uma idéa de bem estar que não existia antigamente, mas, o que é curioso, é que foi o poder rial o herdeiro desta satisfação pública.

Contudo, a Espanha de hoje, pela sua evolução considerável, está muito mais perto das idéas republicanas do que estava quando a República foi proclamada nêste país.

O partido republicano não é preponderante, mas devemos considerar que nenhum partido político é preponderante em Espanha quando não está no poder.

Isto não impede que seja uma fôrça autên-

tica, tanto mais quanto os seus principais dirigentes representam na imprensa e no Parlamento uma opinião que o próprio Rei não desdenha de ouvir nos momentos difíceis.

Por esta razão, fui falar com vários homens políticos republicanos sôbre a impressão produzida em Espanha pela entrada de Portugal na guerra, e o conjunto dessas declarações é de uma importância grande para Portugal e desvenda factos e um ponto de vista, que felizmente não é geral, mas que pode ser perigoso em certas circunstâncias, como já esteve para ser.

*

* *

Desde que se proclamou a República Portuguesa, disseram-me os ilustre republicanos com quem falei, existe uma conspiração constante contra Portugal, organizada pela Direita e mais particularmente pelos nobres galegos, entre os quais se encontra o Marquês de *Riesta* e um chefe carlista chamado *Llorense*.

Êste núcleo conspiratório contra Portugal comprou espingardas e munições a pretexto de serem destinadas à América e êste carregamento

esteve num barco ancorado em Bilbao e chegou uma vez a ir a Portugal.

O jornal *El Radical* denunciou o facto com todos os detalhes, mas fez-se silêncio à volta do assunto.

Esta conspiração contra Portugal não tinha simplesmente um carácter particular.

O foco destas conspirações era a *camarilla* palatina e, se não houve conseqüências graves, foi simplesmente pela opposição formal dos chefes do governo, isto é, Canalejas, Dato e Romanones.

Êstes homens políticos sabiam as conseqüências graves que poderiam resultar da execução de um plano desta ordem que desligaria a Inglaterra de certos compromissos.

Mas a *camarilla* conspiratória, que era composta dos inseparáveis do Rei, não queria compreender êstes perigos e só via a facilidade da aventura.

D. Afonso XIII estava enamorado da idéa de um império ibérico e houve um momento em que estiveram preparadas três divisões completas, com artilharia e todo o material necessário a uma expedição guerreira, sôb o pretexto de envio de tropas para Marrocos, mas realmente destinadas a Portugal.

Esperava-se encontrar entretanto um pretexto para romper diplomáticamente com a República portuguesa.



O general Marquês de Polavieja

*
* *
*

Mas antes mesmo de se ter encontrado êsse pretexto, trabalhou-se activamente para formar o exército que devia realizar a conquista.

O general Polavieja comprometia-se a tomar Lisboa à frente de quarenta mil homens e a impor *Caserta*, como rei, ao povo português.

Erã *Caserta* que tinha sido designado para rei de Portugal nas reuniões secretas dos conspiradores que se realizavam no próprio palácio da Infanta Isabel.

Todo êste movimento belicoso foi a consequência da revolução de 5 de outubro que proclamou a República em Portugal.

O ministro de Espanha em Lisboa, Marquês de Villalobar, informava Madrid, afirmando ser urgente uma intervenção. Villalobar dizia que os caudilhos republicanos não inspiravam confiança à nação e que a República seria efêmera.

O diplomata espanhol enganou Madrid talvez porque não compreendeu a verdade portuguesa.

Não percebeu que, apesar das divergências políticas, não há um só português que deixe de estar de acôrdo e não esteja pronto a defender com o seu corpo a causa da *Nacionalidade Portuguesa*.

O ministro Villalobar não soube ou não quis observar e determinou, com as suas falsas informações, um êrro deplorável em Madrid.

Foi por isso que se chamaram as reservas aos quartéis, a tôda a pressa.

Passaram-se scenas, nessa ocasião, de verdadeira comédia.

No quartel da *Montanha*, por exemplo, — um dos quartéis importantes da guarnição de Madrid — nada estava preparado.

Reinava uma doce tranqüilidade e os regimentos que deviam ter uns mil homens, pouco mais tinham de duzentas praças.

Faltavam os uniformes, as camas, etc.

Quando os soldados das reservas começaram a afluir ao regimento, em consequência da ordem rápida de mobilização, houve uma balbúrdia medonha da qual se lembram ainda os que estavam, nêsse momento, casernados no quartel da *Montanha*.

Felizmente que appareceu um homem pitoresco que exerceu a função de «Salvador» e resolveu a dificuldade dos uniformes de um dia para o outro.

Esse homem chamava-se *El Valenciano* e tinha uma loja de adelo no *Rastro* de Madrid, que é uma espécie da lisboeta *Feira da Ladra*.

El Valenciano era o principal comprador dos apetrechos militares de que certos soldados se vão desfazendo, pouco a pouco, a trôco de uns modestos cobres, no decurso do serviço militar.

El Valenciano tinha, dessa forma, um sorti-

mento importante de uniformes, de baionetas, de botões, etc., etc., que alugava ou vendia aos teatros e para folguedos carnavalescos.

Foi ao *Valenciano* que foram comprar, à última hora, os uniformes que faltavam para pôr o regimento em pé de guerra...

Todo êste aparato bélico deu como resultado uma revista no passeio de *Castellana*, em Madrid, no dia 31 de outubro de 1910 — uns vinte dias depois da proclamação da República em Portugal.

Os motivos apresentados eram a necessidade de tropas para Marrocos e uma missa campal à memória dos soldados mortos em África, mas a realidade, que ninguêem ignorava e que, hoje ainda, é perfeitamente conhecida em Madrid, era



Dragones de Lusitania 12
Husares de la Muerte

Oficial do regimento de *dragones de Lusitania* ou *Husares de la muerte*.

Croquis de Ramon Cilia (Filho)

fazer ver ao Rei as tropas que deviam vir a Portugal, uma vez que o engenho dos diplomatas tivesse descoberto o tal pretexto da ruptura.

Essas divisões que ocupavam tôda a *Castellana* e as ruas adjacentes estiveram, a pé firme, armadas e equipadas em pé de guerra, sôb uma intempestiva carga de água.

«Chovia a potes», disse-me alguêm que passou várias horas perfilado nas alturas da *Calle de Goya*.

As fôrças destinadas à conquista de Portugal, compunham-se exactamente dos contingentes seguintes:

1.^a DIVISÃO

(Regimentos de Infantaria)

- | | | |
|-------------------------|---|-------------------------|
| 1. ^a Brigada | { | 1 — Regimento de El Rey |
| | { | 38 — » de Léon |
| 2. ^a Brigada | { | 6 — Regimento de Saboya |
| | { | 50 — » de Wad-Ras |
- Regimento de Maria Cristina 27 de cavalaria.
2.^o Regimento montado de artilharia.

2.^a DIVISÃO

- | | | |
|-------------------------------------|---|----------------------------|
| 1. ^a Brigada | { | 31 — Regimento de Astúrias |
| | { | 40 — » de Covadonga |
| 2. ^a Brigada (caçadores) | { | 2 — de Madrid |
| | | 4 — de Barbastro |
| | | 6 — de Figueras |
| | | 9 — de Arapiles |
| | | 10 — de Navas |
| | { | 11 — de Llerena |

10.º — Montado de Sibillereo.

12.º — de cavalaria Lusitania.

DIVISÃO DE CAVALARIA

1.^a Brigada { Lanceiros de la Reyna — 2
 » del Principe — 3

2.^a Brigada { Husares de Pavia — 20
 » de Princesa — 19

4.º — Regimento *Ligero de Campaña*.

5.º — Regimento de Montado.

Regimento de Sítio—Segóvia.

14 — *Tercio de la Guardia Civil*.

2.º — Regimento de *Ingenieros*.

Regimento de *Ferrocarriles*.

Parque *Electrotecnico*.

Automobilistas.

1.^a Brigada de Administração Militar.

1.^a Brigada de *Sanidad*.

*

* *

A opinião pública em Espanha, disseram-me vários competentes, seria completamente oposta a esta ruptura com Portugal e sobretudo os políticos da esquerda monárquica, os socialistas e os republicanos.

De resto, um projecto desta natureza encontraria, como encontrou, a opposição de todos os políticos que significam alguma coisa em Espanha.

Canalejas chegou a ser obrigado a dizer que preferia dar a demissão colectiva do govêrno a ceder a estas loucuras de conquista.

Desta attitude enérgica resultou o abandôno das idéas de conquista de Portugal, tanto mais que a diplomacia inglesa fez sentir quanto essas pretensões eram perigosas.

Mas agora, quando se declarou a guerra à República Portuguesa, houve um recrudescimento do desejo de romper com Portugal; Romanones também se opôs formalmente ao projecto.

Abriu-se, em vista desta opposição, um comêço de conflito entre o govêrno e o Palácio Rial, e êsse conflito chegou a tal gravidade que houve um momento, em fevereiro último, que esteve quási a cáir o govêrno liberal de Romanones por causa desta opposição às pretensões a Portugal.

O Rei chamou, nêsse momento, secretamente a Dato para saber se devia contar com êle, mas Dato recusou formar govêrno nestas circunstâncias e com um tal mandato.

*

*

*

— E, qual foi a impressão que produziu a entrada de Portugal no conflito Europeu?, perguntei eu a um dos mais conhecidos personagens do partido republicano.

— «A entrada de Portugal na guerra produziu sensação em Espanha porque mostrou a falta de idealidades existentes no povo espanhol e a situação de isolamento em que ficamos.»

— ?.....

— «Por mais habilidade que haja nos governos, ficamos com a hostilidade de todos os beligerantes e ameaçados de separação do resto da Europa.

«Olhe, meu amigo, continuou o ilustre republicano que me falava, o que é deplorável, em Espanha, é a forma como se olham os grandes problemas nacionais e os internacionais.

«Até agora, nenhum destes projectos de conquista de Portugal tem dado resultados porque *existe um divórcio de opiniões entre os governos e o Palácio Rial* e também porque o exército é incapaz de se impor.

«Mas que será amanhã?

«Portugal já deu uma resposta, tomando uma

atitude clara e definida sôb o ponto de vista internacional. Mobilizou as suas forças que, apesar de pequenas, bastam para garantir a sua liberdade sem depender dos caprichos de uma *camarilla* ou das oscilações de uma política num país vizinho.

«Infelizmente em Espanha ainda se não tomou uma clara atitude e quer-se continuar uma política imprecisa.

«E, *mire usted*, para terminar êste cavaco, vou contar-lhe o que se passou há tempos e lhe dará uma idéa das grandes preocupações internacionais espanholas...

«Aí vai a história:— Portugal teve necessidade de comprar, em Espanha, um certo número de cavalos para o seu exército mas, como isso poderia representar uma quebra de neutralidade, foram necessárias negociações diplomáticas e o estudo de compensações a reclamar do govêrno portugûes se o serviço fosse concedido.

«O ministro de Portugal, Snr. Vasconcelos, foi ver o Marquês de Lema, ministro de Estado.

«O nosso ministro dos negócios estrangeiros recusou formalmente.

«O dr. Vasconcelos resolveu ir pedir a Dato que interviesse no assunto e conseguisse o desejado.

«O princípio da venda de cavalos foi finalmente aceite, ficando para discutir as compensações a reclamar e que o marquês de Lema estudaria.

«Sabe o meu amigo o que êle reclamava de Portugal como troca?»

— Não posso adivinhar, respondi eu com curiosidade.

— «Pois pediu em troca dessa remonta importante, o estabelecimento de uma Igreja católica espanhola em Lisbôa dirigida por jesuítas!...»

UM CONTRASTE

Madrid, 1.º de Maio

Dizem os filósofos que a Vida é a consequência do desequilíbrio entre o desejo de eternidade e o de estaticismo ou seja, traduzindo isto em linguagem vulgar, o desequilíbrio entre a necessidade de mover-se e a necessidade de estar quieto.

A vida, por isto mesmo, é um contraste. Aristóteles e Platão, que hoje ainda dominam a razão de ser das coisas sôb o nome de vários filósofos modernos, entre os quais *Bergson* é o mais literário e pitoresco, passaram a existência a especular sôbre êste tema primacial que corresponde à razão espérmica de perpetuidade, o que determina o movimento, e o anelo de descanso, de repouso, que é a aspiração final do indivíduo e, por

assim dizer, a recompensa dêsse mesmo ideal de eternidade.

O certo é que, existindo em nós esta paradoxal discordância de tendências instintivas, ela determina a necessidade de buscar na vida tudo quanto é contraste, tudo quanto se contraria harmónicamente, tudo quanto está em conflito sem por isso perder o devido equilíbrio.

É esta, de resto, a razão de ser da Arte e da Literatura.

Buscai um assunto onde haja contraste, em que se sintam duas coisas em movimentos contrários mas que se perceba também a afinidade entre elas, e tereis encontrado um motivo para pensar, para esculpir, para pintar, para desenhar ou para escrever.

Depois, é só questão de *métier*.

Pôr à volta dêsse assunto fundamental que se chama vulgarmente *Idéa*, algumas das qualidades que são apanágio dos artistas, isto é, a observação, a fantasia, a vivacidade e a côr, a técnica emfim.

Mas, deixemo-nos de filosofias e vamos ao caso que nos interessa:— o que é difícil é encontrar no decurso da vida o contraste *chocante*, o tal enlace que constitue o assunto e representa a própria Vida.

Pois hoje, primeiro de maio de 1916, às onze horas da manhã, succedeu o seguinte numa das ruas principais de Madrid.

O entêrro da senhora Duquesa de Bailen cruzou-se com a manifestação operária do 1.º de maio em frente da Igreja das Calatraves.

*

* *

Não compreendeis o que isto tem de significativo?

Pois eu vou tentar explicar-vo-lo.

A senhora Duquesa de Bailen, cujo marido foi Grande de Espanha, de primeira classe, morreu — como me sucederá a mim e ao que me está lendo neste momento — mas deixou uma fortuna que é avaliada em vinte e cinco mil pesetas diárias de rendimento, o que, parece-me, não sucederá nem a mim nem ao que me lê, tanto mais agora, ao preço por que estão as pesetas...

Subia o entêrro, pomposamente, pela *Calle de Alcalá*, precedido de um faustoso piquete de *guardia civil* a cavalo.

Atrás, vinham uns cem padres a cantar responsos.

Uma nuvem negra de religiosas pertencentes

a várias ordens, ladeavam o corpo eclesiástico. As discípulas de *los colegios aristocraticos*, vestidas de preto e de coifas brancas, levavam tochas fumegantes.

O caixão, todo de ébano, vinha à vista sem colgaduras nem enfeites.

Só trazia as argolas necessárias feitas de prata tósca e uma decorativa fechadura, recortada também em prata, representando as armas ducais da Casa de Bailen.

O carro funerário era todo em talha lavrada. Seis parelhas de cavalos negros com penachos e jaezes de luto, puxavam a fúnebre carroça.

A seguir vinham três côches de gala da casa rial com os seus lacaios engalanados, de cabeleiras à Luís xv, com laçarotes pretos no final das tranças, de casacas azul-ferrete bordadas a ouro e vermelho, de meias de sêda carmezim e espadins de prata.

Depois vinha a soberba carroça de gala da Casa de Bailen, admirável de imponência orgulhosa, com dois cavalos côr de tabaco, com altos penachos tricolores, ajaezados de azul e ouro.

O côche levava o escudo e as armas de Bailen encimadas da importante divisa:

A MOI CHAULDEY

A criadagem ia vestida de casacas vermelhas bordadas a azul e oiro, e o calção era *bleu-roi*. As meias eram escarlata e os lacaios levavam, na mão esquerda, longas bengalas de castão lavrado em que se prendiam laços de crepe que flutuavam ao vento como o fumo mal cheiroso das tochas.

A pé, ia a aristocracia, os Grandes de Espanha, os ministros fardados e carregados de condecorações, diplomatas, antigos ministros entre os quais se destacava Maura e a sua barba branca e, por fim, todo Madrid conservador de sobre-casaca e chapéu alto.

*

* *

O cortejo subia lentamente a *Calle d'Alcalá* quando se encontrou com a procissão laica do 1.º de Maio que descia a mesma rua com os seus duzentos estandartes operários, nos quais se viam bordados os emblemas das aspirações proletárias: *Avante, Progreso, Libertad, Ensenanza, Fraternidad, Futuro*, etc., etc.

Desenhos simbólicos marcavam decorativamente o ideal destes operários.

Duas mãos bordadas a sêda apertavam-se fraternalmente.

Um sol amarelo com raios estilizados indicava ingênuamente que aquela associação aspirava à luz do espírito.

Mais de cem mil operários vinham nesta procissão descendente, cantando a *Internacional*, enquanto que os padres entoavam responsos no enterro da senhora duquesa de Bailen.

O contraste era curioso e emocionante. Duas tendências, dois ideais perfeitamente contrários, representando duas épocas, encontravam-se numa rua, e justamente diante da Igreja dos Calatravas, onde residem as ordens civis e militares da Espanha.

*

* *

Voltei-me para o lado, um pouco perturbado. O meu vizinho era um polícia com o seu casaco, meio inglês e meio alemão, que tão estranho parece numa cabeça de latino.

Olhei para êle interrogativamente e o polícia pareceu compreender, pois balbuciou:— *Es el pasado y el futuro!*...

— E o presente? — perguntei eu.

— *El presente*, — respondeu-me o polícia com um gesto coasivo — *dicen que es por la neutralidad!...*



ENTREVISTA COM DON JOSÉ FRANCÉS

(Silvio Lago)

José Francés é um homem que faz o milagre de transformar o dia em quarenta e oito horas, pelo menos.

Francés é cheio de actividade, mas metódico. Tudo para êle tem um tempo e uma medida e assim conseguiu, durante o dia, exercer a sua

laboriosa profissão de jornalista, a de crítico, a de conferente, a de propagandista das belas-artes, a de presidente de várias *tertulias* artísticas, a de romancista que publica vários volumes cada ano e até creio que lhe chega o tempo para ser qualquer coisa de importante na administração dos correios.

Don José Francés é um crítico profissional, cheio de fé na utilidade da Arte e, o que não é vulgar entre os críticos, cheio de competência.

Espírito observador, soube extrair às correntes artísticas que giram pelo Universo, o segrêdo dos seus movimentos e conseguiu, em artigos competentes assinados com o pseudónimo *Silvio Lago*, compreender as causas da evolução da arte espanhola e excitar essa renascença artística que, por mais que digam os scépticos, é uma realidade evidente na Espanha moderna.

José Francés consegue ter tempo ainda para ser um homem de uma amabilidade esquisita se se trata de obsequiar um artista, e não é êle que deixa de ir a uma única das numerosas exposições que se realizam durante o ano em Madrid e até nas províncias.

Tenho a certeza que se dessem a Francés uns modestos dez cêntimos por cada obra de arte que êle examina sôb o ponto de vista profissional, para

dizer o que lhe parece, seria mais milionário do que o próprio Conde de Romanones.

— «Mas, para quê a riqueza, quando se tem o gôzo das coisas belas?» — diz-me o illustre crítico com aquela pálida ironia que transparece por detrás das suas lunetas claras.

«Venha àmanhã ao *Círculo de Belas Artes* e lá almoçaremos com Beltran e não longe de Mazantini que foi *diéstro* e é hoje *senhor vereador!*...»

— Do pelouro da instrução tauromáquica?, perguntei eu.

— «*Nada de bromas*, amigo Leal!... Também lá vão ao *Círculo* os grandes artistas *Nestor*, *Penagos* e *Anselmo Miguel Nieto*. E, depois de almoçar, iremos à *Esfera* e passaremos por minha casa onde V. verá um pequeno museu.

«Lá estaremos à vontade e prestar-me hei a tôdas as entrevistas que *usted* desejar...»

— Mas olhe, querido *Silvio Lago*, que só desejo saber se V. é germanófilo ou se é francófilo?

— «*Mire usted que me enfado con eso de germanofilo!*... Essa pergunta prova que V. não leu o meu último livro *La muerte danza!*...»

«De resto os artistas em Espanha são francófilos na sua maioria. Como queria V. que eu fôsse germanófilo?»

«Só os architectos são um tanto pela Alemanha, pois compulsam muitas revistas alemãs para copiarem os projectos.

«Por exemplo, entre os 150 indivíduos admitidos ao concurso para o monumento de Cervantes, abundaram as cópias de monumentos fúnebres germânicos.

«E, inútil será dizer-lhe a si, porque já o deve saber, que a opinião pública espanhola admira a França. Se um ódio existe pelo que se chama *os aliados*, é só pela Inglaterra.»

— Mas, meu caro amigo, creio que os ingleses tem influenciado a moderna arte espanhola.

— «Tem V. razão, pois que o célebre decorador inglês *Beardsley* influiu no decorativismo espanhol, mas é necessário reparar que as influências estéticas chegam sempre à Espanha com atraso. *Beardsley* influiu nos desenhadores espanhóis por intermédio dos desenhadores franceses que estudaram o artista inglês. Por isso, estas manifestações decorativas que parecem, à primeira vista, importadas da Inglaterra, sómente representam um produto exótico que a França nos exportou.

«Os próprios catalães, que são os que vão na vanguarda do movimento artístico espanhol, são

completamente franceses, apesar de estarem atrasados.

«Por agora, estão na obcessão de *Paul Cézanne* e dos impressionistas franceses como *Monet*, *Dégas*, *Sisley*, *Pizarro*, e também se deixam influenciar por *Gaughin*, *Waugogh* e *Maurice Denis*.»

— Mas houve um manifesto a favor da Alemanha, não é verdade?

— «Houve mesmo dois manifestos. Um, a favor da França e outro a favor da Alemanha. O documento a favor da França foi assinado por artistas e outros intelectuais, enquanto que o manifesto germanófilo era assinado por padres, por pequenos proprietários, por aristocratas e por empregados públicos que, como V. sabe, são numerosos em Espanha. Aqui, toda a gente é empregado público, salvo provas em contrário.»

— E os jornais ilustrados?

— «Há, com efeito, alguns germanófilos entre os quais *El Gedeon*, *El Mentidero*, *El Fusil*, *Pum!*, etc., mas há a *Campana de Gracia*, *La Esquella* e *La Ibérica* de Barcelona que são a favor da França.»

— Já se fizeram exposições a favor dos alemães ou a favor dos Aliados?

— «Sim, já se fez qualquer coisa nêsse sen-

tido *pro Germânia*, mas passou despercebida por falta de importância. Certo é que se se fizesse uma exposição francófila, talvez que ela levantasse protestos da parte do público reacionário».

— ?.....

— «Sim, em Espanha, realiza-se o paradoxo de que o elemento conservador é que é o revolucionário. Por exemplo, são os *mauristas* unidos aos *jaimistas* que deram vida aos jornais de *matonismo* e de *guapeza* para se acercarem do povo. O tipo representativo dos Mauristas, que êles pretendem tornar popular, é o famoso *Don Felix del Manporro* que é o tipo do *chulo* avinhado com uma enorme móca na mão.

«É o tipo criado por *el Mentidero*.»

— Mas, fez-se alguma coisa de prático a favor dos artistas franceses?

— «Os catalães ofereceram aos seus colegas franceses para virem a Barcelona realizar o seu grande *Salon*. Esta oferta seria geral da parte da Espanha se os catalães não tivessem, como de costume, açambarcado a sua idéa. Os catalães protestam sempre contra o centralismo oficial de Madrid, mas escorregam no mesmo defeito centralizador para Barcelona.»

— E que lhe parece de Portugal?

— «Tudo quanto venha do país do grande Eça

de Queiroz parece-me muito bem, mas o que eu e os artistas espanhóis desejaríamos ver em Madrid eram todos os artistas portuguezes para que Portugal pudesse ser avaliado no seu justo valor e não sómente pelo seu tradicional e fantástico *terror dos mares* e pelos seus numerosos *piés de caballo!*...

«Nós, em Espanha, teríamos muito prazer em acolher os nossos camaradas portuguezes. Digalhes que venham até cá mostrar à Espanha a graça subtil e delicada das margens do Atlântico.»

— Obrigado, querido Don José Francés, por êles e por mim.

— «Por *usted*, não tem nada que agradecer. Já sabe que nós, em Madrid, o consideramos como da casa e talvez mesmo o conheçamos melhor aqui do que no seu próprio país.»

— Nêsse caso, obrigado por êles e lá lhes darei o seu recado.

UM PROBLEMA QUE INTERESSA A PORTUGAL

Bergson, o grande filósofo francês que veio agora à Espanha, em missão de propaganda, fez uma conferência no Ateneu de Madrid e ocupou-se do curioso problema da *personalidade*.

A sua figura insinuante e algo religiosa de *Clergyman* irlandês, predicou do alto da cátedra solene e por baixo do docel pomposo que é, em Espanha, o logar eclético e considerado para o desenvolvimento das actividades intellectuais.

Bergson, com a sua palavra precisa, elaborada difficilmente à medida que o cérebro desenvolve o pensamento, expôs o que quer dizer *personalidade*.

Falou, com a sua maneira, particular e original, tão discutida, que fala à razão com a lingua-

gem do sentimento, convertendo subtilmente o ouvinte mais rebelde às concepções filosóficas.

Disse êle o que já é conhecido de todos aqueles que se preocupam destas coisas explicadas pela maioria dos filósofos — de Platão a Espinosa — e tão interessantemente sintetizadas pelo magnífico filósofo artista da *Evolution créatrice*.

Mas, como a sua conferência, além do outro, tinha um fim puramente educativo, êle expôs, antes de mais nada, o que é *personalidade* sôb o ponto de vista metafísico e psicológico; notou as suas características e expôs a série de estados de consciência que estão desligados uns dos outros por soluções de continuidade, por vezes grandes, como se prova pelas observações curiosíssimas do grande psicólogo americano *William James*, mas soluções de continuidade que não impedem, contudo, o desenvolvimento progressivo e lógico dêsses fenómenos que constituem, no seu conjunto, uma entidade moral que é a *personalidade*.

Depois, apresentou o problema de saber se um conjunto de indivíduos, ligados por afinidades de raça, de cultura, de interêsses, de direitos e de deveres, podem ser considerados como um indivíduo com tôdas as características de uma *personalidade*.

Bergson opina que sim. Uma nação tem tudo quanto é necessário para constituir uma *personalidade* e pode desenvolver-se livremente como se desenvolvem os indivíduos.

E, chegado a êste ponto da sua admirável conferência, expôs as duas teorias contrárias.

A do desenvolvimento normal das nacionalidades como a dos indivíduos, sem que ninguém tenha o direito de opôr-se à sua existência, nem intervir, nem estorvar a evolução da sua *personalidade* e constituindo assim, as outras nações, no convívio das outras *personalidades*, um factor da harmonia universal, fecundo de riqueza e de beleza.

Expôs a teoria contrária, que consiste na falta de direito que tem uma nação menos forte, de desenvolver a sua actividade sem depender do consentimento das outras nações mais fortes.

A teoria da *Fôrça* regulando o *Direito*. Com êste sistema, chegar-se-ia a um resultado tirânico de uma nação impondo a sua vontade graças à *Fôrça* e escravizar as demais nações, posto que não se admita a *personalidade* intangível.

Bergson não disse, mas poderia ter dito, que as nações e os homens se não medem aos palmos...

O respeito das *personalidades* nacionais, continuou a explicar o grande filósofo, daria como

resultado o desenvolvimento harmónico dos povos.

Emquanto um dos sistemas tornaria nobre a vida e a enalteceria, fazendo-a mais bela e mais variada, o outro, empobrecê-la-ia até a aniquilar por completo.

*

* *

Mas, o que interessa sobretudo a Portugal é o facto do grande pensador francês, tão escutado em França e em Inglaterra, ter dado como exemplo frisante o de uma pequena nação cujo nome não pronunciou, como não pronunciou os nomes evidentes de França e Alemanha, como representantes das teorias contrárias.

«Uma nação pequena, disse Bergson, pode ter uma PERSONALIDADE e, por vezes, tem-na muito maior do que uma grande nação.»

«Um indivíduo pequeno pode ter uma entidade moral enorme e ter, por isso mesmo, uma grande PERSONALIDADE. Uma nação pequena pode, pelo seu proceder, pelo desenvolvimento da sua PERSONALIDADE, ocupar um lugar preponderante e correspondente ao seu esfôrço moral.»

*

*

*

Todo o problema de desenvolvimento da nacionalidade portuguesa está no antagonismo das teorias enunciadas por Bergson e, apesar de que os portugueses tem uma particular tendência a só meditarem no sentimento do *fado liró*, não seria mau que pensassem nêste pequeno problema filosófico.

*

*

*

A assistência numerosa que enchia o Ateneu de Madrid, compreendeu tudo quanto disse e até o que não disse Bergson. O ilustre conferente interrompia de vez em quando o seu discurso para afirmar subtilmente: — «*Eu não critico. Eu só analiso!*» e, sôb a égide destas declarações, êle pôde tornar mais evidentes ainda as duas teorias antagónicas e subjugar o auditório.

Certo é que houve quem se levantasse no meio da conferência e se fôsse embora, mas poucos foram êstes sectários germanófilos, incompatíveis com a boa educação.

O próprio Max Nordaü que assistia à velada, movia a sua estranha cabeça de judeu, mas não se levantou.

O resto da assistência escutou religiosamente a palavra do homem superior que a França enviara a Madrid para defender a mais bela de tôdas as causas — O direito intangível à liberdade sintetizado na *Personalidade*.

A PUBLICIDADE ESPANO-PORTUGUESA

Parecerá estranho aos leitores dêste livro, ver intercalado um capítulo sôbre *Publicidade* nestas informações sôbre interêsses internacionais espano-portugueses e, contudo, êle tem não só um fundamento, mas até uma razão máxima, pois talvez represente a síntese de tudo quanto se deve fazer e se não faz entre Portugal e Espanha: — a boa *Publicidade*.

Publicidade é uma palavra que muitos teem prostituído e confundido com o intrujão *rèclamo*.

A verdadeira *Publicidade* é, contudo, uma função social indispensável nas sociedades modernas — com a condição de ser inteligente e moral.

Necessita-se da *Publicidade* para tornar conhecido um produto, mas também se precisa de *Publi-*

cidade — e êste é o caso — para que dois povos se não degladiem estúpidamente ou se não voltem as costas sôb pretextos estranhos aos seus verdadeiros interêsses peninsulares, e isto por falta de conhecimento mútuo.

A *Publicidade* é algo desconhecida do nosso povo, como desconhecida também o é em Espanha, apesar da aparente vida publicitária que existe no país vizinho.

Com efeito, faz-se rèclamo em Espanha e em Portugal, mas não se sabe — senão excepcionalmente — fazer a verdadeira *publicidade* e, sobretudo, orientá-la superiormente, de forma a conseguir o duplo fim de tornar conhecidos os productos do país e a nação que os produz.

A América do Norte, mestre, entre todos os mestres nesta arte e, ao mesmo tempo, nesta sciência publicitária, poderia ter feito abrir os olhos aos peninsulares que se gabam da vivacidade da sua intelligência latina e até do seu exaltado espirito de assimilação, mas o facto é que, até agora, ainda se não viu em Espanha e em Portugal senão o aspecto exterior e anedótico da *Publicidade* e por isso ela é feita tímidamente e produz, por vezes, resultados negativos.

Há casas que estão gastando rios de dinheiro, mas isso não constitue a bela *Publicidade*, porque

esta não é proporcional ao que se gasta mas sim à intelligencia com que é feita, à progressão que se lhe imprime, à constância e à intensidade que se lhe determina.

A *Publicidade* tem leis que a regem e limites que é mister atingir e outros que é necessário não ultrapassar, pela mesma razão que é desnecessário tomar mais remédios que os indispensáveis para reagir contra qualquer estado doentio.

Não posso deixar de referir-me, neste livro, à conferência que tive a grande honra de fazer no *Ateneu* de Madrid a convite do mais admirável grupo de jornais que existe em Espanha e que, pode dizer-se sem favor, é um dos melhores que existem na Europa, pois nenhuma empresa de jornalismo ilustrado em Portugal, em França, na Bélgica ou na Inglaterra, conseguiu reunir uma série de publicações correspondendo a toda a gama de necessidades públicas como o realizou a *Prensa Gráfica* que edita, entre outras revistas, *La Esfera*, *El Nuevo Mundo*, *El Mundo Grafico* e *Por esos Mundos*.

Verdugo e Zavala, acompanhados do dedicadíssimo Lara, conseguiram apresentar umas publicações luxuosas e perfeitas a um preço que realmente espanta aqueles que conhecem este género de indústria jornalística.

*

* *

Prensa Grafica, sabendo que eu me dedicara durante bastantes anos ao estudo e ao exercício da *Publicidade* e fôra um propagandista activo desta necessidade moderna, na Inglaterra, na Bélgica, em França e em Portugal, aproveitou a minha estada em Madrid para me proporcionar uma conferência sôbre *Publicidade* que, segundo a opinião pública, constituiu um êxito e uma perfeita novidade.

Diante de um público numeroso, sôb a égide do *Ateneu* e da grande empresa jornalística, eu pude, durante uma hora, indicar os pontos principais que constituem êste curioso estudo da *Publicidade* e, no dia seguinte, tive o prazer de ver a imprensa madrilena declarar unânimemente que esta conferência fôra não só uma novidade, mas impressionara pelos assuntos em que eu tocara, correspondendo aos problemas primaciais que interessavam particularmente Espanha e Portugal.

Antes de começar a minha palestra, o grande escritor e ilustre ateneista snr. Garcia Sanchiz, fez uma apresentação em nome de *Prensa Grafica* e do *Ateneu* que eu não posso deixar de re-

produzir pelo que ela significa de delicado e de gracioso e, para não fazer perder nenhuma das suas qualidades literárias, tomo a liberdade de conservar o seu discurso na língua espanhola em que êle foi expressado.

«Señoras y señores: Seguramente recordareis haber visto en los escaparates de las fotografías provincianas esas en que un joven doctor se retrata con toga y birrete, y hace que iluminen la fotografía para que se vea, por las borlas que desbordan, como pertenece á varias facultades. Generalmente, hay un contraste harto cómico entre la ingenuidad del mancebo y la sapiencia que supone tanto fleco desbordandose con tanto color.

«Una cosa asi es la que me ocurre a mi esta noche; traigo una doble representacion, demasiado solemne: la de *Prensa Grafica* y la del *Ateneo*. Desde luego que no es una representacion para presentear al ilustre Leal da Camara, porque no necessita presentacion; le precede su fama, sino, y esta si la acepto con gusto, para darle la bienvenida en nombre del *Ateneo* y de *Prensa Grafica*.

Par lo demás, Leal da Camara, todos lo sabeis, es un español, ha sido un madrileño. Todas las primeras firmas de nuestra juventud le tutean y

mañana mismo van a congregarse para festejarle como merece, como al camarada que regresa al hogar. Pasó por Madrid, Leal da Cámara, influyendo en nuestra vida, dando un matiz nuevo y una expression insólita a la caricatura nacional, despues se marchó a Francia, donde continuó colaborando con compatriotas nuestros, entre otros Paco Sancha, y alli higo célebre su nombre por todo el mundo. ¿Quien no conoce los periodicos que el fundó y, entre otras cosas menudas é interesantisimas, esa coleccion de postales de los Soberanos de Europa, que ha recorrido y que forma el piso intimo de tantos y tantos estudios y saloncitos?

«Leal da Cámara, como hé dicho, ha influido ya una vez en la vida española; ahora viene a influir de nuevo. Esta noche, antes que nada, pretende infundir en los intelectuales y en los artistas el deseo de salir a la calle, el deseo de dejar la torre de marfil, el deseo de querer la vida; y esto en España tiene gran importancia, no solo para los artistas, sino para el resto de los españoles, porque algo que nosotros necessitamos antes que nada, creo yo, es tener la necesidad de tener necessidades. Aqui, donde se ha creido que era bastante alimento nutricio el queso manchego, que era bastante para vestirse la estameña,

que sirven para decorar las pinturas de cadáveres; aquí, donde se ha creído que toda esta pobreza bastaba para alimentar una imaginación y una sensibilidad, es más necesaria que en ninguna parte que se cree en el hombre el ansia de voluptuosidades, de gastar, de desgastar, de crecer, de derrochar, porque así se multiplican también las energías, y así el productor obtendrá también grandes rendimientos.

«¿Como vá á convencerlos? El lo sabrá. Vá á hablar al anunciante, el cual suele ser, dicho sea con respeto para el mismo, por su timidez para el anuncio, una ostra en la que es muy difícil encontrar el punto de apoyo para la palanca que ha de abrirla.

«Y acabo aquí. Únicamente recordaré, para que se sepa de que manera es interesantísimo esto del anuncio, una agudeza de un agente español, pero un agente ya cosmopolita, pasado por todos los mares y latitudes del anuncio, el cual, como una vez entrara en casa de un industrial á proponerle que anunciase su negocio, y este se resistiera con orgullo, aprovechando la circunstancia de que en aquel momento comenzaran a oírse la campana de una iglesia vecina, dijo:— Fíjese Vd. hasta Dios se anuncia!...

Hé dicho.»

*

* *

Em seguida a esta carinhosíssima apresentação, eu disse à selecta assistência o que significa o desequilíbrio entre a função produtora (*a Indústria*) e a função distribuidora (*o Comércio*) e as razões da sobreprodução industrial consequente da evolução considerável da mecânica, da química industrial e de tôdas as outras sciências de que se serve a indústria.

Expliquei depois o que já tive ocasião de expor em múltiplas conferências em Portugal, isto é, o estudo da *Publicidade* sôb o ponto de vista psíquico, e não me esqueci de apresentar o gráfico que mostra os principais estados de alma pelos quais passa um frêgues a partir da *indiferença* inicial até ao acto da compra e desenvolvi o que sabem todos os que se dedicam à psicologia ou sejam várias maneiras de despertar e fixar a *atenção*, de provocar o *interêsse*, de fazer nascer o *desejo* e de determinar a *vontade*.

Mas, se o auditório seguia amável e curiosamente a série de explicações e de experiências comprovativas do que estava dizendo, nada foi comparado ao interêsse que se manifestou no auditó-

rio quando a lógica evolução da palestra me levou a fazer notar que a série de explicações que estava dando sobre *Publicidade* deveriam ter um interesse particular para nós, peninsulares.

Expus o que deveria estar na alma de todos, mas que não é demasiado repetir constantemente.

Que amanhã a guerra, esta guerra que afinal de contas tem fins comerciais, há-de acabar. O grande problema que se debate entre a Inglaterra e a Alemanha e ao qual está ligado o interesse da França, é o da preponderância. Cada uma destas nações quere ter livres os grandes caminhos do comércio mundial.

Hoje, guerreiam-se porque não se entendem, mas amanhã, quando acabar a guerra — pois ela há-de acabar um dia! — quer vença êste ou aquele beligerante, quer não vença nenhum ou que terminem por vencer todos, conforme a solução final das habilísimas chancelarias que são capazes de tôdas as casuísticas, o certo é que tôda a indústria e todo o comércio que se intensificaram a trabalhar para a guerra vão trabalhar para a paz, isto é, para tôda a gente.

O principal comércio será entre a América e a Europa. Cada um dos enormes continentes produzirá o que convêm ao outro, e êsse aumento

trará uma sobreprodução e constituirá um novo desequilíbrio.

O problema comercial impõe-se. Como o resolverá o resto do mundo, não o sei, mas nós, que vivemos nesta Península Ibérica, é indispensável que estejamos preparados comercialmente para receber, transportar e reter aqui, na nossa terra, uma fracção de todos êsses produtos.

A nossa situação é excepcional. A geografia no-lo ensina. Não é preciso ser muito culto para o compreender.

Todos os produtos, quer sejam os que veem ou os que vão para a América, para a Ásia ou para a África, teem que passar, por fôrça, pelos nossos portos e é indispensável que se esteja preparado comercialmente para não ficarmos de bôca aberta, deixando passar essa avalanche de riquezas sem aproveitarmos nada — continuando o nosso eterno sistema a que o vulgo chama *deixar correr o marfim* e ficando sempre num constante atraso, enquanto a Europa fôr avançando a passos de gigante, graças à sua experiênciã anterior que lhe faz ver, já hoje, o que significa a *terapêutica* maravilhosa da *Publicidade*, que é a grande reguladora entre a produção industrial e a distribuição comercial.

E, não é só sôb êste ponto de vista que o pro-

blema da *Publicidade* interessa a nossa Península.

Os nossos países, situados no extremo limite da Europa, são a escala obrigada do grande turismo internacional, que traz e leva milhões de viajantes por êsses mares.

Os que veem, abarrotados de oiro, à busca das belezas europeias e do seu conforto, teem até agora como objectivo principal Paris, Londres, Bruxelas e Berlim.

É de lá que irradiam para as termas e para as montanhas à busca de lenitivo aos seus achaques e daí vem a riqueza turística da Suíça e a da França que, compreendendo o problema, desenvolveu a *Publicidade* das suas águas, das suas regiões, dos seus caminhos de ferro e conseguiu por fim transportar em 6 horas, no mais rápido dos combóios, os excursionistas, de Paris a Monte Carlo.

E nós, nesta península maravilhosa em que a temperatura é doce e o sol escandalosamente quente nas épocas em que se gela em Paris e em Bruxelas; nós, que possuíamos águas medicinais a cada canto de aldeia e até nas próprias grandes cidades como sucede em Lisboa; nós, que temos a fortuna de possuímos um povo cheio de tradições e de pitoresco, não conseguimos reter esta aluvião de excursionistas nem interessá-los sufi-

cientemente para que elles voltem, como succede aos paízes que sabem fazer a publicidade das suas coisas.

Os raros *touristes* que chegam até nós, fazem-no ao acaso, tímidamente e, quási sempre, quando já deixaram por essas capitais o melhor do seu dinheiro.

Se Portugal e Espanha comprehendessem o problema do turismo no seu grande e fundamental aspecto e se houvesse a noção do que podia resultar de um entendimento comum e de uma larga campanha de *Publicidade* por êsse mundo fóra, veriam certamente afluír aqui êsse ouro que não vem até nós senão contra alguns dos nossos vinhos e em paga das nossas laranjas.

Que se compreenda o nosso clima e o movimento exacto das suas estações; que se estudem, de comum acôrdo, as festas a provocar e os sítios em que elas devem sucessivamente realizar-se; que se abram as estradas necessárias; que se façam hotéis práticos; que se mexam um pouco mais depressa e menos caro os combóios; que se façam passar as linhas férreas pelos sítios ancestrais onde existem verdadeiros oásis na Península e que foram esquecidos e abandonados porque as linhas férreas se construíram para servir interêsses de outras ordens e faça-se saber tudo isto à Euro-

pa, à Ásia, à Oceania e à América por intensa e inteligente *Publicidade* e então se realizará o milagre de ver transformada a Península, o milagre de ver os capitais colaborarem inteligentemente e com fruto na comum prosperidade e o milagre — quási incompreensível ! — de ver acabada esta eterna suspeita entre dois países que teriam ambos o interêsse de explorar a mais rendosa e a mais complexa de tôdas as indústrias: a do *turismo*.

*

*

*

Todo êste sonho poderia realizar-se com a condição de se pensar sériamente na *Publicidade*.

E, não digam que não — que tôda a gente sabe perfeitamente onde está Madrid, Sevilha, Cascais, Lisboa e as Pedras Salgadas e que se não veem cá é porque não querem.

Não insistam por êsse caminho, pois é por êle que se chegou ao lindo estado de mútuo desconhecimento a que chegámos e à situação de sermos considerados, pelo resto da Europa, como pertencentes à civilização marroquina.

Convençam-se de uma vez para sempre que,

se nós todos sabemos onde está Luchon, Trouville, Carlsbad e Zurich, existe por essa Europa fora muita gente que se veste bem e que esbanja o dinheiro em viagens, mas que julga ainda que o genuino vinho do Pôrto se fabrica em Malaga e que o vinho de Alicante é oriundo da Ilha da Madeira...

UMA VELADA NA «TRIBUNA»



Os fundadores do cenáculo de *Pombo*

Há em Madrid uma grande efervescência literária e artística, uma real emulação entre os cultores das belas-artes — talvez maior ainda do que em Paris — e por isso, o visitante que toma uma certa intimidade com as manifestações intellectuais madrilenas, apercebe-se do número considerável de cenáculos nos quais se reúnem os prosélitos das várias teorias estéticas, onde se discute violentamente a obra dos outros mas sem o espírito de má lingua coscuvilheira impregnada de negativismo, como é costume em Portugal.

Nêsses cenáculos, critica-se a obra dos outros mas premedita-se também a factura de novas

obras de arte que, no seu conjunto, fazem, desta cidade, um magnífico falanstério de beleza.

No *Lion d'Or*, assentam arraiais os desenhadores sôb o patrocínio de *Silvio Lago*.

Em *Fornos*, os artistas de várias índoles são capitaneados por Valle Inclan que predica, enterrado no veludo dos assentos, sôbre o mistério estético de *fazer-se Centro* e sôbre a correlação do movimento das belas-artes com as grandes teorias filosóficas — sobretudo as platónicas — das quais o ilustre escritor é um fiel adepto.

No *Gato Negro*, o ilustre Benavente diz da sua justiça sôbre dramas e comédias acompanhado de perfumados cafés e de numerosos admiradores.

E, como êstes, há muitos mais cenáculos ou *tertúlias* literárias por essa *villa e côrte*, mas um dos mais curiosos, pela sua significação e pelo mérito indiscutível do seu magno pontífice — Ramon Gomes de La Serna — é o cenáculo de *Pombo*, onde se reüne aos sábados a nova geração literária e artística.

Pombo é um cafèsito antigo, solitário e triste, situado na *calle de Carretas*, à esquina da *viela de correos*.

De dia, tomam-se os famosos *limones* gelados e, de noite, o conhecido *assucarillo y aguardiente*.

Nesse café tradicional, composto de algumas salinhas baixas decoradas com velhíssimos espelhos que reflectiram várias gerações de fregueses, abancaram, nos seus tempos, alguns homens eminentes que os modernos *Pombianos* consideram, hoje ainda, como mentores espirituais.

Lá estiveram os ilustres — Larra e Espronceda no mesmo cantinho em que La Serna preside ao numeroso grupo de escritores e de artistas da geração moderna e, por isso, os actuais discípulos adoptaram como símbolo de filiação intelectual, o chapéu afunilado dessa época romântica e cavalheirosa.

A tebaida de *Pombo* é uma cripta silenciosa. As conversas são comedidas e respeitosas. Tão comedidas e respeitosas que a minha rebeldia nativa, que em Madrid encontra tanta simpatia afectuosa, insubordinou-se contra a protocolar e hierática companhia.

Imagine o leitor que o admirável Goya que também ia tomar bebidas ao Café do Pombo e que certamente esboçou nos mármore das mesas alguns dos seus geniais *caprichos*, não tem o direito, concedido a Larra e a Espronceda, de assistir, em espírito, à nova fermentação pombiana.

Pobre e querido Goya!...

Mas, os que sentiam a necessidade de frater-

nizar com o espírito do grande rebelde que soube atravessar a vida criando uma obra genial e sua, em contradição com os dogmas correntes da pintura e, muitas vezes, em conflito com os costumes hipócritas da sua época, quizeram fundar um novo núcleo a que o espírito do grande pintor das *majas* presidisse.

Foi nos *Gabrieles*, lugar em que, pela noite fora, se bebem vinhos andaluzes, claros como topázios derretidos, e onde se ouvem os requebros graciosos das *Aphrodites* madrilenas e até mesmo os pitorescos galanteios *chulapones*, que um grupo de irrequietos, aos quais eu pertencia, decidiu discutir, no meio do bulício dos cantares e das chalaças, os problemas mais sisudos da estética moderna.

Em *Pombo*, buscava-se o silêncio para melhor pensar. Nos *Gabrieles*, buscava-se o ruído, a gritaria, o amor, a transparência amarelada da *manzanilla* e do *montilla*, o cheiro acre e perturbante dos *clavés* e tudo quanto representa o movimento e a perturbação da Vida, para se meditar tranqüilamente.

A fôrça não pode revelar-se senão comparando-a à mesma fôrça e a Vida não deve ser criada senão no meio da própria vida.

A nova teoria obteve adesões e encontrou

adeptos — até mesmo entre os mais fiéis Pombianos.

Gomes de La Serna, que é um sincero, cheio de talento e de bondade, suspirava tristemente e marcava, na sua larga face rabelesiana, um rictus de amargura ao ver a profanação do sacrossanto espírito de *Pombo*, mas não deixava de acompanhar delicadamente os seus infieis até à beira dos *Gabrieles*.

Sómente, não entrava!...

*

* *

Nos *Gabrieles*, já o disse, tomavam-se *rondas* de *mantilla*, comiam-se múltiplas *tapas*, pensava-se e meditava-se.

Um dos mestres do cenáculo era o jovem pintor Gustavo de Maeztu, autor dos magníficos quadros em exposição no salão da *Tribuna*, num segundo andar da Praça de Canalejas onde poucos subiam — talvez porque o ascensor da casa estivesse em obras e o segundo *pisso*, sôbre um alto *entresuêlo*, diminuisse o gôsto pelas belas-artes e talvez também porque a pintura de Gustavo não fôsse a corriqueira pintura de tôda a gente.

Maeztu andava triste. Os seus olhos pequenos, que lembram redondos botõezinhos de botas, fixavam-se no infinito profundo dos olhos da opulenta Conchita e quedavam numa interrogação demorada...

O próprio Rocambole, o *vade mecum* de Gustavo de Maeztu, pelo qual responde o artista às insólitas perguntas que certos fazem a respeito do que lhes não interessa e não entendem, não bastava para distrair aquela alma inquieta que se abriga num tronco rude e forte encarrapitado em duas pernas tortas que se balançam compassadamente num ritmo de baile inglês.

Se um leigo impertinente pergunta a Gustavo de Maeztu qualquer coisa sôbre os segredos da sua admirável Arte, êle extrai tranqüilamente o Rocambole do bôlso do casaco, onde sempre o traz, busca dextramente a página em que êle sabe existir certo pensamento definitivo e responde friamente um dêsses palavrórios filosóficos de Mr. Ponson du Terrail:

«Do ódio ao amor vai só um passo !» ou então: «A vida é um mistério insondável !» ou ainda: — «*Ah! ah! dit-il en portugais!...*»

*

*

*

Maeztu veio ter comigo aos *Gabrieles* e disse-me sem rodeios: «é indispensável que inventes uma cilada para levar Madrid lá acima ao segundo andar».

E, nessa noite, com a aprovação de todos os de *Gabrieles*, entre os quais se contava com Bartolozzi, com Luís Bello, com Bagaria, com Echevarria, com Hermenegildo, com Espinoza, com Angeles e Conchita e até com Zamora *el bailarín* que é desenhador, dançarino e modisto extraordinário não só como *costumier* teatral mas como decorador das graças *callejeras* madrilenas, decidiu-se provocar no salão da *Tribuna* uma *velada* em que eu fizesse o prefácio, Gomes de la Serna o miôlo, Óscar Esplá (o músico do *Poema de niños*) fizesse a anedota filosófica e Gustavo de Maeztu terminasse com um substancioso epílogo.

Diríamos de nossa justiça às gentes e às artes.

E, com efeito, dias depois, realizava-se com grande êxito e notável assistência de tudo quanto representa inteligência e gôsto em Madrid, a *velada literária* na qual ficou assente a reputação, de

resto bem merecida, do grande pintor Gustavo de Maeztu.

Tomo a liberdade de reproduzir o prefácio falado em espanhol que a taquigrafia fixou, e isto para que o leitor compreenda a índole revolucionária da reunião.

«Minhas senhoras, meus senhores:

Gustavo de Maeztu, que é um espírito muito observador e muito ponderado, notou há quinze dias — época em que se abriu a sua exposição — que as duas terças partes do público que subia pela escada, vinha à casa do lado, onde, como V. Ex.^{as} sabem, está instalada uma clínica para cães; a outra terça parte não vinha tão pouco para aqui!...

Mas Maeztu, continuando as suas observações, viu que a metade desta terça parte continuava subindo a escada e ia ao andar de cima onde mora o vizinho fotógrafo que faz retratos animados.

Só alguns que outros visitantes, penetravam medrosamente no local da exposição, mas até estes heróis mostravam não perceber nada do que significava este mostruário de pintura.

Maeztu que, como já tive a honra de dizer,

é um espírito muito observador e ponderado, tirou a conclusão de que era preferível dedicar-se à clínica de cães e abandonar a pintura.

Mas, o pressentimento ou o instinto que tem todo o artista superior, fê-lo adivinhar que eu já me vi — *in illo tempore* — quasi ameaçado de ser veterinário. Por esta razão e talvez também por ser eu o mais recente dos seus amigos, veio pedir-me conselho.

Já sabeis que os últimos são sempre os primeiros; claro está que por esta razão eu posso considerar-me o melhor amigo de Gustavo.

Veio perguntar-me se realmente devia abandonar a pintura e deveria dedicar-se à veterinária.

Entre ambos, e ajudados pelos nossos queridos amigos e companheiros, o escritor Gomes de La Serna e o músico Óscar Esplá, arranjámos este *complot* de trazer V. Ex.^{as} aqui, a este salão.

Mas, uma discussão surgiu entre nós porque havia divergência nas opiniões. Uns, diziam que deveria escolher-se a praça de toiros de Madrid por causa do seu tamanho. Outros opinavam que a *velada* deveria ser neste salão, onde haveria logar suficiente. Com efeito, depois de muito termos pensado e de nos recolhermos, em nós mesmos, na profunda meditação dos *Gabrieles*, decidimos que deveríamos convidar o público para aqui.

Porque é preciso que V. Ex.^{as} saibam que não é por causa do tamanho do local, mas sim pela natureza destas janelas.

Estas varandas teem uma grande importância na nossa *velada* de hoje, pois assim como Paris é uma janela aberta sôbre o universo, conforme disse um portuguez illustre que viveu há anos em Madrid, estas janelas estão abertas — não sómente sôbre a praça de Canalejas — mas sôbre o Madrid que pensa, sôbre o Madrid que sente, sôbre o Madrid artista, sôbre o Madrid literário, sôbre o Madrid financeiro, sôbre todo o Madrid emfim !...

E nós temos o propósito de fazer chegar a todos tudo quanto aqui dissermos. Queremos ser ouvidos — antes de mais nada — por aqueles que, conhecendo o valor desta exposição, com tendências modernas mas definidas, contrastando com todo o convencionalismo estúpido do passado, decidem, após uma resistência passiva, uma resistência negativa, continuar vivendo no meio da convenção artística em que viveram constantemente isolados da vida.

É urgente que apareça alguêm que seja capaz de falar. É preciso que haja alguêm que tome o pretexto de uma exposição desta índole, que ostenta o sêlo de um artista em plena evolução, com

qualidades e defeitos evidentes mas com nobreza e sinceridade, para dizer o que é o bom e o que é o mau.

É mister ser audacioso, visto que esta exposição, cheia de audácia, no-lo estimula.

Não fazer isto é ser cobarde e colaborar nas mil dificuldades que embaraçam as idéas novas impedindo-as de avançar.

Não ir para diante, sinceramente, não é ficar num *statu quo*, mas sim ser reacionário. É preciso estar com os que avançam.

O que vou ter o prazer de dizer a V. Ex.^{as} é um simples prefácio da *velada* em que todos colaboramos e por isso êle será breve e só tocará nas generalidades estéticas que os meus queridos companheiros La Serna e Esplá desenvolverão com a autoridade e o talento que possuem.

*

* *

Aqui vai o prefácio: V. Ex.^{as} sabem que os artistas, como todos os homens, não teem razão de ser na vida senão pela sua sensibilidade.

As nossas acções, os movimentos que execu-

tamos, tudo quanto é a nossa vida real, é o resultado do reflexo da impressão que recebemos da vida que nos rodeia. Esta impressão, recebemo-la por intermédio dos nossos sentidos.

Ontem ainda, ouviram V. Ex.^{as} uma conferência de Bergson sôbre a personalidade e por isso é inútil que eu intente dar lições de psicologia, tanto mais que o que vos digo está na alma de todos.

Mas notem V. Ex.^{as} que não é tão simples, como à primeira vista parece, compreender as coisas que nos rodeiam, isto é a sua forma.

E menos simples é ainda o traduzir essa impressão, de uma maneira plástica, compreensível aos outros, conservando tôda a impressão recebida.

Pôr-se em contacto com alguma coisa da natureza e comunicar com a sua forma, com a sua côr, com a sua profundidade e com o seu volume e reduzir tudo isto a uma impressão bela, não é tão fácil como parece à primeira vista e tem algo de verdadeiramente complicado.

E por isso é que a maior ou menor facilidade em realizar êste prodígio e a maior ou menor intensidade em traduzir as impressões recebidas, define o maior ou o menor artista.

Dadas estas explicações preliminares que não

são referentes sómente aos artistas modernos mas aos artistas de tôdas as épocas, pois que todos tem e tiveram a função de interpretar a natureza e explicá-la àqueles que a não sabem sentir directamente, devo dizer que a sensibilidade se desenvolve em proporções diversas conforme a cultura do indivíduo.

Antigamente, as sensações produziam-se de um modo normal. A sociedade prestava-se à preparação do artista fundamental.

A maior parte da gente vivia uma vida vegetativa. Comia, bebia, dormia, reproduzia-se e morria. Era rara a pessoa que sentia a necessidade do contacto da Arte.

O verdadeiro artista podia, pois, desenvolver a sua sensibilidade sem *contrôle* e intensificar normalmente a faculdade primordial, porque, como V. Ex.^{as} sabem, o homem normal nasce com o embrião de tôdas as faculdades necessárias para ser pintor, escultor, desenhador, decorador, escritor, etc.

É o labôr cultural e a gymnástica intelectual que desenvolvem a sensibilidade, a põem ao serviço desta ou daquela faculdade.

Por exemplo: V. Ex.^{as} sabem, em princípio, desenhar. O desenho é uma consequência da intelligência. A pessoa menos apta é capaz de

reproduzir uma forma qualquer, uma vez que um mestre lhe tenha ensinado os processos de ver e de reproduzir. Porque, como digo, o desenho é questão de inteligência como a côr é questão de sensibilidade.

Quando um artista desenvolve uma ou mais faculdades de uma forma definitiva e está de posse da sua técnica, isto é, quando sente fortemente a Natureza e a reproduz em tôda a sua magnificência, chama-se-lhe Mestre.

Mas, o que é necessário não esquecer é que o desenvolvimento intensivo de uma faculdade ou a intensificação da sensibilidade atrofia quási sempre as outras faculdades, e por isso é que a maioria dos artistas só sabem o ofício de pintar porque para isso se educaram nas escolas e esquecem que o artista necessita, antes de mais nada, sentir inteligentemente a Natureza para só depois a pintar.

O *métier* é um *processus*, mas não é Arte.

Hoje, contudo, que o artista pode desenvolver sensibilidades novas, graças à divulgação dos conhecimentos, isto é da civilização, constitue-se um todo psíquico para cada artista, que os faz distinguir uns dos outros, pelas proporções diferentes das suas várias faculdades e constitue o que se chama vulgarmente o *temperamento*.

O que caracteriza o artista moderno é a complexidade das suas faculdades cristalizadas num mesmo temperamento.

Hoje, não se é sómente pintor como Velasquez ou escultor como Miguel Ângelo

É-se pintor, escultor e literato ao mesmo tempo, e é olhando-o através destas três principais faculdades que é necessário observar Gustavo de Maeztu que *concebe literariamente e pinta escultóricamente*, conseguindo o prodígio de dar à sua pintura a terceira dimensão que lhe faltava.

Claro é que tôda e qualquer novidade recebe a inimizade dos pintores consagrados que se entrincheiram nos velhos processos, dos quais não querem e nem sabem sair.

É o que nós, em Portugal, chamamos irreverentemente a reacção «*bota de elástico.*»

Lutou-se e luta-se pelo progresso da beleza e pela liberdade de sentir que é contrariada pelos consagrados em geral, e por isso essa expressão gráfica e tangível de *botas de elástico* veio definir para os intelectuais e para os que o não são, tudo o que representa o convencionalismo artístico que não é a consequência de sensações recebidas mas de *técnicas* já conhecidas e aprendidas só à fôrça de tempo e de trabalho.

Se o artista não se põe em contacto com a

natureza e a obra é uma fabricação banal e um mimetismo vulgar, então podem guardar as suas pinturas, as suas esculturas e as suas literaturas porque elas não valem absolutamente nada, pois lhes falta o principal, a única coisa que nobilita a verdadeira arte... um bocado de alma.

Esta é a teoria *botas de elástico* e que representa o paralelo daquilo a que os franceses chamam *Pompier*.

Vejam V. Ex.^{as} esta bota (*tira uma bota velha da gaveta*) e imaginem a pessoa que a calça fazendo esforços inauditos para encaixar o pé dentro desta elegância passada que contrasta com o resto do fato, com o chapéu, com os modernos costumes, com os automóveis, com os eléctricos, com a aviação, com as salas de banho, com os ascensores, com os cinematógrafos, com a telegrafia, com o telefone e com tudo quanto representa a carta de alforria do homem moderno que se liberta cada vez mais do jugo pesado da ignorância e da poeira anacrónica do passado.

Pois quando tudo evoluciona na vida, só os artistas pretendem continuar sentindo e produzindo como há centenas de anos o fizeram aqueles mestres que nesses tempos viveram!...

É por isso que, quando se encontra um artista como Gustavo de Maeztu, cheio de origi-

nalidade e de vigor, com um sentido decorativo que rompe com a monotonia ambiente e consegue produzir em nós uma profunda impressão com as suas figuras, sóbrias de desenho e intensas de côr e de volume, a ressaltarem sôbre maravilhosas paisagens que lembram visões ou sonhos irreais, é indispensável saúdá-lo como uma esperança de autêntica renascença.

Tudo nêste artista é questão de vigor e de paixão. A sua pintura é escultórica.

Ele conseguiu, já vo-lo disse, *realizar a terceira dimensão* que faltava à pintura e isto sem cair na vulgaridade simplista da geometria cubista.

Êste homem tem a cara de um pálido *Pierrot*, não a do pateta *Pierrot* da farça italiana que se deixa enganar estúpidamente por *Arlequim*, mas a de um *Pierrot* especial, algo parecido com a figura cómico-trágica de *Triboulet*, no *Roi s'amuse*, que sofre e chora sem deixar de rir para que se não veja a sua dôr.

Êste homem é um ser mortificado, cheio de paixão e de delicadeza. As suas paisagens lembram xarões japoneses e as suas figuras são pintadas com a delicadeza de miniaturas, mas com tanta sobriedade de desenho e de côr que a impressão recebida é de uma grande fôrça.

Pois bem; eu, que nunca o vi pintar e só conheço a sua obra realizada, parece-me perfeitamente ver Maetzou em acção com os seus pincéis e a sua paleta, reproduzindo a forma com sinceridade e definindo-a com linhas substantivas, colorindo-a adjectivamente, realçando com perspectivas e claros-escuros profundos e adverbiais a obra magnífica que forma um todo perfeito, como uma oração.

Vejo-o entrando pela matéria pictural e dando um pouco do seu ser a êstes pedaços de tela!...

É vejo-o, depois de terminada a obra, um pouco cansado, sentar-se a um canto do enorme quadro, com a sua cara de palhaço enfarinhado, olhar todo aquele esforço realizado, tôda a vida e tôda a sinceridade que deu *àquilo* que ali está, e pôr-se simplesmente a rir dando uma gargalhada irónica e picaresca...

— *«Tudo isto, não serve para nada, absolutamente para nada!...»*

Mas não! É preciso que tudo isto sirva para protestar contra o anacronismo pictórico dos vulgares e para dar esperança e coragem aos que são capazes de ser verdadeiramente artistas!...

Tenho dito.»

HÁVERÁ UM PERIGO CATALÃO?

Quando há uma agitação em Espanha ouve-se falar quasi sempre da Catalunha.

Porquê?...

A Catalunha tem sido, em Espanha, o lugar em que se desenvolvem todos os fermentos revolucionários.

Em política os liberais, os carlistas, os republicanos, os socialistas, os anarquistas, os separatistas e tantos outros, tem servido de pretexto para dissidências e revoluções nêsse povo irrequeto e insatisfeito, mas que ama o trabalho e trabalha.

Em arte, tôdas as manifestações revolucionárias da sensibilidade tem tido successo, adaptação e desenvolvimento na Catalunha.

Tem-se atravessado em Barcelona tôda a série de *ismos* estéticos, desde o naturalismo ao simultaneismo, passando pelo impressionismo, pelo pontilhismo, pelo sintetismo, pelo cubismo, pelo futurismo, pelo dinamismo, pelo abstracionismo e não esquecendo o Catalanismo próprio dito que tem tido, por sua vez, várias formas de expressão, também em *ismo*, entre as quais se deve destacar o genérico regionalismo e o mais particularista mediterraneismo que, como o seu nome indica, está saturado das tradições várias dos povos mediterrâneos que veem dar a essa costa catalânica um sabor acre e forte onde existe a influência evidente da soberana austeridade românica, algo também da simplicidade egípcia, um grande sensualismo de côr e, por vezes, a singular delicadeza que lhes vem, nas brisas do largo, impregnadas das tradições perfeitas da harmoniosa Grécia.

O certo é que os catalães representam em Espanha um caso *sui generis* que se repercute na política geral do país sôb o aspecto de uma preocupação constante, calmada por vezes com pancadaria nas ruas, com fuzilamentos e execuções, repressões brutais pela fôrça armada, que estão na memória de todos sôb os nomes de Montjuich, Ferrer, semanas sangrentas, etc., etc.

Pouco se têm adiantado com êstes processos repressivos e, o pouco que se tem conseguido, é tornar mais evidente o desacôrdo dessa província de Espanha com o resto do país.

Há dias ainda, nas côrtes de Madrid, abriu-se um memorável debate sôbre as aspirações catalãs e o deputado Francisco Cambó, um dos campeões de Catalunha, disse de sua justiça, alto e bom som, aos outros deputados e ao govêrno.

Acusou Espanha da falta de um ideal colectivo.

«No dia em que o povo espanhol se sentisse rico no seu património de ideais, não regatearia a autonomia política que pedimos; mas hoje, sente-se pobre, porque não tem outro ideal senão as mesquinhezes da política interior.»

E, depois de várias apóstrofes eloquentes, o Snr. Cambó declarou:

«Renunciarmos à nossa personalidade, aos nossos idealismos, aos nossos sonhos... não no-lo peçam porque é impossível.

«No dia em que renunciássemos a isso, não seríamos mais nada. Seria o nosso suicídio como povo, a nossa catástrofe como homens.»

E, como se estas palavras não bastassem para explicar o que é a esperança catalã, que os catalães querem que não fique eternamente resu-

mida num vago ideal mas, bem ao contrário, numa positiva realidade, o deputado Cambó terminou por dizer ao Presidente do Conselho de Ministros:

«Não creia Vossa Senhoria que, terminado êste debate, irá a representação regionalista até Catalunha em som de guerra ou em som de paz.

«E deixe que lhe faça uma ameaça que preocupará Vossa Senhoria mais ainda do que a própria intervenção estrangeira.

«Terminado êste debate, Senhor Presidente do Conselho, ficaremos aqui e então começará o pleito. Cada dia apresentaremos o nosso problema e, ou o aceitareis, ou, então, apresentar-nos heis um ideal em frente do nosso ideal. Mas o nosso pleito desenvolver-se há aqui e lutaremos com tôdas as nossas fôrças e utilizaremos todos os nossos direitos para que no Parlamento Espanhol seja definitivamente solucionado o problema catalão.»

*

* *

Êste problema catalão pode resumir-se nas múltiplas reivindicações expostas por Pi y Mar-

gall no discurso presidencial nos jogos florais de Barcelona em 1901 e, mais particularmente, nas seguintes:

1.º Estado catalão autónomo, soberano no regime da vida interior da Catalunha.

2.º Parlamento ou Assembleia legislativa catalã responsável só para com o povo catalão.

3.º Poder executivo e Governo Catalão responsável sómente para com a Assembleia.

4.º Vida do Direito Catalão, o qual terá na Assembleia o seu órgão de renovação.

5.º Poder judicial catalão, com um Tribunal Supremo que resolverá, em última instância, as causas e os pleitos dentro de Catalunha.

6.º Oficialidade da lingua catalã e o livre uso do idioma catalão em todos os actos privados ou públicos.

7.º União federativa Espanhola ou Ibérica, regida por um poder central que tenha o seu cargo as relações exteriores, as relações entre os Estados federados, o exército e a marinha, as comunicações gerais, a moeda, os pêsos e medidas, o comércio, as alfândegas, etc.

*

* *

É, como se vê, todo um programa de autonomia administrativa que conduz ao separatismo pelo desenvolvimento intensivo da nacionalidade catalã.

Certo é que êste separatismo não é expressado clara e abertamente, mas êle ressalta a cada instante sôb as palavras dos catalães menos políticos.

Uma destas noites, num banquete de artistas entre os quais estavam os pintores Maeztu e Echevarria, o inteligentíssimo Araquistain, o filósofo Ortega Gasset e outros intelectuais, o caricaturista Bagaria disse esta *boutade* que, apesar de *boutade*, significava um critério:

«Espanha, essa nação vizinha de Catalunha...»

Êste espírito de autonomia é reivindicado por todos os intelectuais catalanistas.

Prat de la Riba, o presidente da *Mancomunidad Catalana*, defendeu ainda há pouco a tese do nacionalismo político, isto é: — *A cada Nação um Estado* — entendendo nação como um conceito histórico e etnográfico e Estado como um conceito político. Prat de la Riba afirmou que

«em tôdas as épocas o espírito nacional catalão deixou rastos da sua existência manifestada em factos que, no seu conjunto, são a prova incontestável da individualidade da nação catalã.»

O professor e crítico de arte Joaquim Folch y Torres, ao desenvolver as teorias de influência artística em Espanha e o antagonismo estético que existe entre Espanha e a Catalunha, chega a estas duas conclusões:

«1.º que artisticamente, Catalunha, através da Idade-Média, da Renascença e dos tempos actuais, viveu sempre de costas voltadas para a Espanha.

«2.º que apesar de estar unida agora por laços de vizinhança e politicamente, em outros tempos, com a Espanha da brilhante civilização árabe, gótica e renascentista, nunca foi influenciada por ela em absoluto.

«A Catalunha, possuindo uma soberania espiritual, tem recebido as correntes artísticas que vieram a ela directamente mas nunca pelo conduto da Espanha.»

*

* *

Êste espírito de separatismo catalão interessa particularmente a Portugal, apesar da distância

enorme entre os dois povos, separados por todo o resto da Espanha.

Os catalães pensam dar o primeiro passo no caminho da liberdade, conseguindo a federação ibérica em que Portugal entrasse em equilíbrio de direitos e de deveres com a Catalunha.

O deputado republicano Marcelino Domingo dizia, no seu discurso de 10 de Junho, na Câmara dos Deputados, exactamente o seguinte:

«A Catalunha quer o seu Parlamento, o seu Poder Executivo, o reconhecimento da sua língua; mas não quer *segregar* Catalunha à Espanha; muito pelo contrário, quer *agregar* Portugal à Espanha para formar a federação ibérica que é um ideal de engrandecimento e de fraternidade nacional.»

Este sistema, por assim dizer, *compensador*, da entrada de Portugal numa federação ibérica, que viria equilibrar o facto da autonomia catalã, observei-o eu no decurso das conversas que tive com políticos e não políticos, quando fazia o meu inquérito a respeito da impressão produzida pela entrada de Portugal ao lado dos aliados mas, francamente, foram ainda os artistas aqueles que me deram uma nota mais curiosa e respostas mais inteligentes.

Os artistas são talvez os únicos capazes de

dar uma impressão inesperada e pitoresca de um assunto sem fazerem perder o carácter da verdade.

Os políticos, apesar de serem do *métier*, visto que, infelizmente, a Política é na Península uma verdadeira profissão, tem o gravíssimo defeito, para os observadores conscienciosos, do *parti pris*, isto é, a vontade de apresentarem as questões sôb um determinado aspecto.

Os artistas, pelo contrário, reflectem quási sempre a impressão política ambiente e aumentam a informação graças à sua sensibilidade especialíssima.

O illustre compositor, o *maestro* Vives, por exemplo, na sua meia hora de palestra no *Ideal Room* e o grande pintor de jardins e escritor subtil Santiago Russignol, na sua curiosíssima entrevista comigo no *Lion d'Or*, definiram a situação catalã, cada um a seu modo, mas com precisão e crítica, como certamente o não fariam melhor vários ministros de Estado.

*

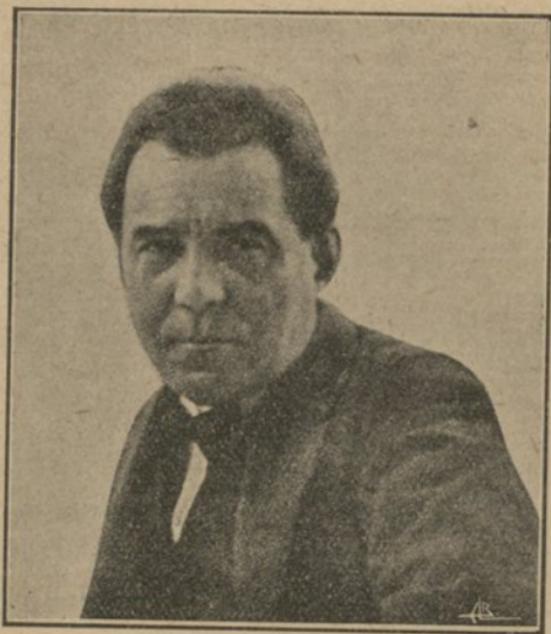
*

*

O *maestro* Vives disse-me que a entrada de Portugal na guerra desconcertara a opinião e

Espanha, mas que na Catalunha se vira a atitude portuguesa com prazer, assim como se sentira desgosto pela neutralidade espanhola.

«Certamente, continuou o ilustre músico, os



O maestro Vives

Catalães consideram Portugal como uma garantia de equilíbrio político numa confederação em que a Catalunha fôsse livre.»

E, pouco depois, no decurso da conversa, e como eu preguntasse quais as razões basilares

dessa esperança de equilíbrio com Portugal, o *maestro* respondeu-me desta maneira significativa :

— «É uma pura justiça e uma simples compensação. Durante a guerra da Sucessão, o exército castelhano acudiu contra a Catalunha, abandonando Portugal, o que impediu a liberdade da Catalunha e permitiu a independência portuguesa.»

Vives disse-me ainda que o problema primordial na Catalunha é o da independência catalã, dentro de uma confederação ibérica ou, pelo menos, espanhola.

As opiniões, na Catalunha, dividem-se em francófilas ou germanófilas, conforme o maior ou menor número de probabilidades que tem os aliados ou os alemães de resolverem esta questão de nacionalidade catalã.

«Espanha, continuou o meu distinto amigo, está como aquela criança que adormeceu aos dez anos e despertou aos quarenta. Está num estado de inconsciência espantosa no que respeita aos interesses vitais de algumas das suas províncias.

«O problema de Espanha, disse Vives no fogo da conversa, — e isso desculpa a intensidade da frase demasiado violenta — é um problema de cobardia!»

Referia-se Vives ao sistema político centralizador que se acobarda de resolver certos proble-

mas que parecem fundamentais e não são senão acessórios.

Esta política de paliativos é a que faz marcar passo à Espanha e a impede de resolver os seus grandes problemas fundamentais.

«O carlismo, por exemplo, dizia o meu amigo, mete medo aos governos, mas seria destruído num só instante se houvesse um governo com verdadeira decisão.»

E, sôb o ponto de vista geográfico, perguntei eu a Vives, a Catalunha desejaria conservar-se tal qual ela é, ou pensa em modificar a sua carta conforme a extensão da sua nacionalidade?

— «O ideal dos catalães seria ver reconstituído um Estado composto de todos os elementos de nacionalidade catalã.

«A Catalunha, que é de origem provençal, veria com prazer formar-se um Estado com a Provença que viesse de Marselha até Alicante, incluindo as Baleares.

«Seria a verdadeira resconstituição da antiga Catalunha e, se a França, depois da guerra, pensasse em formar uma grande confederação latina, obteria um éco de profunda simpatia na Catalunha e, creio eu, em tôda a Espanha.»



O ilustre pintor Santiago Russignol

*
* *
*

Santiago Russignol estava, uma destas manhãs, no café *Lion d'Or*, de volta de Aranjuez onde o grande mestre busca descobrir, em cada um dos seus quadros, a alma dos aristocráticos jardins.

Russignol é um pintor e um poeta. Devo também dizer que é um optimista.

A sua farta cabeleira branca não o faz ver a vida sôb aspectos tristonhos e, entre os meus companheiros de arte, nessa boémia madrilena tão sedutora, é Russignol talvez o mais jovem de todos na resistência às noitadas e um dos mais encantadores pela sua grande cultura e por êste não sei quê de superior que tem aqueles que viveram muito e amaram a vida com o carinho de verdadeiros amantes.

Russignol estava, como disse, no *Lion d'Or* na *Calle d'Alcalá* e, qual não foi o meu espanto, ao vê-lo abancado, apesar da hora matinal, com uns vinte escritores, em amável convívio, fazendo gestos desconcertantes e pronunciando frases mais desconcertantes ainda!...

— Você toma alguma coisa?...

— Há tanto tempo que não li nada seu!...

— Que parecido estava o seu retrato na *Esfera!*...

— Vá para o diabo que o carregue!

O romancista Eduardo Zamacois precipitou-se para mim gritando: — «Leal! Leal! atravesse você a sala, cumprimente afectuosamente Russignol, aperte a mão aos outros, sente-se ao lado de António de Hoyos e finja que toma um café!...»

Foi então que eu compreendi tudo. Zamacois

estava dirigindo a execução de um *film* cinematográfico para ir com êle à América do Sul mostrar, em conferências, que os artistas e os escritores em Espanha podem tomar café fraternalmente sem se devorarem.

Ao acabar a *pose* arrebatei Santiago Russignol aos seus amigos e admiradores e fui tomar um *wisky* com o mestre num canto escuro do café.

Russignol é optimista, como já disse, e é francófilo *enragé*.

Para êle, a Catalunha e a sua renascença pictural é influenciada por Cézanne, Wangogh e Goguin, isto é, pela França que soube consagrar êstes grandes artistas.

A literatura é puramente francesa.

«Só os escultores, pela simpatia pelo *kolossal*, tem uma pequena tendência para a Alemanha.

«A maioria dos catalães admiram a França. Os comerciantes são francófilos e os negócios com a França tem sido prósperos.

«Quanto a Portugal, viu-se a sua atitude com simpatia, como se simpatizou também com a proclamação da República portuguesa.

«Mas, diz Russignol, ninguêem cré que a República possa ser proclamada na Catalunha, o que não quiere dizer que a quási totalidade

dos catalães não seja composta de republicanos.»

— Mas parece-lhe, perguntei eu, que a Catalunha possa ser um factor importante de dissociação política ou o embrião de uma unidade nacional, completamente nova?

— «Olhe, meu caro, respondeu-me o ilustre artista, eu escrevi há pouco alguns trabalhos para o teatro e um romance intitulado *El catalan de la Mancha*.

«Nesse livro explico o que é o poder revolucionário da Catalunha.

«*El catalan de la Mancha* é uma novela feita à maneira dos romances de cavalaria.

«Um operário catalão, à fôrça de ler livros sociais, como D. Quichote lêra livros de Cavalaria, considera-se cavaleiro social e endoidece.

«Toma parte na *Semana trágica* e, com medo da polícia, foge para uma aldeia da Mancha onde tem um amigo catalão, proprietário de um café.

«Chegado à aldeia, começa a sonhar com as teorias de regeneração social e encontra-se com um D. Quichote do antigo sistema, um fidalgo de aldeia chamado Don Juan Antonio Ruiz y Perez de Castro Vido, proprietário de um moínho de vento.

«O operário catalão começa por ir ao café do amigo e predicar aos operários que frequen-

tam a casa, explicando-lhes que o jôgo da bisca e do bilhar são infâmias e que as revoluções sociais os esperam.

«Os operários decidem ir jogar a outro café.

«O apóstolo catalão continua predicando aos que ficam, que o álcool é um veneno e que o facto de beberem os conduz ao vício e ao crime.

«Os fregueses do café emigram e vão beber para outro estabelecimento.

«O dono do café, compreendendo o perigo de tais prédicas, pede ao catalão que se vá embora.

«É neste momento que o apóstolo tem uma idéa luminosa.

«Vai ter com o proprietário fidalgo, Don Juan Antonio Ruiz y Perez de Castro Vido e explica o seu plano, que consiste em transformar todos os moínhos de vento da região graças a uma cascata que, por sua vez, se transformaria em fôrça motriz.

«Os moínhos seriam movidos pela electricidade e o rendimento seria enorme. Cada moínho ficaria pertencendo a um operário.

«Don Juan Antonio Ruiz y Perez de Castro Vido, opõe-se a que os moínhos trabalhem intensivamente. Os moínhos, diz êle, não nasceram para trabalhar depressa.

«O catalão, vendo falhar o seu plano de re-

geração social, decide revoltar o povo e provocar a greve geral, mas só é seguido por uns oito indivíduos, entre os quais um amigo do dono do café e o próprio filho do apóstolo que, entre parêntesis, sente uma decidida vocação pela arte tauromáquica.

«Durante a contenda, o dono do café predica a Paz, mas os revolucionários matam-no.

«O catalão, em vista dêste deplorável incidente, organiza o entêrro, mas quer que o féretro seja acompanhado com uma marcha fúnebre laica.

«Infelizmente, só há um guitarrista na aldeia...

«A actividade do apóstolo volta-se então para outras revoluções e esquece o grande problema dos moínhos eléctricos que deviam regenerar a província da Mancha e a Espanha.

«E, lá no tôpo da colina, os moínhos continuam, tranqüila e vagarosamente, a dar voltas às suas enormes velas movidas pelo vento que as fez e as fará mover eternamente...

«O livro acaba, diz Russignol com uma doce bondade e uma expressão de profunda piedade, pelas palavras seguintes:— *«Se ouvirdes dizer um dia que um anónimo deitou uma bomba, talvez tenha sido EL CATALAN DE LA MANCHA!...»*



Don Ramon del Valle Inclan conversando com
Leal da Câmara

UM PLANO QUE FALHO!

O que me disse o senhor del Valle Inclan—Um austríaco no trono de Espanha e de Portugal—Duas abdições de pretendentes—D. Jaime de Bourbon sequestrado—A liberação de Gibraltar.

O plano extravagante que me contou Don Ramon del Valle Inclan, o ilustre escritor das *Femeninas*, das *Novellas de la Guerra Civil* e de *Lampara maravilhosa*, é um desses maquiavelismos concebidos pela Alemanha e que, como todos os planos demasiado lógicos, falha por um nada insignificante que desarranja tôda a científica combinação.

Se o plano alemão, de impor um rei austríaco à Espanha e a Portugal, tivesse ido àvante, o mundo teria aceitado o *fait accompli*, os filósofos teriam bordado teorias explicando as razões infalíveis que determinaram o facto histórico que, segundo êles, era fatal e lógico, e só de cem em cem anos appareceria um ou outro erudito que protestaria foros de sábio e entraria como recompensa no seio de uma gloriosa Academia.

A terra continuaria rodando e o drama peninsular que a Alemanha de 1914 premeditava seria considerado como naturalíssimo.

Mas como o plano falhou, são necessárias mil explicações para que se compreenda êste complicadíssimo enredo.

*

* *

Don Ramon del Valle Inclan é não só o escritor que mais influuiu no estilo literário da sua geração, mas também catedrático de estética na Academia de Belas Artes e um historiador sagaz que tem a grande visão dos acontecimentos e a previdência dos fenómenos sociais que daí resultam.

O Governo Francês convidou oficialmente Don Ramon a visitar a frente das batalhas e, neste momento, o escritor está nas trincheiras de Verdun depois de ter percorrido os logares, quasi santos, de Ypres e Reims e de ter voado, segundo consta, num aeroplano sôbre as linhas alemãs da Alsácia, deixando cair do alto do seu alado observatório um cento de bilhetes de visita que terão dado, aos alemães que os leram, uma idéa da bravura e da ironia latinas.

Os bilhetes levavam, impressos, os dizeres seguintes:

RAMON DEL VALLE INCLAN

CATEDRÁTICO DE ESTÉTICA

Don Ramon foi das primeiras pessoas que me visitaram quando cheguei a Madrid. No meu quarto do Hotel de Roma o illustre professor falou-me d'êste plano alemão no decurso da sua interessante conversa, a que assistiam os meus queridos amigos Luís Bello, redactor do *El Imparcial* e Salvador Bartolozzi, o grande pintor decorativo que herdou do seu antepassado, o célebre gravador Bartolozzi do século XVIII, um perfeito e subtil talento.

Valle Inclan é francamente anti-neutral.

Entende que a Espanha devia entrar na guerra ao lado dos Aliados.

A atitude portuguesa, lúcida e inteligente, indica o caminho que deveria seguir a Espanha se não quizer ficar reduzida a uma situação secundária na Península.

A guerra europeia, apesar da sua complexidade, resume-se, na opinião de Valle Inclan, ao Mediterrâneo e é nos Balcans que está o nó górdio, mais do que em Verdun ou em Paris.

Os alemães querem dominar esse mar de que necessitam para traficar directamente com o Oriente.

A Inglaterra prefere conservar o prestígio no Atlântico, que já domina.

Espanha, que está no extremo limite mediterrâneo mas que é também atlântica, deveria participar na guerra, tanto mais que Valle Inclan prevê a futura organização do grande bloco latino-mediterrâneo composto da Grécia, da Itália, da Espanha, de Portugal e da França como capital pensante.

Mas, chegado a este ponto, o meu ilustre amigo exclamou: — «os alemães compreenderam tão bem a necessidade desta futura confederação, que já tinham premeditado o arranjo desse bloco mediterrâneo sôb a tutela germânica.»

E começou então a explicar o curioso e complicado enrêdo de onde saía o plano alemão, que depois me foi confirmado por vários políticos, alguns carlistas e um representante consular francês, Mr. de Sorgues, que por certo fez um longo relatório do *complot* para o seu país e que pôs à minha disposição para que me ajude a explicar a dissertação de D. Ramon del Valle Inclan.

Mas, vamos por partes:

Luís XIV, ao consentir que seu neto Filipe d'Anjou aceitasse o trono de Espanha, pronunciou a célebre frase: *«Il n'y a plus de Pyrénées.»*

Esta frase queria dizer que os Bourbons de Espanha poderiam pensar na felicidade do seu povo, mas que não deveriam esquecer a sua origem francesa.

Nada se opunha a um constante entendimento.

As duas nações eram irmãs de raça e filhas, sôb o ponto de vista da civilização e da fé, da Roma imperial e da Roma imortal dos católicos.

Um neto de S. Luís de França no trono Espanhol só poderia fortificar os laços de estima entre os dois países e constituir um grande factor de paz europeia.

Mas a Germânia, eterna inimiga da civilização latina, opôs imediatamente um candidato austríaco ao Bourbon e assim se produziu a guerra da Sucessão de Espanha que terminou pelo triunfo de Filipe d'Anjou, legítimo herdeiro do finado rei Carlos II.

Cento e sessenta anos mais tarde, a Germânia recomeçou o seu projecto de deitar a mão à Espanha.

A candidatura de um Hohenzollern falhou, mas trouxe a guerra de 70 com a França, que comprehendera o perigo e opusera o seu veto.

Mas a Alemanha é tenaz e depois da vitória preparou, durante mais de quarenta anos, uma campanha que deveria ser de extermínio, que permitisse esmagar a França para sempre.

No seu plano entrava obter a colaboração e a cumplicidade da Espanha e por isso o imperador Guilherme II multiplicou as amabilidades e as promessas.

Depois, vendo que não havia maneira de se arranjar com o Bourbon que reina em Madrid que, para mais, se ligara a uma princesa de Inglaterra, e como também não se entendesse com o outro Bourbon, D. Jaime, rival de Afonso XIII, lembrou-se de colocar no trono de Espanha e de Portugal um austríaco.

Aqui é necessária uma explicação para entendimento do que se segue:

O rei Fernando VII, não tendo filhos varões, aboliu a lei sálica, que excluía do trono as mulheres, e fez proclamar herdeira sua filha Isabel.

Conforme esta lei, deveria ter tido por sucesor seu irmão D. Carlos e, na sua falta, seu irmão mais novo D. Francisco de Pádua.

Uma parte do povo espanhol recusou reconhecer D. Isabel como rainha. Um poderoso partido se formou para sustentar os direitos de D. Carlos e rebentou uma guerra civil.

O casamento da rainha Isabel com seu primo Francisco de Assis, filho de Francisco de Pádua, parece ter tido por fim preparar, para um futuro mais ou menos remoto, uma fusão que daria aos descendentes o carácter de legitimidade que foi e é ainda hoje recusado a D. Afonso XIII pelo partido Carlista.

Continuemos o enredo:

D. Jaime ficou celibatário. A descendência varonil, em linha recta, do primeiro irmão do rei Fernando extinguiu-se com elle e a successão pertence, segundo os princípios carlistas, ao descendente em linha recta do outro irmão do mesmo rei, isto é, a Afonso XIII.

A situação do actual rei com respeito ao pre-

tendente legitimista é a mesma do Conde de Paris e do Conde de Chambord.

Mas o que é seguro e certo é que os dois primos, apesar de rivais, estão de acôrdo.

Já manifestaram públicamente a cordialidade das relações em 1914 por ocasião da morte gloriosa do irmão da rainha e, entre parêntesis, eu tive pessoalmente algumas razões de me aperceber desta cordialidade entre D. Jaime e D. Afonso quando, há uns três anos, tive ocasião de falar em Paris com o pretendente ao trono de Espanha numa *soirée* em que o príncipe teve a amabilidade de querer ser-me apresentado. ¹

Lembro-me que D. Jaime me falou bastante bem de D. Afonso XIII, ao mesmo tempo que me disse as últimas de D. Manuel de Bragança.

Mas, voltando ao fio da complicada meada, devo fazer notar que a consolidação dos Bourbons no trono de Espanha não convinha à Alemanha.

Se D. Jaime tivesse, pelo menos, mostrado um certo ódio à França, ainda talvez que as suas pretensões ao trono fossem apoiadas pela Alemanha; mas Berlim percebeu que D. Jaime, co-

¹ Vêr o artigo seguinte intitulado D. JAIME DE BOURBON,

ronel do exército russo, não iria por este caminho, e então quiseram usar de um estratagema e obrigar o pretendente espanhol a abdicar, em nome dos interesses particulares da família e dos interesses superiores do partido carlista.

Era a velha história do condenado à morte por persuasão.

Este estratagema era baseado no seguinte: D. Jaime tem uma irmã chamada D. Branca, casada com o arquiduque de Áustria, Eugénio Salvador. Dêste casamento nasceu um filho e era neste sobrinho que D. Jaime deveria abdicar, visto não ter descendentes directos.

Este raciocínio pecava pela base, pois se D. Jaime, como todo o rei ou pretendente, tem o direito de abdicar quando quiser, não pode contudo escolher o seu descendente violando a lei orgânica. A lei sálica, que é a razão de ser do Carlismo, não indica o sobrinho de D. Jaime mas o seu primo Afonso.

Dadas estas conside-



O deputado Vasquez Mella

Caricatura de Bagaria

rações, que faziam ver a gravidade, para a Alemanha, na existência real de D. Afonso XIII, pensaram destroná-lo e substituí-lo por um arquiduque de Áustria.

Fez-se uma última pressão sobre D. Jaime por intermédio de sua família e do chefe do seu partido, o deputado e orador Vasquez Mella, que estava seduzido, como um místico que é, pelo messianismo prussiano.

Vasquez Mella e grande número de carlistas revoltaram-se por fim contra D. Jaime, determinando o que se chamou o *escândalo carlista* e a maior parte dos membros do partido legitimista espanhol deixaram-se levar pela palavra eloquente de Mella e supozeram que o pretendente fraudara e se entendera com o actual rei de Espanha.

O plano alemão tornava-se nêsse momento simples e complicado ao mesmo tempo:

Ao fim de quatro ou cinco semanas de guerra, Guilherme II tomava Paris, impunha uma paz humilhante à França e, a partir dêste momento, só tinha diante de si a Inglaterra por mar e a Rússia por terra.

O exército austro-alemão, comandado pelo arquiduque Eugénio, atravessava a França e penetrava em Espanha. Não vinha como inimigo mas acorrendo ao grito de socorro que lançariam

os partidários do jovem rei legitimado pela abdição voluntária ou forçada de D. Jaime.

O arquiduque Eugénio tomaria o título de regente do reino e a guerra da sucessão recommençaria se houvesse opposição, mas contava-se que à fôrça de oiro, de uma organização maravilhosa que existia em Espanha e que foi utilizada depois pelos alemães para outros fins, e juntando a liberação de Gibraltar e a cedência de Marrocos e da província de Oran, a maioria da nação se poria ao lado do novo rei.

Havia também Portugal, onde existe um pequeno partido legitimista de que é rei D. Miguel. Buscar-se-ia fazê-lo abdicar no filho e que êste renunciasse, por sua vez, aos seus direitos na pessoa do filho do arquiduque Eugénio.

Êste plano, concebido na côrte de Viena, determinava que o novo rei ficasse sendo ao mesmo tempo rei da Espanha e rei de Portugal. Um dualismo ibérico à maneira do dualismo áustro-húngaro.

O exército austro-alemão, uma vez que o novo rei estivesse proclamado em Madrid e D. Afonso destronado, marcharia sôbre Gibraltar que seria tomada rápidamente, pois não é bastante fortificada pelo lado da terra.

O imperador Guilherme, senhor de Gibraltar,

dava o golpe de morte à Inglaterra e enviava uma parte do exército até Lisboa, onde obrigaria o povo a aceitar o mesmo rei austríaco.

Os alemães contavam que os legitimistas portugueses formassem a razão de ser da idéa e com a totalidade dos monárquicos e dos descontentes que, à falta de D. Manuel, aceitariam qualquer rei com a condição de que a república desaparecesse de Portugal.

Os monárquicos portugueses diziam por essa época: — «*Em Portugal, antes Afonso XIII do que Afonso Costa.*»

Este plano maravilhoso falhou por duas razões essenciais:

A primeira é um incidente sem importância: — A batalha do Marne!...

O outro é a recusa de D. Jaime a abdicar como lhe pediam a sua família de Viena e o apocalíptico Vasquez Mella.

A Alemanha teve de retroceder do Marne em vez de seguir para o sul e, quanto a D. Jaime, não quis renegar a lei de sucessão e os princípios de que elle é representante e herdeiro.

Em vez de aceder aos desejos de Viena, foi para a França ajudar a tratar os feridos franceses.

A raiva foi tão grande na côrte austríaca e

a decepção tão enorme em Berlim que D. Jaime foi sequestrado em *Frosdorf*, onde está preso até ao final da guerra, apesar de que o imperador Francisco José lhe dera a sua palavra de que podia entrar e sair do Império como e quando lhe aprouvesse.

O carlista Francisco Melgar, amigo de D. Jaime e antigo secretário particular de D. Carlos, denunciou esta traição austríaca num opúsculo editado pela livraria parisiense de Blond-Gay e no qual dá largos detalhes sôbre a maneira como D. Jaime foi sequestrado.

*

*

*

Estas explicações lançam uma certa luz sôbre as pretensões ibéricas forjadas pela *camarilla* do rei Afonso XIII de Espanha.

D. Afonso conhecia o *complot* que se tramava contra êle e o plano de unificação ibérica que a Alemanha premeditava sôb o scetro de um austríaco.

A maneira mais prática de se defender dêste projecto ameaçador seria proclamar-se Imperador da Ibéria antes do desenvolvimento do plano ale-

mão e inclinar esta nova fôrça para os lados da Inglaterra que, na idéa dos diplomatas palatinos, protegeria e se serviria desta grande potência política e militar.

Êste grandioso projecto, contrariado pelo outro idêntico que tinham os alemães, era inexequível pelas razões que já atrás expliquei.

A entrada de Portugal na guerra deitou ao chão tôdas as últimas ilusões e o certo é que, no momento presente, todo o plano alemão falhou.

D. Afonso XIII continua reinando em Madrid e o Dr. Bernardino Machado é ainda o presidente eleito da República Portuguesa...



D. JÁIME DE BOURBON

A rápida conversa que tive com o pretendente legitimista ao trono de Espanha merece um relato.

Foi pouco antes da guerra. Acabava eu de chegar a Paris ido de Portugal. Abrira uma exposição dos meus trabalhos e fizera várias conferências para tentar pôr-me novamente em contacto com uma sociedade que abandonara durante três anos.

Um dia recebi, nessa exposição, um convite

para assistir a uma *soirée* no elegante *Casino de Paris*.

Uma companhia espanhola cantaria várias *zarzuelas* em francês e começava a série das suas representações por uma *velada* preliminar dedicada à colónia espanhola e sul-americana.

Convidei, por minha vez, o meu querido amigo Aquilino Ribeiro que publicara, havia pouco, o *Jardim das Tormentas*, livro de costumes rurais tão interessantemente escrito, de onde se evola, por um poder mágico de sugestão literária, o cheiro acre das urzes dos caminhos, a côr do sol que bate de chapa nos altos carreiros de Soutosa e onde não falta, sequer, o sensualismo quási sadio das bêstas que relincham de cio à porta das estalagens à hora em que as môscas zumbem no ar à volta das chapadas de bosta no meio das estradas beiroas.

Aquilino, pelo seu carácter rude e sincero de bom aldeão da serra e pelo seu intelectualismo delicado, habituado às subtilezas de Paris, é um companheiro admirável de quem me recordo sempre com saúde.

Ele e eu, lá fomos ao *Casino de Paris* levados pelo Metropolitano.

A sala, tôda atapetada, estava cheia de um público elegante.

Na plateia havia lindíssimas senhoras argentinas, mais elegantes e mais parisienses que as verdadeiras parisienses.

Nas frisas e nos camarotes estavam famílias ricas de Espanha.

Pairava no ar a recordação dos quadros de Goya.

Na frisa, ao meu lado direito, três jovens espanholas, de curtos e roliços braços cheios de pulseiras de brilhantes, não paravam um instante de moverem nervosamente os seus *abanicos* de sêda com varêtas de marfim lavrado.

Das orelhas pendiam adiamantadas jóias e refulgentes colares resplandeciam nos peitos velados de rendas pretas.

Por detrás, lá estava, como nos quadros de Goya, a velha mãe ou tia, com as carnes ressequidas penduradas dos músculos retezados da face, velha ruína pitoresca a que ficara reduzida a antiga perfeição da passada juventude que foi sensual e esplendida... há trinta anos!...

Mostravam-se a dedo as personalidades notáveis.

Ali, uma duquesa. Mais alêm, um escritor conhecido. Naquela frisa do lado direito estava a infanta Eulália, serena e majestática.

Num *fauteuil de orchestra* estava Don... fi-

nanceiro conhecido que o *Fígaro* anunciára no seu *carnet mondain* e que certos *agents de change*, lá para os lados da Bôlsa, assinalaram como vindo a um empréstimo sôbre acções de caminhos de ferro.

Pela plateia andava o célebre pintor Carlos Vazquez a distribuir apertos de mão, feliz dos seus triunfos recentes no *Salon*, da sua juventude exuberante e do seu colete de veludo de várias côres à Théophile Gauthier, que provocava o espanto dos encasacados, a ironia dos *smokings* e a admiração das lindas *señoritas*.

Na segunda fila estava um rapaz moreno, de fartos bigodes pretos e olhos orientais, que era olhado com curiosidade não só por ser o cronista parisiense do *A B C*, mas talvez mais ainda porque era o amigo íntimo da lindíssima Fornarina.

*

* *

Mas um nome corria de bôca em bôca formando um sussurro harmonioso de simpatia.

Dizia-se:— *Don Jayme!*... *Aquél, es Don Jayme!*... *Que guapo es Don Jayme!*... mur-

muravam as belas senhoras da frisa vizinha olhando por detrás dos seus arrendados *abanicos*.

Don Jaime de Bourbon estava com efeito na frisa fronteira, do lado esquerdo, um pouco escondido na penumbra da *baignoire*, com a mão direita — de fina lavra — apoiada no espaldar da cadeira.

Ainda novo, alto, fino e distinto, tinha, pelo prestígio do seu porte e do nome que representava, um ascendente enorme sôbre os outros espectadores.

Tôda a sala se pôs a olhar escandalosamente para a frisa onde estava o pretendente ao trôno de Espanha.

As senhoras não o largavam com os binóculos, mas D. Jaime continuava imperturbavelmente a olhar a um e um os camarotes e a seguir pausadamente a longa fila de cadeiras, repousando, aqui e alê, o seu olhar de homem que entende e aprecia o que são mulheres bonitas.

De vez em quando D. Jaime encontrava alguê, conhecido e, delicadamente, cumprimentava e sorria.

Outras vezes, parecia perguntar às pessoas que o acompanhavam qualquer informação sôbre espectadores desconhecidos.

Finalmente, subiu o pano e a estapafúrdia re-

apresentação do *Duo da Africana* em francês começou a distrair a atenção da sala.

No intervalo, Calderon Fonte, secretário da redacção das revistas *Elegancias* e *Mundial*, abeirou-se de mim e disse-me: — «Don Jaime deseja conhecê-lo pessoalmente.»

Confesso que fiquei um pouco surpreendido e algo indeciso, mas o segundo acto começava, e a apresentação ficava para depois.

Aquilino Ribeiro dizia-me em voz baixa: «você deve lá ir.»

— Para quê? perguntei eu.

— «Ora, retorquiu o Aquilino, sempre é um pretendente e olhe que êle tem lá no parlamento espanhol uns deputados *têsos* que teem feito *chiada!* O *Vazquez Mella* tem dado *água pela barba* ao govêrno.»

— Já veremos no fim do espectáculo; mas, francamente, não gosto muito de relações com príncipes...

Os poucos que tenho conhecido tem-me dado maus resultados... Uma noite, em Paris, ia indo para a cadeia por causa do actual rei da Bulgária que ceava perto de mim no *Olimpia* e pretendia conquistar com olhadelas uma dama do sítio à qual eu oferecia cervejas e competentes *frites*.

E, por outra vez, quando o rei Pedro da Sérvia foi proclamado Rei, depois da tragédia do *Konach* em Belgrado, andei dois dias doente do estômago por causa do *champagne* que pagou o irmão do rei, o actual condestável, aos frequentadores de certo *bar* da *rue du Helder* onde êle costumava tomar os seus *wisky-cocktails* como aperitivo.

E você sabe, dizia eu ao Aquilino, que apesar de não ter sido das relações pessoais do nosso D. Carlos, êle foi a causa de vários dissabores na minha vida.

Os príncipes, como vê, não me dão bons resultados.

— «Mas você devia lá ir, repetia obstinadamente o Aquilino. Sempre era bom ouvir o que diz o Pretendente ao trono de Espanha... Olhe que os reis vão algumas vezes ao trôno por *bambúrrio!*...»

*

*

*

A representação terminara. O público saía. Ao meio da porta que dá para o *hall*, com o instinto de bom caçador que sabe esperar no lugar propício, estava D. Jaime de Bourbon.

As senhoras e os homens passavam respeitosa-mente diante do príncipe e inclinavam-se cor-têsmente.

Quando cheguei, por minha vez, D. Jaime não esperou que me apresentassem.

Veio a mim, com a mão estendida e foi *sans façon* que me disse em espanhol:

«*Mucho gusto en saludarle*» e, pouco depois de eu ter respondido à galanteria do cumprimento, o príncipe continuou as suas amabilidades dizendo que tinha seguido com interêsse e estima a minha carreira artística desde os tempos madrilenos do *El Madrid Comico* e de *La Vida Literaria* até ao parisiense *Assiette au Beurre*.

«Eu interesso-me sempre, disse D. Jaime, pelos artistas em geral e em particular pelos artistas espanhóis ou por aqueles que trabalham para Espanha.»

È, depois de um instante de hesitação, o príncipe perguntou-me: — «Há quanto tempo não vai a Portugal?»

— Acabo de chegar há pouco do meu país, respondi eu.

— «Ah, *usted* chegou há pouco? È o que há por lá, ao certo? os conspiradores monárquicos teem probabilidades de exito?»

— O povo em Portugal, respondi eu, não me

parece que deseje voltar a um regímen que ficou um pouco desprestigiado.

— «Mas a República tem possibilidade de viver?»

— Quanto a mim, parece-me que tem.

— «Mas disseram-me, retorquiu D. Jaime, que aos políticos republicanos falta competência *y que son unos pillos!...*»

— O que há são dificuldades espantosas a vencer. Dificuldades dentro e fora do país e que só podem ser resolvidas com trabalho e tempo. O rei D. Manuel deixou à nação portuguesa uma herança material e moral cheia de escolhos.

— «Sôb o ponto de vista material não concordo, mas pelo lado moral, tem *usted* razão», disse o príncipe com vivacidade.

D. Jaime continuou a dizer nervosamente: «D. Manuel procedeu de uma forma abominável! Aquilo não é um rei, não é nada!... Um rei sem coragem e sem inteligência não é um rei!...»

D. Jaime parecia irritado com o proceder de D. Manuel durante a revolução de Outubro. Segundo êle, a atitude de um rei deveria ter sido outra e foi com certo desprezo que disse por fim, entre dentes: — «*es un chicuelo sin verguenza!...*»

«Que diferença, continuou o Pretendente, com o Rei de Espanha!... Sim, porque apesar de

D. Afonso ser meu *concorrente* (sic) não posso deixar de dizer que tem sabido ser um rei, interessando-se por Espanha e ajudando, com patriotismo, a renascença nacional... *pero don Manoel..., vamos hombre!...*»

*

*

*

E, ainda com um sorriso de amargura nos lábios, o príncipe apertou-me com fôrça a mão e disse-me adeus delicadamente...

CONSIDERAÇÕES GERAIS

(Para terminar)

Depois de tôdas estas entrevistas que mostram opiniões, por vezes contrárias, que eu respeitei, deixando a responsabilidade das declarações aos seus autores, julgo necessário que seja apresentada, em resumo, a minha opinião pessoal sôbre o inquérito que fiz e do qual eu só público uma pequena parte pelas dimensões restritas dêste livro.

É indispensável também que eu dê a minha impressão sincera sôbre o que vi e o que ouvi em Espanha, abdicando, bem entendido, de egoístas patriotismos, de servis adulações que não estão no meu carácter e pondo de parte as múltiplas amabilidades que tive a honra de receber em Ma-

drid, às quais o meu coração ficou e ficará prêso com saúde e gratidão, mas que não devem corromper o meu juízo.

A situação presente de Portugal e de Espanha, a especialização mesmo do meu inquérito que se limitava a saber o que pensava Espanha a respeito de Portugal e até que ponto êsse pensamento podia ter conseqüências para o país lusitano, obriga-me a encarar as conclusões única e exclusivamente sôb êste ponto de vista particular.

*

* *

O problema peninsular, na hora presente, põe-se em poucas perguntas:

— Há motivos de antagonismo entre os dois países?

— Há conveniência em que as duas nações vizinhas se entendam?

— Êsse entendimento corresponde às necessidades futuras de Paz ou poderá, pelo contrário, ser um elemento de conflito?

*

* *

Motivos de antagonismo verdadeiro, baseado na raça, não creio que existam. Os dois povos, apesar de se terem desenvolvido de maneira diferente, guardaram as características comuns que os fazem próximos parentes.

Há realmente certos conflitos de interêsses, entre os quais avultam os do tráfico ao longo da enorme fronteira espano-portuguesa e que, por falta de legislação comum, tem deixado medrar essa classe parasita de *contrabandistas*, a única a explorar nêste assunto em que as duas nações só podem perder.

Há também o conflito da pesca, por vezes cheio de tragédia e sempre pitorescamente interessante.

Um romancista poderia escrever, se conhecesse o assunto, um livro palpitante sôbre a vida dessa gente rude que busca a sardinha nas mesmas águas e, por vezes, se bate e se mata em pleno mar, à noite, à luz movediça dos archotes, sôbre as rêdes abarrotadas de peixe dos *cêrcos* e das *traineiras*.

Sem legislação, êsses incidentes marítimos ou

de fronteira, veem parar às autoridades respectivas e depois, pelas chamadas *vias legais*, chegam aos ministérios dos negócios estrangeiros dos dois países. Quando há uma quantidade respeitável de incidentes, prepara-se uma nota diplomática a título de reclamação e cria-se mais um azedume inútil.

Se existisse uma legislação comum ou um tratado, não haveria mais conflitos de fronteira e nem se repetiriam as histórias trágicas entre pescadores nas águas do Atlântico.

*

*

*

O que nos divide na Península, verdadeiramente, é a quasi absoluta ignorância que os dois países teem um do outro e, não esqueçamos, sobretudo a eterna espada de Damocles da política internacional, constantemente suspensa sobre a Península.

A mútua ignorância em que estamos, conduz-nos à *blague* estéril e ao desprêzo ridículo.

Grande parte dos portuguezes consideram a Espanha como um país povoado de môços de fretes e de toureiros, mas os espanhóis, por sua vez,

vêem Portugal como uma espécie de *Tarrascon* ridículo, onde se mexem seis milhões de *Tartarins*.

Dêste critério simplista resultam opiniões, por vezes pitorescas, mas sempre deprimentes e negativas.

A mais curiosa é talvez a que pretende definir o país lusitano:

«Portugal é um país que os espanhóis inventaram para poderem ir ao estrangeiro sem terem de sair de Espanha».

E Canalejas disse um dia em conversa a alguns amigos, à maneira de chalaça: — «O problema ibérico seria fácilimo de resolver. Espanha deixava-se conquistar por Portugal. As tropas portuguesas invadiriam a Espanha e viriam a Madrid impôr o mais vergonhoso dos tratados de paz. E, como depois de firmada a paz, haveria um comum congresso de deputados e de Senadores, Portugal mandaria as suas duas dúzias de representantes e a Espanha mandaria duzentos!...»

Tanto em Portugal como em Espanha se pretende existir uma diferença fundamental no carácter da raça e nos costumes. Com efeito, alguma diferença se nota.

Basta observar uma idêntica iniciativa que

provoque várias actividades em cada um dos dois países.

Essa mesma iniciativa dará quasi sempre como consequência em Espanha: — um *te deum* ou uma tourada e em Portugal provocará uma sessão solene ou uma *kermesse!*...

*

* *

Mas tudo isto são *boutades* que mostram o desconhecimento do que é uma verdadeira nacionalidade como a Portuguesa, que se tem desenvolvido normalmente e tem podido, graças ao Atlântico que banha de norte a sul as suas costas, receber as influências estrangeiras de uma forma lógica e progressiva, dando à raça portuguesa essa qualidade de brilho levantino e esse carácter homogéneo tão curiosos de observar nos costumes e na própria língua, rica de vocábulos importados e adaptados à nossa índole.

O que nos convinha era desenvolver o conhecimento entre os dois povos.

Que a Espanha mandasse até nós os representantes da sua verdadeira intelectualidade e que Portugal enviasse também os seus.

Que a Espanha promovesse aqui exposições dos seus grandes artistas que tem sido os melhores diplomatas espanhóis, pois teem conseguido e sustentado o crédito moral da Espanha na Europa que os políticos se esforçaram quási sempre por perder.

A Espanha, que a Europa admira e que serve de garantia e crédito ao trabalho e à evolução de todo um povo, é a Espanha de Velazquez, de Murillo, de Goya, de Calderon, de Lope de Vega e de Cervantes e a moderna Espanha artística dos Zuloaga, dos Anglada e de tantos outros que vão por êsses mundos cantar a terra de Espanha.

A Europa não admira a Espanha de Montero Rios, nem a de Weyler e nem mesmo a Espanha do cardeal Sancha.

Que venham pois a Portugal os verdadeiros mestres desde Zuloaga e Anglada a Russignol, Casas, Sorolla, Nonells, Apa, Beltran, Anselmo Miguel, Romero de Torres, os irmãos Zubiaurre, Echevarria, Muñoz Degrain, Maedtu, Benedito, Pinazo Martinez, Bilbao, Benliure, Moreno Carbonero, Mateu Imurria, Bartolozzi, Penagos, Sancha, Tito, Carlos Vazquez e tantos outros que mostrarão as tendências várias do sentimento espanhol.

Que venham também os grandes escritores e

pensadores como Galdós, Valle Inclans, Benavente, Baroja, Azorim, Blasco Ibañez, Gomes de la Serna, Unamuno, Ortega y Gasset, Bonafoux, Cária, Gomes Carrillo, Ayala, Alcantara, Bello, etc.

Que venha alguém, de categoria, dizer quem foi o filósofo Joaquim Costa.

Que venham os músicos ou as suas obras, para que se conheça em Portugal a evolução da música espanhola de Breton e Chapi a Pedrell e a Albeniz e dêstes a Turina, a Falla, a Granados, a Usandisaga, a Curado del Campo, a Óscar Espla, a Vives, a Luna, a Guridi, a Morera e ao, quasi nosso, querido compositor Pedro Blanco, o autor de *Hispania* e das admiráveis *Galánias*.

Que venham os sábios capitaneados por Ramon y Cajal ou por Carracido e que também venham os ilustres Cossio, Rubio e Castillejos. Que venha tudo o que há de bom em Espanha mas, por Deus!, que não venham nem políticos nem toureiros, pois dêstes já estamos saturados em Portugal.

E que nós, por nossa vez, enviemos a Madrid os nossos pintores e os nossos escultores, que não farão má figura, os nossos escritores, os nossos poetas, os nossos músicos, a nossa cerâmica, as nossas magníficas pratas lavradas e tôdas as manifestações do nosso génio português.

Que se consiga um verdadeiro intercâmbio de intellectualidade e nenhuma das nações perderá nada com isso.

*

* *

Mas há um *mas*, e êste é de rial importância. É necessário não esquecer que Portugal tem os seus interêsses ligados ao Atlântico e que os espanhóis dependem do Mediterrâneo.

Portugal, para ser lógico e leal, tomou uma attitude definida pondo-se ao lado da Inglaterra e garantindo nêste confim da Europa os grandes interêsses Atlânticos.

A Espanha ainda não definiu a sua attitude e tem deixado medrar, sôb o sofisma da neutralidade, a esperança de uma solução do problema mundial para tomar depois a attitude que mais convenha aos seus interêsses mediterrâneos.

E não esqueçamos também que na Espanha moderna não há realmente germanófilos e francófilos, mas êsse quási unânime antagonismo pela politica inglesa, que só é compreendida nalguns portos da Galiza e em Bilbáo.

E, aqui está o ponto difícil de resolver e que

pode complicar a situação na península, se se intenta uma prematura aliança, antes mesmo que os aliados tenham conseguido varrer a Turquia para lá da Europa e arranjado o *imbróglio* dos Balkans, isto é, definir os interesses mediterrâneos ainda em litígio.

Porque, ou Espanha inclinaria a sua política mediterrânea para o lado da Inglaterra e, neste caso, tudo seria fácil ou, pelo contrário, intentaria servir-se de Portugal para reagir contra a Inglaterra e seria então uma causa de conflito quasi immediato.

E, mesmo que um entendimento político fosse possível para tratar dos interesses internacionais dos dois países, ainda haveria uma interrogação suspensa sobre o futuro da península ibérica: Madrid? ou Lisboa?

FIM

EM PREPARAÇÃO

Regardez, s'il vous plait (Portugal visto de França)

Olhai, olhai, examinai!... (Portugal visto de Portugal)



Livraria Chardron, de Lêlo & Irmão—editores

RUA DAS CARMELITAS, 144 — PORTO

EÇA DE QUEIROZ

O Crime do Padre Amaro	1\$20
O Primo Basílio	1\$00
O Mandarim	\$50
Os Malas, 2 vol	2\$00
Correspondência de Fradique Mendes	\$60
A Ilustre Casa de Ramires	1\$00
A Cidade e as Serras	\$80
Contos	\$60
Prosas Bárbaras	\$60
Cartas de Inglaterra	\$50
Ecos de Paris	\$50
Cartas familiares	\$50
Notas contemporâneas. Últimas páginas (manuscritos inéditos)	1\$00
As Minas de Salomão (tradução)	\$60
Revista de Portugal (colaboração), 4 vol.	12\$00
A Eça de Queiroz. Discursos na inauguração do seu monumento	\$30

A. D'EÇA DE QUEIROZ

Rodolfo Marla—O Anarquista	\$50
Farça Trágica	no preço

ABEL BOTELHO

Patologia Social

I—O Barão de Leivos. romance. 3.ª ed.	\$80
II—O Livro de Alga. romance	\$80
III—Amanhã, romance do proletariado	\$80
IV—Fatal Dilema	\$80
V—Próspero Fortuna	\$80

Sem remédio, romance.	\$50
Os Lázaros, romance	\$70
Mulheres da Belra	\$70
Idílio triste, rom.	no preço

EDUARDO SCHWALBACH

Poema de Amor (peça em 4 actos)	\$60
A mulher (conferência)	\$12

EUCLIDES DA CUNHA

A' margem da história	\$80
---------------------------------	------

COELHO NETO

Sertão	\$60
A Bico de pena	\$70
Água de Juventa.	\$70
Romanceiro	\$50
Teatro, vol. I	\$80
Teatro, vol. II.	\$40
Quebranto (teatro), 4.º vol.	\$50
Teatro, vol. V.	no preço
Fabulário	\$50
Jardim das Oliveiras	\$50
Esfnge	\$60
Miragem, romance	\$60
Apólogos	\$50
Inverno em flor	\$70
Mistério do Natal.	\$50
O Morto.	\$60
Banzo.	\$50
A Conquista	\$70
Rei negro	\$80
Capital Federal	\$60
Treva.	\$70
Tormenta	\$60

JOÃO GRAVE

Os famintos	\$50
A eterna mentira	\$60
O último fauno	\$50
O Passado	\$50
Gente pobre	\$60
Jornada Romântica	\$60
Reflorir	\$60
Reinado trágico	\$70
A Inimiga	\$80
A Mor vence	no preço

LEAL DA CÂMARA

atren ustedes (Portugal visto de Espanha)	\$50
Regardez, s'il vous plaît (Portugal visto de França)	no preço
Olhai, olhai, examinal (Portugal visto de Portugal)	no preço

MATEUS DE ALBUQUERQUE

Visionário	\$50
----------------------	------

LUIS MURAT

Ondas (versos)	1\$00
--------------------------	-------

24